



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PRÁTICAS  
SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA UNIVERSIDADE DE  
CRUZ ALTA- UNICRUZ**

DENISE MARIA BOSSONI DO AMARAL

**A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO  
VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O  
CÃO NO CONTEXTO INCLUSIVO**

CRUZ ALTA – RS

2016

DENISE MARIA BOSSONI DO AMARAL

**A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO  
VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O  
CÃO NO CONTEXTO INCLUSIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, como requisito parcial para obtenção de Título de Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni

CRUZ ALTA - RS

2016

DENISE MARIA BOSSONI DO AMARAL

**A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO  
VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O CÃO  
NO CONTEXTO INCLUSIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, como requisito parcial para obtenção de Título de Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Cruz Alta- RS, 18 de fevereiro de 2016

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni - Orientadora \_\_\_\_\_ UNICRUZ

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Maria de Oliveira Pavão - \_\_\_\_\_ UFSM

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Santana Camargo - \_\_\_\_\_ UNICRUZ

Suplente Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cândida Elisa Manfio - \_\_\_\_\_ UNICRUZ

Dedico este trabalho aos meus filhos, meus amores!  
Aos meus alunos, motivo da minha busca!  
Aos meus amigos e amigas que acreditaram que seria  
possível e me incentivaram durante a caminhada.  
Aos professores que auxiliaram com seus  
conhecimentos e amizades.  
À Universidade de Cruz Alta, Instituição responsável  
pela minha formação acadêmica.  
Agradeço a Deus, porque sem Ele no coração nada  
teria sentido.

*Chegará o dia em que todo homem conhecerá o íntimo dos animais. Nesse dia, um crime contra um animal será considerado um crime contra a própria humanidade.*

(Leonardo da Vinci)

## RESUMO

### A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O CÃO NO CONTEXTO INCLUSIVO

Autora: Denise Maria Bossoni do Amaral  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni

Esta pesquisa tem o objetivo de demonstrar os benefícios do vínculo afetivo na interação entre o homem e o cão nos processos de interação, socialização e aprendizagens com pessoas com necessidades especiais, justificando assim a Cinoterapia como estratégia inovadora e terapêutica realizada com auxílio do cão como coterapeuta. A terapia com o cão tem como enfoque principal ações lúdicas diferenciadas auxiliando no processo inclusivo e trazendo inúmeros benefícios ao aluno participante do processo pela relação afetiva estabelecida com o cão, configurando como prática social transformadora da realidade no contexto escolar em que a inclusão se faz necessária. A iniciativa de inserir os animais no ambiente educativo e social, como diferencial no tratamento holístico do ser humano é o objeto de estudo desta dissertação de mestrado acadêmico em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Espera-se que seja estabelecida uma relação afetiva baseada na troca e na confiança, oportunizando práticas pedagógicas com brincadeiras e jogos de percursos, ressignificando as diferentes situações de conflito emocional e de aprendizagens dos sujeitos participantes, que é o objetivo desta proposta, ou seja, buscar na metodologia ativa e participativa, que considere o contexto e as diversas concepções de mundo, ações que desencadeiem bem-estar, aprendizado e desenvolvimento. Acredita-se que a presença de cães no convívio humano possibilita o despertar de sentimentos poderosos como cuidados, carinho, atenção, lealdade, preservação do instinto de alerta, estímulos para desenvolver a imaginação nas brincadeiras, melhorando a atenção e concentração, instigando o uso da linguagem verbal na comunicação com o cão, facilitando os contatos sociais, afastando a solidão pelo companheirismo e pela capacidade do cão em despertar uma comunicação emocional com o ser humano promovendo o autoconhecimento (consciência corporal, emocional e mental). Para que a Cinoterapia seja considerada um método terapêutico é necessário que exista uma metodologia e um terapeuta devidamente capacitado mediando o processo cinoterápico. A proposta de pesquisa-ação realizou-se com um sujeito autista e um com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) que foram observados, analisados através da matriz de análise e análise de conteúdo. O projeto efetivou-se de n interdisciplinar junto à EASA e ao projeto de Equoterapia, em parceria com a UNICRUZ.

**Palavras Chave:** Coterapia. Emoção. Inclusão. Interação. Sinergia.

## **ABSTRACT**

### **THE CINOTERAPIA AS A SOCIAL PRACTICE: LINK BENEFITS AFFECTIVE ESTABLISHED BETWEEN HUMAN AND DOG IN THE CONTEXT INCLUSIVE**

Author: Denise Maria do Amaral Bossoni

Advisor: Dr. Vaneza Cauduro Peranzoni

This research aims to demonstrate the benefits of bonding in the interaction between man and dog in the processes of interaction, socialization and learning with people with special needs, thus justifying the Cinoterapia as an innovative strategy and therapy carried out with assistance dog as co-therapist. Therapy with the dog's main focus differentiated playful actions helping the inclusive process and bringing numerous benefits to participating students process the affective relationship established with the dog, setting as a transforming social practice of reality in the school context in which inclusion is necessary. The initiative to enter animals in the educational and social environment, such as differential in the holistic treatment of the human being is the object of study this academic master's thesis in Social and Cultural Practices and Social Development of the University of Cruz Alta. It is expected that an affective relationship based on exchange and trust is established, providing opportunities for educational practices with games and game paths, giving new meaning to the different situations of emotional conflict and learning of participating subjects, which is the objective of this proposal, ie seek the active and participative methodology that takes into account the context and the various conceptions of the world, actions that trigger well-being, learning and development. It is believed that the presence of dogs in human society allows the awakening of powerful feelings of care, affection, attention, loyalty, preservation alert instinct, incentives to develop imagination in play, improving attention and concentration, encouraging the use of verbal language to communicate with the dog, facilitating social contacts, away loneliness for companionship and the dog's ability to arouse an emotional communication with humans promoting self (body awareness, emotional and mental). For the Cinoterapia is considered a therapeutic method is necessary to have a methodology and a properly trained therapist mediating cinoterápico process. The proposed action research was conducted with an autistic subject and with attention deficit hyperactivity disorder (ADHD) that were observed, analyzed by matrix analysis and content analysis. The project is actualized in an interdisciplinary manner by the EASA and hippotherapy project, in partnership with UNICRUZ.

**Keywords:** co-therapy. Emotion. Interaction. Synergy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mestranda Denise Maria Bossoni do Amaral com Lucky cão terapeuta.....	13
Figura 2 – A proposta efetivou-se junto a EASA e ao projeto em Equoterapia com parceria da Universidade de Cruz Alta, projeto coordenado pela professora Dr <sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni (ao centro) que também orienta este estudo .....	14
Figura 3 – Lucky, Labrador Retrievier, cão coterapeuta participante da Cinoterapia .....	15
Figura 4 – Kira, Golden Retrievier, cão coterapeuta participante da Cinoterapia.....	16
Figura 5 – Parte da equipe de participantes na companhia de Lucky, cão terapeuta.....	17
Figura 6 – À esquerda, Dr <sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni coordenadora do projeto em Cinoterapia e orientadora desta pesquisa, ao centro a Reitora da Universidade de Cruz Alta, Dr <sup>a</sup> Patricia Dall Agnol Bianchi.....	18
Figura 7 – Momento de convívio da equipe com os cães terapeutas.....	20
Figura 8 – Equipe interdisciplinar e colaboradores da EASA .....	21
Figura 9 – Parte da Equipe de profissionais que atuaram na pesquisa e os cães, à esquerda o Golden Retrievier Kira, no meio o cão labrador Lucky e, à direita Clara .....	22
Figura 10 – Dra. Nise da Silveira (1905-1999) .....	23
Figura 11 – Cães em atividade e bem treinados são dóceis, obedecendo comandos.....	28
Figura 12 – Exemplo de situação em que um cão de assistência realiza tarefa de vida diária, auxiliando pessoas com deficiências .....	29
Figura 13 – Momento de atividade com participante do projeto.....	30
Figura 14 – Participante acompanhado e sempre monitorado por adulto durante o projeto....	31
Figura 15 – O cão estimula o “movimento”, a prática de exercício físico. Participante acompanhado pelo adestrador Jeferson e monitora Carine.....	34
Figura 16 – Momento de distração, companheirismo, alegria e brincadeiras.....	69
Figura 17 – Atividade lúdica de interação entre participante, mestranda, estagiária e cão terapeuta.....	72
Figura 18 – Atividade com o cão, cuidados e afagos proporcionando controle emocional do participante que se manteve calmo, paciente e satisfeito.....	78
Figura 19 – Momento da filmagem pela equipe de reportagem da TV UNICRUZ.....	81
Figura 20 – Divulgação do projeto em reportagens do Jornal Diário Serrano de Cruz Alta ....	81



Figura 21 – Reportagem realizada pela RBS TV - Região Sul - Entrevista da Profª. Dra. Vaneza Peranzoni à RBS TV sobre o projeto de Cinoterapia.....	82
Figura 22 – Reportagem exibida na RBS TV sobre o Projeto de Cinoterapia.....	82
Figura 23 – Cinoterapia, prática educacional de liberdade, ludicidade, aprendizagens e socialização.....	93

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção

ACK – *American Kennel Club*

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CEP – Código de Ética Profissional

CFM – Conselho Federal de Medicina

CID – Código Internacional de Doenças

DNA – Ácido desoxirribonucléico (composto orgânico que contém as instruções genéticas dos seres vivos)

EASA – Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos

EUA – Estados Unidos da América

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INATAA - Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

OBIHACC – Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração

TAA – Terapia Assistida por Animais

TAC – Terapia Assistida por Cavalos

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## LISTA DE ANEXOS

ANEXOS A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE.....	101
ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO À INSTITUIÇÃO - AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR A PESQUISA.....	102
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	104
ANEXO D – ANAMNESE - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEIS .....	106
ANEXO E – QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS.....	113
ANEXO F – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES.....	114
ANEXO G – CARTA DE VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISAS.....	115
ANEXO H – MATRIZ DE ANÁLISE DA PESQUISA.....	116
ANEXO I – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICRUZ - UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA.....	117

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 FUNDAMENTOS DA CINOTERAPIA NO CONTEXTO INCLUSIVO.....	20
1.1 Cinoterapia e o desempenho do cão como coterapeuta.....	20
1.2 Cães de Assistência: Regras básicas para escolha.....	27
2 CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO NO CONTEXTO INCLUSIVO.....	35
2.1 O caminho percorrido pela proposta na busca de uma sociedade inclusiva e na construção do vínculo afetivo entre o ser humano e o cão .....	35
2.2 Formas de Linguagem na comunicação entre o cão e o ser humano.....	44
3 A PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO.....	52
4 ESTUDOS DE CASO .....	63
4.1 TDAH-Transtorno déficit de atenção e hiperatividade X Problema comportamental indisciplinar.....	63
4.2 Transtorno do Espectro Autista - Síndrome de Asperger.....	70
5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	80
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS .....	101

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o tema da Cinoterapia<sup>1</sup> como prática social e os benefícios da afetividade estabelecida entre o ser humano e o cão, vinculados ao desejo, à angústia e às inquietações da pesquisadora enquanto educadora de escola especial. Este trabalho tem como base a legislação para a educação inclusiva, que visa ao processo de desenvolvimento global do aluno com necessidades especiais em seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo.

Neste estudo analisa-se, especificamente, a relação afetiva na reciprocidade possibilitada através da terapia assistida como um meio de socialização, com bases educacionais e terapêuticas, como estímulo para o bem-estar emocional, tão importante para o desenvolvimento do ser humano e também do cão.

A necessidade de trabalhar questões da temática inclusiva trouxe muitos desafios. Busca-se na Terapia Assistida pelo cão as transformações decorrentes dessa intervenção, como forma de contribuir para a melhoria da qualidade e efetividade da educação inclusiva, evidenciando a contribuição social dessa proposta de pesquisa-ação com sujeitos com TDAH<sup>2</sup> e Autismo Asperger<sup>3</sup>.

Essa proposição de estudo configura-se como um novo campo no trabalho realizado com alunos com necessidades especiais a ser explorado, o que possibilitou uma nova perspectiva de abordagem inclusiva. O trabalho e as terapias com animais já existe há muito tempo, porém com pouca produção científica que demonstre os resultados da teoria relacionada à prática.

---

<sup>1</sup> Cinoterapia: termo formado pelo prefixo “cino” (cão) ao radical “terapia” (tratamento) que define a Terapia Facilitada pelo Cão. (BECKER & MORTON, 2003).

<sup>2</sup> TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDA-H): definição, diagnóstico e intervenção Segundo a Cartilha do TDA-H da ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção < [www.tdah.org.br/br/cartilhas-sobre-tdah](http://www.tdah.org.br/br/cartilhas-sobre-tdah) >. Acesso em 30 de agosto de 2015. O TDA-H é um transtorno neurológico, com grande participação genética (isto é, existem chances maiores dele ser herdado), que tem início na infância e pode persistir na vida adulta, comprometendo o funcionamento da pessoa em vários setores de sua vida e caracteriza-se por três grupos de alterações: hiperatividade, impulsividade e desatenção.

<sup>3</sup> Autismo: O termo *Autismo* foi elaborado por Eugen Bleuler em 1943, no início do século XX (na literatura, o ano da elaboração não é consenso, constando os anos de 1903, de 1908 e de 1911). Ele definiu o transtorno como uma função complexa em que a relação com a realidade é perturbada ou suspensa causada por uma perturbação primária de associações e surgimento de emoções e imagens fugidias (HOCCHMAN, 2009). Concomitantemente, Hans Asperger, em Viena, descrevia uma síndrome semelhante que ficou conhecida como Síndrome de Asperger. O histórico das pesquisas acerca do Transtorno de Espectro Autista é muito recente.

Diante do contexto escolar inclusivo que vivencio (Fig.1), no ofício diário da profissão como educadora, o estudo tem como apoio os conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica e da trajetória profissional como pedagoga, psicopedagoga, professora de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e no referencial estudado durante o Curso de Mestrado Acadêmico em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social. A investigação insere-se na Linha de Pesquisa Práticas Socioculturais e Sociedade Contemporânea que está centrada na discussão teórica de práticas de intervenção.

Figura 1: Mestranda Denise Maria Bossoni do Amaral com Lucky, cão terapeuta.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

No decorrer do desenvolvimento do tema em questão, optou-se por uma alternativa educacional inovadora para complementar a formação continuada, agregando formas diferenciadas para otimizar o trabalho pedagógico e terapêutico aos planejamentos do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Isso contribui de forma mais lúdica às atividades a serem realizadas no contexto inclusivo sem excluir outros tratamentos convencionais que os participantes estivessem realizando.

Para a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa utilizou-se o critério das necessidades especiais apresentadas pelos alunos, sendo um sujeito autista e um sujeito que apresenta transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, com idades de oito e nove anos

respectivamente, ambos cursando o Ensino Fundamental da rede municipal da cidade de Cruz Alta. Esses alunos foram encaminhados pela escola e escolhidos através de uma triagem realizada pelos profissionais da equipe de Cinoterapia.

Um dos fatores decisivos para a iniciativa de realização deste trabalho como prática social é a ausência de um projeto similar em Cruz Alta até o presente momento, cidade onde foi executado o projeto. Não existe nenhum dado anterior a este trabalho referendado na cidade, o que caracteriza o ineditismo da pesquisa nesta localidade.

Conceitos pedagógicos e psicopedagógicos foram determinantes para o desenvolvimento da proposta da Cinoterapia, terapia assistidas por animais na mediação<sup>4</sup> de atendimento. O suporte teórico que alia o “pedagógico e o psicológico”, tão importantes para compreender o sujeito como corpo e mente, permite a elaboração de respostas com rigor científico. Nesse sentido, a argumentação de Maffesoli se tornou substancial para as ações e para a investigação como um todo, por desenvolver "um pensamento que saiba aliar o rigor da atitude científica, ou pelo menos acadêmica, e a sensibilidade colhida nas próprias fontes da vida" (1995, p. 104).

Figura 2: A proposta efetivou-se junto a EASA<sup>5</sup> e ao projeto em Equoterapia com parceria da Universidade de Cruz Alta que é coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni (ao centro) que também orienta este estudo.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

---

<sup>4</sup> Mediação é um termo vigotskiano que significa fazer a ponte entre o sujeito e o objeto auxiliando a derrubar barreiras atitudinais.

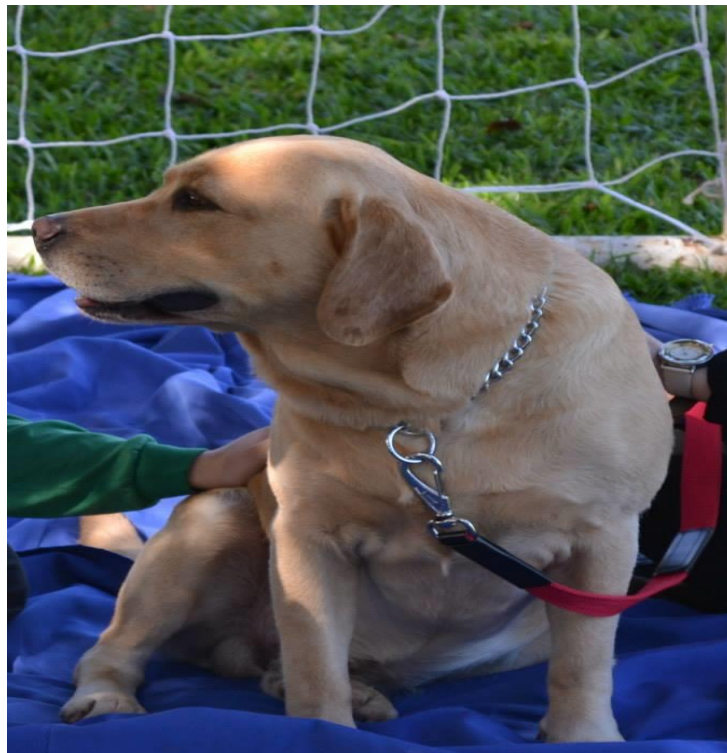
<sup>5</sup> EASA - Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas.

O corpo da dissertação constitui-se de uma breve introdução sobre a temática, revisão da literatura com os fundamentos da Cinoterapia, teoria e prática, seguido da formação do vínculo afetivo, da comunicação e da linguagem estabelecidas entre o ser humano e o cão e seu benefício à prática inclusiva.

Também são apresentados os procedimentos metodológicos, indicando o caminho percorrido e o relato dos resultados finais a partir de uma retomada sobre o processo de pesquisa, seguida das referências bibliográficas e da lista de apêndices. Os capítulos estão encadeados numa sequência indissociável, interligados num ir e vir constante e contínuo entre os títulos desenvolvidos.

A questão norteadora do estudo é: “Quais os benefícios da relação afetiva estabelecida entre o ser humano e o cão no contexto inclusivo?” Neste estudo procurou-se conhecer “o cão” em suas diferentes características, aspecto relevante para que fosse possível realizar o projeto. Acredita-se que esse conhecimento foi de fundamental importância para estabelecer uma maior afinidade com o cão e, assim, atingir os objetivos propostos.

Figura 3: Lucky, raça Labrador Retriever, cão coterapeuta participante da Cinoterapia.



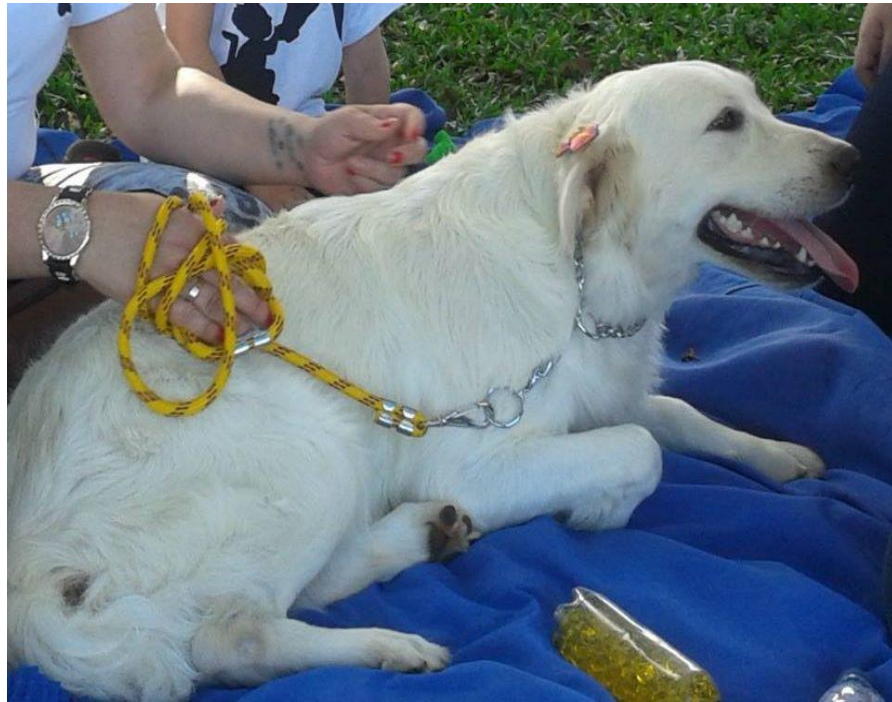
Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Pelos excelentes resultados alcançados, a Cinoterapia está avançando na mídia por meio de belos projetos. Alguns pesquisadores dessa área ainda atuam de forma isolada e



tímidamente em algumas universidades. Grande parte dos estudos não tem um maior aprofundamento metodológico que os caracterize como produção científica, devendo ser mais pesquisada e divulgada, enquanto que a Equoterapia já está reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina desde 1997 com trabalhos mais consistentes, publicados e comprovados.

Figura 4: Kira, raça Golden Retriever, cão coterapeuta participante da Cinoterapia.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

A parceria entre os sujeitos envolvidos nesta pesquisa foi determinante para os resultados obtidos em todo o processo investigativo da temática. Todos estiveram imbuídos dos mesmos objetivos e disponíveis para a busca de conhecimento da teoria sobre a temática que dá suporte, apoio e estímulo, visando que cães e participantes interagissem e realizassem as atividades pertinentes na efetivação deste trabalho.

Figura 5: Parte da equipe de participantes na companhia de Lucky, cão terapeuta.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

No Brasil, por iniciativa da Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração – OBIHACC, foi fundado em agosto de 2000 o Projeto Cão do Idoso, com idosos institucionalizados. Em 2008, a OBIHACC encerrou suas atividades, contudo em dezembro do mesmo ano foi fundado o Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais – INATAA, em São Paulo. Essa instituição integra profissionais de diferentes áreas, o que caracteriza a interdisciplinaridade como condição necessária para viabilizar projetos com animais.

Alguns eventos que são realizados no Brasil como o Congresso Brasileiro de Atividade, Educação e Terapia Assistida por Animais demonstra que há um intenso interesse nessa seara de estudo. Para tanto, é urgente o investimento em pesquisas, na certificação dos animais como terapeutas e na regulamentação dos profissionais que atuam como Cinoterapeutas.

No Brasil existem instituições como a INATAA que trabalham com cães e com a equoterapia, terapia assistida por cavalos (TAC). A Cão Terapeuta e a Ande Brasil, entre outras, atuam com projetos que atendem a um público constituído por deficientes intelectuais e físicos, idosos, crianças e pacientes internados em hospitais. “Cientificamente a TAA (Terapia Assistida por Animais) é reconhecida no mundo, em países como EUA, Canadá e muitos da Europa, os quais têm adotado esse trabalho nos últimos 40 anos” (DOTTI, 2005, p. 31).

A Universidade de Cruz Alta estabelece uma parceria com a EASA, lugar desta investigação, para a realização dos projetos em Equoterapia e Cinoterapia que atende alunos da rede municipal de ensino e que manifesta para a academia toda a importância da questão.

Figura 6: À esquerda, Dr<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni coordenadora do projeto em Cinoterapia, ao centro a Reitora da Universidade de Cruz Alta, Dr<sup>a</sup> Patricia Dall Agnol Bianchi.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Diante dessa teia que envolve o ser humano em sociedade no âmbito educacional é preciso posicionar-se no mundo, buscando uma nova prática social como indicadora determinante da compreensão da realidade e que possa romper com heranças de exclusões e efetivar práticas emancipatórias no contexto escolar. Outrossim, buscar aprimorar o exercício da cidadania que é a aprendizagem dos saberes escolares, das relações e da socialização e a educação como prática da liberdade. Em “Pedagogia do Oprimido”, Freire (1987, p. 47) apresenta a seguinte reflexão:

Daí que para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educadores-educandos em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação.

A pesquisa tem por objetivo geral, possibilitar, por meio da Cinoterapia, um meio de socialização com bases pedagógicas e terapêuticas, através da interação entre o cão e a criança visando otimizar o processo inclusivo pelo vínculo afetivo estabelecido entre eles. Os objetivos específicos são: - Analisar a possibilidade de socialização, no ambiente escolar, pela

interação e afetividade estabelecida entre o cão e a criança; - Verificar os benefícios da cinoterapia no processo de inclusão do aluno com necessidades especiais; - Sistematizar as contribuições da Cinoterapia para o processo de socialização e aprendizagens do aluno com necessidades especiais pela interação estabelecida com o cão; - Descrever as mudanças que ocorreram com a intervenção cinoterápica, como forma de contribuir para a melhoria da qualidade e efetividade da educação inclusiva evidenciando a contribuição social dessa proposta.



# 1 FUNDAMENTOS DA CINOTERAPIA NO CONTEXTO INCLUSIVO

## 1.1 Cinoterapia e o desempenho do cão como coterapeuta

A Cinoterapia como prática social desenvolvimentista agrega ludicidade e, por isso, a presença do cão, um ser vivo, animando, estimulando, encantando e dando vivacidade para o sujeito de ação. Para a referida terapia o cão é coterapeuta e atua como um diferencial no tratamento global do ser humano, auxiliando e facilitando na realização de ações lúdicas de aprendizagens, assim como no desenvolvimento que estimula atividades de tratamento físico, psíquico e emocional do ser humano em suas necessidades específicas.

Figura 7: Momento de convívio da equipe com os cães terapeutas.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Acreditava-se que o convívio do ser humano com animais teria iniciado no período Neolítico, quando o *Homo Sapiens* havia domesticado os animais a 10000 a.C. (MARCONI; PRESOTO, 2005). Para Grandim e Johnson (2006), o convívio iniciou bem antes desse período. Por meio de análise do DNA dos cães, os especialistas provaram que essa convivência do cão com os seres humanos iniciou-se há mais de cem mil anos. Desse modo,

pode-se afirmar que esses animais são um elo entre o passado distante do homem, isto é, entre sua historicidade e o mundo atual.

“Os cães não matam seres humanos porque em cem mil anos de evolução eles desenvolveram sua capacidade de inibir a agressividade contra os seres humanos, e os seres humanos desenvolveram sua capacidade de cuidar da agressividade do cão [...]” (GRANDIN; JOHNSON, 2006, p. 185-6). Quando isso ocorre, provavelmente, é um fato desencadeado pela atitude errônea do próprio homem, pois o animal age na defensiva e instintivamente.

A Cinoterapia iniciou, provavelmente, no século XVIII na Inglaterra, quando foram observados os benefícios pedagógicos, psicológicos e sociais às crianças, principalmente quando se constatou o efeito benéfico no comportamento afetivo pelo convívio da criança com o cão. Essa interação foi surgindo ao decorrer de décadas pelo interesse cada vez maior do ser humano ter em seu convívio animais de estimação. Toma-se como princípio a ideia de que o cão é parte da intervenção e o convívio com o animal, na relação de amor e amizade, que se estabelece com o ser humano traz inúmeros benefícios para este, transformando a Cinoterapia em uma nova abordagem. Constitui-se em uma intervenção que auxilia os profissionais da área da educação nos processos de aprendizagem e da saúde, com o objetivo de melhorar a saúde física, mental e social do praticante.

A Cinoterapia é realizada por uma equipe interdisciplinar de profissionais que se unem para agregar conhecimentos à prática e para planejar ações interventivas adequadas com foco nas potencialidades e não nas dificuldades específicas de cada praticante. A formação da equipe interdisciplinar deste projeto contou com a colaboração de: adestrador, veterinário, fisioterapeuta, pedagogo, psicopedagogos, monitores, educador especial, educador físico, entre outros.

Figura 8: Equipe Interdisciplinar e colaboradores da EASA.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Primeiramente, é preciso estabelecer a diferença entre as atividades com cães e terapias assistidas por cães. As atividades com cães, geralmente, bem comportados são realizadas pela simples presença e brincadeiras com os mesmos, e que qualquer pessoa pode realizar. O simples brincar e interagir com o cão nas atividades educativas lúdicas livres desencadeia naturalmente a troca de energia, desperta a atenção e um olhar diferenciado. Embora benéfico, não se caracteriza como Cinoterapia, mas em atividades com o cão.

Figura 9: Parte da Equipe de profissionais que atuaram na Pesquisa, e os cães à esquerda o Golden Retriever Kira, no meio o cão labrador Lucky e à direita Clara.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Partindo do pressuposto acima, quanto às atividades lúdicas livres, a terapia com o cão contribui para elaboração de procedimentos que envolvam e comprometam também a família e a escola, junto com a equipe multidisciplinar, confiantes de que a Cinoterapia pode proporcionar um avanço no desenvolvimento holístico do praticante no cenário educacional, social e terapêutico.

É importante acrescentar que as inovações tecnológicas do século XXI oportunizam o contato entre as pessoas praticamente em tempo real. Aproximam e/ou distanciam as pessoas, alterando as relações humanas e o contexto social. O uso da internet tanto aproxima as pessoas de forma virtual, possibilitando a comunicação instantânea em qualquer parte do mundo, quanto distancia pela falta do calor afetivo da proximidade dos corpos, da percepção do brilho do olhar e do toque. A falta dessas sensações pode comprometer os relacionamentos



e até causar transtornos pela necessidade que o ser humano tem de contato físico e de criar laços afetivos com outras pessoas.

As inovações modernas geram diversas formas de viver o mundo, mas produzem, por sua vez, consequências. Uma delas, presente em nosso cotidiano, é a mudança vital ocasionada pelo horário de verão que altera o horário de sono e das refeições, comprometendo a realização das atividades básicas, trazendo prejuízos para a saúde, além de alterar todo metabolismo e diminuir as defesas do organismo. Essas alterações, em alguns casos, impossibilitam até mesmo o cumprimento de compromissos profissionais, o que mostra a urgência em buscar no convívio com os animais, ressignificando as emoções do ser humano, ao alegrarem com suas presenças, trazendo bem estar e desbloqueando a interferência dessas mudanças bruscas.

Na década de 60 do século passado, a psiquiatra junguiana Nise da Silveira (*apud* DOTTI, 2005), realizou importantes estudos e experimentos de convívio com animais, tornando-se uma das pioneiras dessa intervenção com função de auxiliar no tratamento de seus pacientes psiquiátricos. A doutora teve reconhecimento mundial ao comprovar o benefício desse trabalho com doentes mentais e/ou esquizofrênicos do Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Rio de Janeiro, pelo bem-estar que a presença do cão trazia ao ambiente hospitalar, tornando-o mais humanizado e mais descontraído.

Figura 10: Dra. Nise da Silveira (1905-1999).



Fonte: Acervo Museu da República, RJ. Este post foi publicado em Cães, Pesquisa, Relação Homem Animal, Terapia assistida por animais e marcado com a tag história, pesquisa, terapia assistida por animais em maio 25, 2012.



A psiquiatra usava os cães como coterapeutas e a arteterapia, pintura como atividade de intervenção e como estímulo ao paciente, para que pensassem sobre si mesmo e em suas condições, provocando no paciente uma disponibilidade maior ao tratamento, quebrando a resistência para falar sobre seus traumas, suas ansiedades e suas angústias. Os pacientes, pelos estímulos cerebrais ligados à satisfação, alegria e bem-estar, enfrentavam suas condições patológicas com mais coragem, naturalidade e com menos preconceito.

O comando ao cão realizado pelo participante traz segurança e autoestima. Ele percebe que tem “poder” ao ver o cão seguir suas ordens, o que lhe permite uma harmonia emocional pelas experiências vivenciadas com outro ser vivo, desenvolvendo suas capacidades cognitivas e afetivas, ampliando, conseqüentemente, seus conceitos de mundo.

O controle de distúrbios comportamentais pode ser efetivado através dos comandos de liderança do participante. Isso lhe dá um empoderamento positivo, melhorando sua autoestima, sua autonomia, repercutindo na socialização.

Os animais de estimação estão acostumados com a presença do ser humano e, dificilmente, causarão estranhamento aos alunos com necessidades especiais. Em todo caso, sempre há o acompanhamento de profissionais preparados para intervir caso houvesse necessidade de agir, reduzindo ao mínimo os riscos e possibilitando inúmeros avanços nas questões educativas inclusivas pelas ações lúdicas terapêuticas proporcionadas pela cinoterapia.

Os cães e os humanos têm algo muito importante em comum que garante suas sobrevivências, o conceito de família. Os cães se organizam em grupos. Estes tem um líder que corresponde ao líder da família, justificado na confiabilidade e lealdade, capacidades inatas desses animais. A presença e companhia do cão na família fortalece esses valores tão fortes e oriundos da dinâmica da matilha. Sobre o exposto, Millan (2013, p. 9) relata que:

Quando vivem na natureza, todos os canídeos naturalmente se organizam em matilhas baseadas na família. Ainda que os cães não tenham laços sanguíneos, os elos da vida e sobrevivência juntos os transformam em uma célula em bom funcionamento. Dentro dessas células, forma-se uma lealdade, uma confiança e uma compreensão tão profunda que nós, seres humanos, observamos com surpresa. São as qualidades que sonhamos ter em nosso relacionamento com a família em que nascemos e a família que criamos, mas por sermos “apenas humanos” normalmente não conseguimos. No entanto, quando trazemos os cães para a nossa vida, temos acesso à integridade inata deles. Ao tornarmos os cães membros legítimos de nossas famílias, temos a capacidade de tornar essas famílias humanas mais fortes.

A Cinoterapia, que estabelece a interação entre cães e seres humanos, foi surgindo ao decorrer dos tempos pelo interesse cada vez maior do ser humano em conviver e ter o cão participando da sua vida. Para Garcia (2005), a necessidade de ter um cão em casa é

estimulada pelo aumento da expectativa de vida e porque mais pessoas estão morando sozinhas e adiando planos de ter filhos.

Essa tendência na formação do núcleo familiar contemporâneo resulta na busca de outras companhias, sobretudo de animais. As transformações que ocorrem na sociedade alteram conceitos e, conseqüentemente, mudam o modelo de família tradicional que era constituído pelo pai, pela mãe e pelos filho(s).

O animal pode ser um auxílio como um ser que tem “seu” lugar na família, trazendo benefício pela ligação afetiva formada com as pessoas da família. A família passa por constante adaptação em que novos membros vão se inserindo, vão preservando a união de pessoas e seus diversos integrantes e, sobretudo fortalecendo os vínculos e a sobrevivência. Millan (2013, p.9) considera que

o conceito de família “comum”, com mãe, pai e dois ou três filhos, mudou e passou a incluir famílias misturadas de diversos casamentos e divórcios, além de casais do mesmo sexo vivendo juntos, com ou sem filhos. Temos tias e tios e primos, padrinhos e madrinhas, sogros, enteados e irmãos de criação. [...] esses títulos limitam a verdadeira definição de “família”. [...] uma matilha é uma família; todos são um. E sempre que você tem um cão que precisa de um lar, você tem o potencial para uma matilha fantástica.

Os cães sempre ensinam alguma coisa ao ser humano se lhes for dada a devida atenção, carinho e cuidado. Contempladas essas questões, eles amam intensamente e incondicionalmente o ser humano, como pessoas únicas e insubstituíveis, além de corresponder ao que lhes pedir, sendo fiéis e tornando cada pessoa melhor, mais sensível e mais feliz. Isso acontece pelo fato de que eles ensinam a viver intensamente o presente, como explica Millan (2013, p.11).

Eles nos ensinam que as armadilhas de nossa existência humana não têm tanta importância a longo prazo - desde que celebremos o momento, e nunca nos esqueçamos de valorizar uns aos outros. Se nos lembrarmos de satisfazer as necessidades deles primeiro, os cães podem acrescentar muito a nossas famílias humanas. Um cão sempre vai protegê-lo, independentemente do que ocorra com um cão na sua vida, você nunca se sentirá sozinho. Se por acaso se sentir, vá a um abrigo sempre haverá um cão ali, esperando ansiosamente para se tornar membro de uma família.

Eles percebem e sentem o mundo de forma diferente de nós. Mesmo sentindo alegria, tristeza, dor e, também, desejosos da companhia humana, possuem olfato mais aguçado que do ser humano, percebem mais facilmente as aproximações e sentem medos. Diferenciam-se de nós por não sentirem emoções como preconceitos e vergonha, não discriminam pela

estética, não ficam embaraçados e nem são gananciosos. A relação de convivência e afeto incondicional desencadeia um maior equilíbrio emocional que favorece à eficácia da terapia.

O sofrimento dos cães é sentido no momento, pois não premeditam que a dor que estão sentindo vá perdurar. Em termos de pensamento, os animais o fazem por imagens enquanto os seres humanos o realizam por palavras (GRANDIN; JOHNSON, 2006). Nos treinamentos, o adestramento é realizado por recompensa ou postura corporal e entonação da voz.

Acredita-se que é necessário reconhecer a energia do cão e do sujeito participante que estará interagindo com ele. Essa compatibilidade ou incompatibilidade será decisiva para o sucesso da terapia, visto que precisam estar em conexão energética para que se estabeleça uma harmonia, uma empatia, uma afinidade que vai ser o primeiro passo para que estejam em sintonia. De acordo com Millan (2013, p. 25),

aprender a reconhecer a energia de um cão - e compreender suas necessidades de energia - é o segredo para impedir que ocorram situações extremas. [...] muitos sinais de seu nível de energia [...] interpretou os saltos do cachorro atrás das grades, o fato de ele ter lambido sua mão e o seu jeitão “atrapalhado” como “felicidade”. [...] ele não havia levado em consideração seu próprio nível de energia e estilo de vida [...].

Todo ser vivo emana energia e o cão é sensível a isso. Milan (2013, p. 16) realizou estudos que evidenciam os sentimentos do cão em relação à essa energia do ser humano, mas que nem sempre os seres humanos lhe dão a devida importância.

Sem uma ideia de quem você é e de como você é e de como é sua energia, você corre o risco de colocar uma energia incomparável dentro da sua casa [...] Se você demonstra ter o que se considera uma “energia fraca” - por exemplo, se você é tenso, ansioso, extremamente emotivo ou inseguro -, então seu cachorro vai sentir, automaticamente, que tem que preencher os espaços nessas áreas para você. Está no DNA do cachorro tentar manter a matilha estável.

Em relação ao aspecto das influências do ser humano na vida do cão e como este capta as energias, Millan (2013, p. 27) afirma que eles “sempre refletem nossa energia de volta para nós, e se um de seus conhecidos olhar com ódio para seu cão é possível que o cão não goste dele também”.

Nessa perspectiva, o mesmo autor mostra a importância de conhecer essa energia que influencia no comportamento do cão, na sua “personalidade” e que faz toda a diferença no convívio, na resposta que ele dará aos objetivos traçados, também aliados ao temperamento e necessidade(s) do aluno. Millan (2013, p.30, 31) ressalta ainda que

[...] o nível de energia que um cão tem é muito mais importante do que a raça no que diz respeito à compatibilidade com um dono ou família. Ainda que certas raças possam ter muito mais propensão à energia do que outras, a verdade é que muitos cães da mesma raça - na verdade, muitos cães da mesma ninhada - podem ter níveis de energia totalmente diferentes, ou o que a maioria das pessoas chama de “personalidades”. [...] Percebo que muitas pessoas se apaixonam por uma raça talvez porque lembre um cachorro que tiveram na infância, ou porque chame a atenção por ser bonito, elegante ou forte. [...] Normalmente, as pessoas escolhem as raças de cachorro como escolheria uma roupa - como algo que reflete a imagem que gostariam de passar aos outros. No entanto, um cachorro não é um guarda-roupa, ele faz parte da Mãe natureza. É um ser vivo e sensível, com um conjunto completo de necessidades - e direitos - próprios.

Portanto, com fundamento nos autores mencionados e na experiência desta pesquisadora, afirma-se que a relação cão e criança vai proporcionar a esta a oportunidade de se expressar livremente sem medo de perder o objeto amado (cão). Essa relação configura-se numa base de benefícios educacionais, recreacionais e motivacionais dessa criança, a partir do convívio com o animal.

## **1.2 Cães de Assistência: Regras básicas para escolha**

No Brasil, os cães de assistência são permitidos por lei a frequentar, com seus tutores, lugares públicos e fazer uso de transportes públicos. As Leis fortalecem o direito da pessoa com deficiência. A participação desses cães de assistência é vital para seus tutores pelo auxílio que dão na sua vida cotidiana.

A relação dos seres humanos com animais como forma de qualidade de vida, garantia de integridade, respeito e proteção é prevista pela Resolução Nº 466, de 12 de dezembro 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua 240ª Reunião Ordinária, dos dias 11 e 12 de dezembro de 2012, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, e Considerando o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos.

Quando é delimitado um campo de atenção à saúde, como é o caso aqui, que está direcionado para pessoas com TDAH e Autismo, algumas regras básicas são fundamentais para escolha dos cães. Um breve relato de outros serviços prestados pelo cão de assistência faz-se necessário para que se percebam as amplas possibilidades da Cinoterapia. O trabalho com o cão tem como referencial positivo a sua locomoção, ou seja, é possível levá-lo com

certa facilidade até o sujeito da intervenção e em locais como a escola, a residência e outros ambientes sociais.

O cão de assistência pode realizar esse trabalho pelo período de seis a oito anos. São animais focados e não se delimitam a suprir necessidades, mas são seres que também esperam das pessoas a atenção, o cuidado e o carinho. Os cães bem tratados e treinados quando estão em atividade são calmos, dóceis, tranquilos e defensivos quando se sentem ameaçados.

Figura 11: Cães em atividade, quando bem treinados são dóceis e obedientes aos comandos.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

O adestramento de obediência é fundamental na Cinoterapia. É o primeiro passo e tem a finalidade de ensinar ao cão comandos simples de obediência que vão possibilitar o trabalho de socialização com o participante, além de maior controle comportamental sobre o cão, tornando-o mais sociável, calmo, solícito, relaxado, mais atento e próximo, mais receptivo e afetivo aos membros da família. Também diminui a agressividade que o cão possa ter adquirido no decorrer de convivência com outras pessoas com níveis de energia negativa.

Os cães de assistência cumprem diferentes funções sociais em diferentes contextos e em situações apresentada pelo sujeito que busca suprir suas necessidades ou deficiências na parceria do cão. Esta parceria reestabelece sua autoconfiança, sua liberdade de ir e vir, sua autonomia e uma certa independência conforme o comprometimento e necessidade específica do sujeito assistido. Conforme Becker e Morton (2003), a presença de um animal faz com que as pessoas se sintam vivas, amadas e importantes.

Figura 12: Exemplo de situação em que um cão de assistência realiza tarefa de vida diária, auxiliando pessoas com deficiências.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Para que o cão possa executar a tarefa que lhe é exigida, o adestramento deve ser realizado com muita responsabilidade, paciência, atenção, colaboração e amor, sem maltratar o animal e com muita atenção a todos os seus sinais. Conhecê-lo no seu ambiente e na forma interage com as pessoas é fundamental. Todos os seus movimentos devem ser observados e analisados para que se tenha como resultado um cão obediente aos comandos, para que os objetivos do adestramento sejam alcançados.

Cinoterapeuta e treinador precisam trabalhar juntos e estar em harmonia para que se estabeleça uma devida parceria com o cão. Trata-se de busca a maior eficiência possível na relação, até mesmo de uma desobediência inteligente para que não se distraiam, mantendo um ritmo constante e lento, identificando obstáculos que possam causar acidentes ao tutor, resistindo ao comando errôneo de seguir em frente feito pelo dono que não percebe o perigo.

Segundo Millan (2013, p. 30), é necessário estabelecer algumas regras na relação com o cão para que se efetive um trabalho com melhores resultados e conhecer o cão é fundamental antes de se iniciar a Cinoterapia. Elas podem são apresentadas da seguinte forma:

A identidade de seu cão Muitos donos de cães se referem a eles pelo primeiro nome: “Ah! o Smokey não gosta de homens” ou “O Smokey sempre foi impossível na hora de passear”. Referir-se ao cão pelo nome significa que seu cão tem controle consciente e lógico de seu comportamento, das coisas de que gosta e de que não gosta, da mesma maneira que um ser humano. Esse pensamento impede de ter

influência sobre ele. Recomendo que você se relacione com seu cão na seguinte ordem, principalmente ao estabelecer regras e limites e ao lidar com problemas que ele possa ter: 1. Animal 2. Espécie: cão (*Canis familiaris*) 3. Raça 4. Nome Só depois de satisfazer as necessidades de seu cão como animal, espécie e raça, você deve se referir a ele pelo nome, de modo como se referiria a outro ser humano.

Algumas regras básicas precisam estar bem definidas para a equipe iniciar o contato e amizade com o cão, sobretudo é imprescindível ter alguns conhecimentos básicos. O cinoterapeuta e o adestrador devem planejar uma estratégia de aproximação que estabeleça a sintonia entre o cão e o participante. Basicamente, não tocar o cão no primeiro momento, não olhar direto em seus olhos para que o cão não perceba seu medo, aproximar-se lentamente. Posteriormente ao comando do adestrador ou do cinoterapeuta para que o cão sente e deite, estando ele relaxado, efetivar a aproximação em que o sujeito praticante poderá sentar-se ao seu lado.

Ao formar o grupo de trabalho terapêutico, cão e participante, foram analisadas algumas características como a rotina do cão e participante, seu nível de energia e necessidades especiais do participante para a escolha do cão de serviço visando o sucesso do planejamento. “Essa relação tem suas características como o apego do cão ao seu dono que é igual ao do animal à mãe ou da criança aos pais” (FARACO, 2008, p. 32).

Figura 13: Momento de atividade com participante do projeto, cão e equipe.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

O aluno é orientado iniciar a aproximação ao cão após a receptividade deste para, então, afagá-lo e naturalmente estabelecer uma conexão entre eles. Os comandos de obediência devem ser simples como senta, deita e ao lado, mas são suficientes para iniciar as atividades em cinoterapia.



Figura 14: Participante acompanhado e sempre monitorado por adulto participante do projeto.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Algumas raças são mais apropriadas para ser coterapeuta, das quais destacamos a do Labrador Retriever e a do Golden Retriever. Porém, não se descarta nenhuma raça, inclusive cães com problemas físicos que podem servir como exemplo de superação de suas próprias dificuldades, desde que bem adestrados e treinados por um profissional sério e competente, que sejam dóceis, sem traumas (medo de trovões, cortinas, trânsito, entre outros aspectos) disponibilizados a dar e receber afagos. Segundo Millan (2013, p. 31-2), a raça tem alguns indicativos importantes:

Gosto de pensar que a raça é uma espécie de “potencializador” do nível de energia com que um cão nasce. Quanto mais pura for a raça, mais provável que ele seja levado pelas necessidades e pelos impulsos próprios de sua raça, lembre-se de que nós, seres humanos, criamos as raças de acordo com nossos próprios motivos egoístas!

Quanto à utilização das raças de cães pelo ser humano, o mesmo autor ainda destaca o seguinte:

“Fabricamos” cães para nos ajudarem a pastorear o gado, a caçar ou a localizar uma presa a longas distâncias. Nós somos os culpados de colocar genes poderosos nesses cães; então, a meu ver, temos a responsabilidade de satisfazer a necessidade de cada raça. Não pense em um cão de raça pura como “a carinha bonita” de sua linhagem lembre para que essa linhagem foi criada (MILLAN, 2013, p. 32).

Para realizar as atividades relativas à Cinoterapia, é importante pensar no cão sem preconceitos, pois evita algumas crenças míticas preconceituosas, principalmente em relação



ao comportamento de algumas raças. Com referência a esta questão, Millan (2013, p.31) alerta que pensar em cão primeiro como nome ou raça pode trazer problemas, sobretudo quando se generaliza o comportamento de uma raça, por exemplo:

[...] se uma mulher conviveu com labradores retrievers na infância, e se eles sempre foram calmos e bem-comportados, então ela tenderá a pensar que todos os labradores têm essas características. Quando ela adota um labrador que se torna agressivo, automaticamente culpará o animal pelo nome - ou aquele determinado cão. Contudo, na verdade, ela deveria levar em consideração quem da sua família na época era o líder da matilha de labradores, qual era o papel dos cães na casa, que tipo de exercícios e disciplina a família lhe oferecia e qual era o estilo de vida do grupo de modo geral. É possível que ela não tenha tido o azar de ter o único labrador “problemático” do mundo! Pode ser que ela seja uma líder de matilha mais fraca do que sua mãe ou a pessoa responsável pelos cães. Pode ser que ela não ofereça a estrutura ou os exercícios de que o cão precisa. Ou talvez tenha adotado um labrador de energia muito alta - com mais energia do que os cães de sua infância. e mais necessidades do que seu estilo de vida consegue satisfazer. Esse cachorro pode estar frustrado do fato de uma raça de cachorro não necessariamente determinar que tipo de animal de estimação ele será.

O cão de alerta avisa a eminência de possíveis emergências de crises à diabéticos, alérgicos, epiléticos (pelo cheiro que a pessoa exala). Os cães de serviço são companheiros treinados para acompanhar e auxiliar a pessoa com deficiência, a ter mais independência na sua rotina, executando tarefas simples como pegar um objeto como telefone, chaves que caem e até tarefas mais complexas como ajudar a atravessar uma rua. Desse modo, podem se beneficiar do acompanhamento de Cão-guia, pessoas autistas, *downs*, cegos, surdos, idosos e cadeirantes, entre outros.

Com relação ao comportamento dos cães, Millan (2013) informa que o *American Kennel Club* – ACK, dos Estados Unidos da América, separa as raças de cães em grupos de acordo com as necessidades de comportamento e características dos mesmos: o Grupo Esportivo, o Grupo de Caça, o Grupo de Trabalho, o Grupo de Pastores, o Grupo de Terriers, o Grupo Toy e o Grupo dos Não Esportistas. De acordo com Millan (2013, p. 32), a utilização de cães em atividades pode ser assim descrita:

Os cães do grupo de trabalho apareceram quando os seres humanos interromperam suas vidas de caçadores e coletores nômades e começaram a se estabelecerem em vilarejos. Essas raças mais novas foram feitas para tarefas mais domésticas, como proteger, puxar e resgatar. Também é um grupo diverso, e muitos foram escolhidos pelo tamanho, pela força e, às vezes, pela agressividade. O dobermann, o husky siberiano, o boxer, o dogue alemão, o mastiff e o rottweiler fazem parte deste grupo. Muitos desses cães são aqueles a que me refiro como “cães de raças poderosas”. Quanto mais pura a raça, mais eles se guiam pelas necessidades dela. Normalmente, não recomendo que um dono de cão “iniciante” escolha cães de raças poderosas em sua forma pura, a menos que ele esteja disposto a dedicar muito tempo e energia para satisfazer a natureza de trabalho do cão.

Pode-se afirmar que para uma pessoa idosa, o adequado é um cão de mais idade, quando o seu nível de energia está mais lento e relaxado, com possibilidade de realizar melhor sua função. Millan (2013, p. 201) também ressalta a importância de um cão apropriado para as atividades em relação a esse grupo de pessoas e explica:

Os cães mais velhos e as pessoas idosas têm a mesma sintonia. Eles ainda querem aproveitar a vida, mas preferem fazer isso de modo mais lento e relaxado. Há muitas vantagens em se adotar um cão mais velho. Os cães mais velhos sabem onde fazer as necessidades, e não destruirão suas coisas como os filhotes ou adolescentes. Eles costumam ter níveis de energia mais baixos, ainda que tenham sido cães muito ativos no auge da vida, por isso precisam de menos exercícios intensos para manter o equilíbrio. Costumam aprender com a mesma rapidez dos cães mais novos, porque são mais relaxados e conseguem se concentrar melhor. Estão acostumados a viver no mundo dos seres humanos, seguindo a rotina deles, e têm ampla experiência em se adaptar a novas circunstâncias. [...]

De acordo com Faraco (2008), um dos papéis desempenhados por eles é o foco e atenção que o animal exige do idoso e isso faz com que ele desvie o seu pensamento de preocupações. Também, outro papel fundamental desempenhado pelo cão é colaborar no passatempo e na distração.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o participante com “comprometimento motor” também pode se beneficiar da Cinoterapia, tendo em vista que o cão estimula o movimento e reduz a resistência do participante em realizar atividades físicas às suas necessidades e focadas no seu potencial.

Para limitar e evitar tratamento cruel aos animais, a UNESCO proclamou em Assembléia em 27 de janeiro de 1978 em Bruxelas, a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, garantindo como princípio fundamental que todos os animais não humanos merecem viver segundo sua natureza, sem agressões ou abusos. Com isso, além de garantir o respeito que os animais merecem, é abolido todas as formas de exploração pelos seres humanos.

Figura 15: O cão estimula o “movimento”, a prática de exercício físico. Participante acompanhado pelo adestrador Jeferson e monitora Carine.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015

O cão-guia de acompanhamento, que mora com seu dono, deve ter um adestramento específico para as necessidades do seu tutor. Para casos de cegueira, de surdez ou outro, o treinamento será específico para as ações que suprirão as expectativas geradas para cada situação cotidiana.

Ainda são poucas as pessoas que têm acesso a esse serviço, por se tratar de um serviço especializado e alto valor. O deficiente visual percebe o mundo pelos outros órgãos de sentido que não a visão, ou seja, possui principalmente o olfato mais aguçado e as sensações térmicas também são mais percebidas. Um bom exercício para o cinoterapeuta é vendar os olhos e tentar imaginar o mundo sem esse sentido.

A raça Papillon é a mais adequada às pessoas com deficiência auditiva, porém outras raças podem ser excelentes como cães-ouvintes, até mesmo cães sem raça específica encontrados na rua podem realizar esse trabalho após treinamento adequado. Pelo contato físico alertam seus donos de sons importantes do cotidiano, seja de perigo como alarme de incêndio ou alguém se aproximando.

Esse movimento se apoia cientificamente nas descobertas de Darwin que afirmam que a ancestralidade humana é comum aos primatas e nos estudos que comprovam que os animais possuem a capacidade de experimentar emoções/sentimentos, como alegria, tristeza, dor, ação intencional, vontades expressadas na linguagem atitudinal e gestual.

## **2 CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO NO CONTEXTO INCLUSIVO**

### **2.1 O caminho percorrido pela proposta na busca de uma sociedade inclusiva e na construção do vínculo afetivo entre o ser humano e o cão**

A Cinoterapia é uma proposta interdisciplinar inovadora que contempla aspectos pedagógicos, psicológicos e sociais. Essa proposta está se intensificando porque se constatou o efeito benéfico no comportamento afetivo no convívio da criança com o cão e seu desenvolvimento integral. Resultados que estão sendo conquistados com a colaboração de profissionais de diferentes áreas que contribuem no trabalho com cães, seja no adestramento, nos cuidados básicos de saúde, de higiene e de alimentação para que o cão atue como co-terapeuta no atendimento da pessoa com necessidades especiais.

A educação não é simplesmente um processo intelectual, mas que ela visa ao desenvolvimento integral da pessoa, que inclui “inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo” (GADOTTI, 2000, p. 10).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.º 9394/96) contempla a Educação Especial como modalidade da educação escolar, sobre a qual os sistemas de ensino deverão se organizar de forma a assegurar aos educandos com necessidades educativas especiais propostas curriculares que atendam as suas necessidades. Uma das exigências centrais dessa proposta é a necessidade de profissionais interdisciplinares junto à escola para pensar novas formas de intervenção a fim de atender seus objetivos e compromissos com a sociedade. A Cinoterapia busca atender a essa proposta apresentada na LDB à medida que cria possibilidades alternativas.

Nos últimos anos, o MEC (Ministério de Educação e Cultura) tem investido recursos para a garantia de direitos aos alunos com necessidades especiais, buscando melhorar a qualidade de atendimento especializado a esses alunos. As políticas públicas educacionais referentes ao direito de acesso à educação tem como meta a qualidade da educação ofertada. O censo escolar do INEP de 2010 apresenta como número de alunos matriculados em escolas no Brasil o equivalente a 54 milhões de pessoas. Os dados do IBGE (Censo demográfico), na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), quanto as pessoas que apresentam deficiência visual, auditiva, motora, intelectual, há um contingente próximo de 2 milhões e 500 mil brasileiros que tem entre 4 e 17 anos (em idade escolar).

Segundo Edivan Souza, presidente do Conselho Presidente Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Cruz Alta - RS, em postagem realizada no dia 28/04/12, as informações podem ser acessadas no site do Censo 2010 - IBGE:

O IBGE disponibilizou os dados da amostra do Censo 2010 da população residente por tipo de deficiência, onde consta que, das 62.821 pessoas do total da população de Cruz Alta, 17.817 (28,36%.) possui deficiência permanente. [...] O Brasil tem 45,6 milhões de pessoas com deficiência, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). [...] Dos cerca de 190 milhões de brasileiros, aqueles com pelo menos uma deficiência, seja visual, auditiva, motora ou mental, somam 23,9%. De acordo com pesquisa divulgada nesta sexta-feira detalhando os resultados do Censo 2010, a deficiência mais frequente entre a população brasileira é a visual.

Na pesquisa realizada pelo Censo (IBGE, 2015), as pessoas incluídas em mais de um tipo de deficiência foram contadas apenas uma vez. Houve um aumento dessa população nos últimos censos, e isso se deve não ao aumento das deficiências em si, mas ao fato de um novo olhar, de uma reformulação da própria sociedade que admite e reconhece essas pessoas como de fato e de direito. Os projetos relacionados à inclusão, que contam com o apoio do poder público e de abnegados educadores e instituições especializadas, dando-lhes suporte e orientação, ainda encontram dificuldades operacionais, pedagógicas, técnicas e escolas não acessíveis a todos.

A Cinoterapia entra no contexto educativo inclusivo como auxílio terapêutico emergente e urgente. Sua proposta de harmonizar significados e experiências tanto do cão quanto para o homem, permitindo equilibrar o fazer e o sentir com o intuito de desenvolver e potencializar as capacidades de aprendizagens. Esse processo de interação pauta-se no bem-estar do homem e do cão com vistas a promover uma prática social como uma nova possibilidade frente aos desafios da educação inclusiva.

O cão possibilita o reconhecimento do afeto como uma porta de entrada para a aprendizagem que é entremeada de subjetividades, sentidos, situações de dor e de amor. Quando estas são bem trabalhadas produzem resultados num permanente estado salutar, por preparar o sujeito a enfrentar momentos não tão bons enquanto constituintes da vida e que podem ser vivenciados como algo que não é permanente, mas parte da trajetória de vida de qualquer ser humano.

O acolhimento é um primeiro passo do cinoterapeuta para criar um vínculo afetivo com o cão e com o participante para que se estabeleça um laço que vai dinamizar as atividades realizadas com a participação dos três. Formado o vínculo, os três passam a se reconhecer como parceiros disponibilizados a interagirem.

A equipe, ao coordenar as ações participativas entre o participante e o cão, faz uso da observação, da atenção e do monitoramento para que possa ir avaliando o processo de interação em busca de atingir os objetivos de efetividade do desenvolvimento integral do sujeito.

A Cinoterapia, como estratégia lúdica, leva à retomada da infância pelo desejo da brincadeira e alegria que desperta nos corações das pessoas. O cão, além de oferecer companhia e amor incondicional, sem exigências e cobranças como o fazem a maioria dos seres humanos, aceita seu dono sem nenhum julgamento, sem nenhum preconceito, mantendo vínculos saudáveis e laços estreitos de afeto que fortalecem uma relação sadia, verdadeira, real e duradoura.

Porque você pode enganar muitas pessoas a respeito de quem você realmente é, mas não conseguirá enganar um cão. O cachorro não se importa com sua roupa nem seu cabelo, nem com quanto dinheiro você ganha, nem com o modelo do seu carro. O cachorro só se preocupa com o tipo de energia que você projeta sua energia - ou seja, sua essência, seu eu verdadeiro - mostrará ao cachorro como ele deve ser com você. Para um cachorro, só existem duas posições possíveis: líder ou seguidor (MILLAN, 2013, p. 16).

O ser humano muitas vezes não faz ideia do quanto seu comportamento pode afetar o cão. Millan (2013, p. 16, 17) ao indicar os resultados do relacionamento entre o cão e o ser humano, afirma que:

Infelizmente, tanto para o cachorro quanto para o ser humano, isso costuma dar errado quando o cachorro tenta assumir a liderança no mundo dos humanos, [...] os cães criam problemas por causa da reação à energia de seus donos - mas, ainda assim, os donos não têm ideia de que seu comportamento está afetando seus cães. Você pode evitar esse problema iniciando o processo todo de um ponto totalmente sincero, contudo, a honestidade consigo mesmo não funciona sem boa informação, [...] os resultados de uma “combinação malfeita” entre ser humano e cachorro podem ter consequências péssimas.

É muito importante avaliar o nível de energia do sujeito de intervenção antes do planejamento e início do atendimento. É o primeiro passo para a escolha do cão que vai ser o coterapeuta do trabalho junto ao sujeito e sua necessidade. Se o sujeito é hiperativo o cão deve ter um nível de energia abaixo para se efetivar um bom trabalho, essa combinação deve ser bem analisada para um bom resultado, isso dará uma proximidade e disponibilidade entre os dois no exercício das atividades. Segundo Millan (2013, p.19),

Todo animal da Terra nasce com um determinado nível de energia. A energia vai além de raça e de linhagem ou nacionalidade. Ao escolhermos nossos amigos,

namorados, maridos e esposas, procuramos inconscientemente um nível de energia que, de certo modo, complementa o nosso. Ao escolher um cão, a coisa mais importante a se fazer é avaliar se seus níveis de energia são compatíveis, para ajudar a prever uma companhia feliz ao longo da vida.

Millan (2013) alerta que se deve avaliar o nível de energia do cão para a função de coterapeuta para que possa ser adequado, compatível ao nível de energia de seu parceiro humano. Os Níveis de Energia do cão, segundo Millan (2013, p. 20), são:

Ao escolher um cachorro, pense nesses níveis de energia, que são influenciados pelo porte dele: 1. Muito alto: Constantemente em movimento. Caminha ou corre por horas e ainda tem energia para dar e vender. 2. Alto: Bastante atlético, prefere atividades muito vigorosas, mas normalmente se cansa e dorme no fim do dia. 3. Médio: Gosta de atividades físicas normais, às vezes vigorosas, mas as equilibra com períodos iguais de descanso. 4. Baixo: O cachorro preguiçoso. Prefere descansar a fazer qualquer atividade física. Dois passeios regulares por dia serão exercício suficiente para ele.

Conhecer os níveis de energia do ser humano e do cão é fundamental para que ambos não acabem frustrados. Neste aspecto, Millan (2013, p. 20) ressalta que:

[...] Na mesma ninhada, os níveis de energia podem variar muito. *Seu objetivo como dono de cachorro bem-sucedido é encontrar um cachorro com um nível de energia mais baixo ou igual ao seu e ao da sua família (incluindo cães ou animais de estimação que você já tem).* É por isso que antes mesmo de procurar seu novo cachorro, você precisa conhecer a si mesmo. Quando uma pessoa escolhe um cachorro com nível de energia mais alto do que o dela própria, normalmente tanto ela quanto o animal acabam frustrados.

Os sentimentos do ser humano são pressentidos pelo cão, pelos seus sentidos aguçados. A responsabilidade do ser humano em relação ao cão deve ser cuidadosa, para não exigir demais do cão. Para Millan (2013, p.17),

Se uma mãe quer um cachorro porque seus filhos estão saindo de casa, o cachorro pode detectar sua carência, além de seu ressentimento em relação aos outros membros da família, e fazer com que se tornem alvos. Quando tornamos os animais totalmente responsáveis pela satisfação de nossas necessidades não expressadas, colocamos peso demais em seus ombros. [...] a mãe se ressentente porque sabe que terá que cuidar do animal sozinha, o cachorro vai sentir a raiva dela e agir de acordo.

Acredita-se que o cão sensibiliza o ser humano, diminuindo a sua resistência e aumentando a sua motivação para se exercitar e realizar as atividades, possibilitando assim o seu desenvolvimento biopsicossocial. Assim, há uma grande semelhança entre as relações das crianças e dos homens primitivos com os animais, já que as crianças não demonstram sinais de arrogância como os homens civilizados adultos, os quais definem uma linha rígida entre a

sua própria natureza e a de todos os outros animais. Mas as crianças permitem que os animais se classifiquem como seus plenos iguais (FREUD, 2014).

É importante ter presente nesta proposta a atenção com o cão porque ele é um ser com sentimento e com emoção. Ele não é um objeto que possa ser manipulado de qualquer forma, mas como um ser que requer carinho, cuidados básicos de higiene, saúde e alimentação. A inclusão representa uma dimensão dos direitos humanos, num sentimento de alteridade e justiça social que pressupõe a participação de todos, nas diferentes esferas sociais e no contexto escolar, na busca dos princípios de equidade.

De acordo com Mantoan (2006), é inquestionável o poder das ideias inovadoras inclusivas que podem causar um entusiasmo nas escolas. Sua proposição relacionada à disposição das diferenças busca a otimização das aprendizagens e da inclusão efetiva no espaço escolar.

A inclusão escolar tem sido mal compreendida, principalmente no seu apego a mudanças nas escolas comuns e especiais sabemos, contudo, que sem mudanças não garantiremos a condição de nossas escolas receberem, indistintivamente, a todos os alunos, oferecendo-lhes condições de prosseguirem em seus estudos, segundo a capacidade de cada um sem discriminação nem espaços segregados de educação (MANTOAN, 2006, p. 23).

Dotti (2005) enfatiza que aqueles que tiveram convívio com algum animal em sua infância são mais sensíveis a esses seres e aos fatos do mundo, pois aprenderam a se importarem não somente consigo. Essa comunicação recíproca melhora a auto-estima, desenvolve questões sociais como o respeito e regras que desenvolvem o senso de companheirismo, visão de futuro e ainda estimula a liberação de substâncias que podem ser benéficas ao organismo como a endorfina e adrenalina.

Santos (2005) propõe a teoria crítica reflexiva na busca da compreensão do paradigma dominante da Modernidade, e numa *escavação histórica* busca superar o conhecimento científico que regula todo o mundo humano. Para isso, busca outras perspectivas de conhecimento e de construção de estratégias de paradigmas emergentes que auxiliem a reinvenção da emancipação social.

Por teoria crítica entendo toda a teoria que não reduz a realidade ao que existe. A realidade qualquer que seja o modo como é concebida é considerada pela teoria crítica como um campo de possibilidades e a tarefa consiste precisamente em definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas ao que está empiricamente dado. [...] O desconforto, o inconformismo e a indignação ao que existe suscita impulso para teorizar sua superação (SANTOS, 2005, p. 23).



Para Foucault (1972, p. 54), essa interpretação da história indica uma atitude marcada por “inquietações de sentir sob essa atividade cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina, inquietações de supor lutas e vitórias, ferimentos, dominações, servidões”. Essa vontade do homem em se lançar para as questões inclusivas da sociedade é a pulsão que faz com que o ser humano enfrente os desafios e as vicissitudes, na relação entre dominadores e dominados, como no processo exclusivo imposto socialmente.

O movimento inclusivo numa sociedade marcada pela exclusão e pelos efeitos da globalização, numa época marcada pela fragmentação, é urgente porque são as alternativas coletivas que geram a transformação. Bauman (2003) afirma que a liberdade individual só pode ser assegurada se for pensada coletivamente.

Tendemos a nos orgulhar do que talvez devesse nos envergonhar: de viver numa época “pós-ideológica” [SIC] ou “pós-utópica”, de não nos preocuparmos com uma visão coerente de boa sociedade e de ter trocado a preocupação com o bem público pela liberdade de buscar a satisfação pessoal. E, no entanto, se pararmos para pensar porque essa busca da felicidade o mais das vezes não consegue produzir resultados que esperamos [...], não iremos longe sem trazer de volta do exílio idéias [SIC] como a do bem público, da boa sociedade, da igualdade e assim por diante - ideias [SIC] que não fazem sentido se não cuidadas e cultivadas na companhia de outro (BAUMAN, 2003, p. 16).

Ao iniciar o trabalho inclusivo cinoterápico é importante que o participante conheça algumas raças de cães para observar a empatia dele com o cão e vice-versa, possibilitando o estabelecimento do vínculo entre eles. Segundo Millan (2013, p. 19),

É muito fácil para as crianças se apaixonarem pela aparência de um cãozinho. A criança pode dizer que quer mesmo ter um cachorro e usar como argumento o fato de saber o tipo de pelo menos ter um cachorro e usar como argumento o fato de saber o tipo de pelo que quer, o tamanho do cachorro que quer e qual raça prefere. Claro, gostar da aparência física de um cão pode ser importante no processo de aproximar a criança [...] Se você adotar um cachorro para seus filhos, mas ninguém em sua casa estiver realmente comprometido com o animal de um modo profundo e duradoura, o cachorro vai perceber. Os cães são os melhores detectores de mentiras do mundo.

Um dos desafios do século XXI diz respeito à questão da humanização em todos os serviços, pois houve um tempo em que se perdeu isso e a multietnicidade, combatendo preconceitos e valorizando a convivência democrática plural e em toda sua diversidade. Esse desafio envolve toda a sociedade porque não há transformação se não houver humanização.

Algumas discussões, reflexos da globalização perversa, dizem respeito às relações sociais de desconfiança, de violência, de agressão e de ganância do poder econômico, que disputam um lugar no Mercado de Trabalho e na divisão de bens e serviços. Diante dessa

globalização perversa é fundamental a humanização para uma educação de qualidade que está cada vez mais inacessível, seja pelas atitudes de competição seja de corrupção e de desamor. Para Milton Santos (2001, p. 20),

A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinísmos, a corrupção. A perversidadesistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que etualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização.

Acrescenta-se a esses desafios o fato de a educação se defrontar com o analfabetismo, com a evasão escolar e com a exclusão. Portanto, acredita-se que a afetividade constitui um ponto que desarma o foco das mazelas humanas no processo de humanização e é um poderoso catalizador de potencialidade de sentimentos positivos, de alegria, de desejo e de vontade.

Foucault (1972) destaca os modelos dos quartéis, hospitais, fábricas e o das escolas onde o lugar demarcado de cada um, na ordenação de filas, na divisão das tarefas, não só é uma forma de manter as pessoas submissas, mas para garantir um melhor “aproveitamento” de tempo. A cinoterapia apresenta uma possibilidade de resistência e de quebra dessa rigorosidade como uma ação que visa preparar as pessoas para a vida social de forma alegre e afetiva, com mais motivação pela convivência com os cães e com as pessoas respeitando as diversidades e as singularidades.

As crianças estão indo cada vez mais cedo para a escola e nela permanecem por mais tempo, diminuindo assim o convívio familiar. Por isso, muitas vezes a escola acaba assumindo o tradicional papel das famílias, tendo que dar conta dos conhecimentos e de outras habilidades e outras competência, ocupando-se com a formação integral do ser humano onde a afetividade é extremamente importante na interação com o outro, como a amorosidade e a ética nas ações humanas. Considera-se imprescindível devida consideração da afetividade e suas relações no cenário social e educacional.

Com a intervenção cinoterápica, espera-se novas práticas sociais inclusivas como resgate da inquietude profissional e como forma de contribuir para a melhoria da qualidade e da efetividade em educação, evidenciando a contribuição social dessa proposta que se apresenta como um novo campo de trabalho nas questões inclusivas. Ao romper com práticas tradicionais de Educação, surge a esperança de que não se tenha o olhar apenas à escolarização, mas ao desenvolvimento humano em sua integralidade. Essa compreensão de

escola reflete numa nova sociedade que valoriza a convivência entre animais e seres humanos como algo extremamente construtivo.

A teoria walloniana considera o desenvolvimento intelectual como meio para a meta maior do desenvolvimento da pessoa. Para ele, a inteligência constitui uma dimensão no todo do ser pessoa, e que a sua postura demonstra também seu estado afetivo. Segundo Galvão (2007, p. 98),

A ótica walloniana constrói uma criança corpórea, concreta, cuja eficiência postural, tonicidade muscular, qualidade expressiva e plástica dos gestos informam sobre os seus estados íntimos. O olhar se dirige demoradamente para a sua exterioridade postural, aproveitando todos os indícios. Suponho eu que a sua instabilidade postural se reflete nas suas disposições mentais, e a sua tonicidade muscular dá importantes informações sobre seus estados afetivos.

A experiência em Cinoterapia indicou-nos que o afeto influencia nas relações interpessoais e na aprendizagem. Durante o processo cinoterápico ao menos inicialmente o participante tinha uma postura desanimada e arcada. Após as sessões de Cinoterapia sua postura ficou ereta e seu modo de andar demonstrava segurança e auto-estima.

A Cinoterapia se aproxima da teoria de Wallon (1995), das suas contribuições para a Psicologia do Desenvolvimento, a qual é relevante no estudo das interações entre ser humano e animais, além do que esse processo de inclusão traz desafios antes inimagináveis.

Na busca dessa compreensão encontramos na teoria do desenvolvimento de Wallon (1995) mecanismos para investigar o papel da relação entre a afetividade e cognição para o desenvolvimento holístico do ser humano, “entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa” (WALLON, 1995, p. 117).

Wallon apresenta a diferença entre os conceitos sobre sentimentos, paixão e emoção. Dessas manifestações sentidas, a afetividade é a mais complexa e a mais abrangente ao longo do desenvolvimento humano até inferir na cognição sua marca, como um desdobramento de um domínio funcional.

Cognição e afetividade fazem parte da formação do ser humano. A afetividade é um indicador no processo de desenvolvimento da personalidade da criança. Nas teorias desenvolvimentistas de Wallon e Freud, por meio da psicanálise, expressam a situação que, desde o nascimento, a criança manifesta seu sentimento emocional de mundo bom e de mundo mau. A partir dessas experiências que remetem à infância, de bem-estar ou mal-estar proporcionado pelo atendimento ou não das suas necessidades básicas como na alimentação, nos cuidados de higiene e principalmente no afeto, a criança vai “se construindo” como

sujeito e estabelecendo uma relação saudável ou não, consigo mesmo, com o “Outro”<sup>6</sup>, e nos diferentes ambientes de seu convívio. Para Wallon (2008, p. 117),

O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real.

Para Mahoney & Almeida (2005, p. 15), essa integração da visão walloniana é “o motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros.” Assim, toda atividade motora repercute na afetividade e cognição e todo processo mental e, conseqüentemente, repercute na afetividade e atividade motora como uma mão de via dupla.

Uma escola inclusiva visa à participação dos estudantes e o seu pleno desenvolvimento, seja na socialização seja inserção na comunidade em que vivem. Para que isso aconteça de fato, os espaços sócio-educacionais demandam auxílio adicional.

Sabe-se que, provavelmente, nunca se atingirá o ideal, visto que se trabalha com um contexto real com diferentes desafios, tais como: professores em constante capacitação e com remuneração digna, monitores e auxílio interdisciplinar contando com uma rede de atendimento com especialistas de diferentes áreas formando núcleos de profissionais numa parceria saúde e educação. Sabemos que esta sugestão ainda está distante.

Nas escolas públicas de muitos municípios brasileiros existem salas de recursos equipadas pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura) para oferecer o “Atendimento Educacional Especializado”.

Como define Merleau-Ponty (1999, p. 576), “o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de

---

<sup>6</sup> Outro- Com o conceito de “grande Outro” Lacan pretendeu abarcar em um único movimento teórico as diversas formas através das quais a palavra nos constitui: da cultura (que é essencialmente feita de linguagem) ao discurso familiar. Do ponto de vista lacaniano, nada mais somos do que o efeito da incidência da linguagem sobre nossos corpos [...] No caso do conceito de “grande Outro” podemos dizer que Lacan pretendia dar conta da relação do homem com tudo aquilo que determina boa parte do seu modo de ser [...]. Talvez você esteja se perguntando neste momento sobre a necessidade de grafar a palavra Outro com O maiúsculo. Pois bem. Lacan fez isso com o propósito de diferenciar esse Outro como lugar da palavra que nos determina dos “outros” (com o minúsculo) que são as pessoas com as quais nos relacionamos, nos identificamos e às vezes nos confundimos. Para Lacan era necessário fazer essa distinção, dentre outras razões, porque o Outro como lugar da palavra possui uma autonomia que faz com que ele não possa ser reduzido ao que os pequenos outros enunciam. Essa independência da linguagem na determinação do sujeito é certamente uma das grandes marcas da teoria lacaniana”. <<http://lucasnapoli.com/2014/02/23/o-que-e-o-grande-outro-lacaniano/>>.

um mundo que ele mesmo projeta.” Ou seja, o ser humano é parte do universo construído pelas experiências e pelo que se projeta do mundo afetivo. Por isso, estar bem emocionalmente significa estar saudável mentalmente. A inclusão é um direito de todo ser humano e pressupõe justiça social em todos os contextos sociais na busca de equidade.

Ao considerar o progresso científico e a possibilidade de uma sociedade inclusiva, democrática e ética na busca do bem estar, benefícios e desenvolvimento do potencial para o ser humano são fundamentais para a construção da cidadania, o respeito à diversidade cultural e justiça para que o processo social inclusivo aconteça de fato. A Resolução 466/12 do Conselho Nacional de saúde prevê que:

Considerando o desenvolvimento e o engajamento ético, que é inerente ao desenvolvimento científico e tecnológico; Considerando o progresso da ciência e da tecnologia, que desvendou outra percepção da vida, dos modos de vida, com reflexos não apenas na concepção e no prolongamento da vida humana, como nos hábitos, na cultura, no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis e que se alteram e inovam em ritmo acelerado e contínuo; Considerando o progresso da ciência e da tecnologia, que deve implicar em benefícios, atuais e potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, nacional e universal, possibilitando a promoção do bem-estar e da qualidade de vida e promovendo a defesa e preservação do meio ambiente, para as presentes e futuras gerações; Considerando as questões de ordem ética suscitadas pelo progresso e pelo avanço da ciência e da tecnologia, enraizados em todas as áreas do conhecimento humano; Considerando que todo o progresso e seu avanço devem, sempre, respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano.

A partir de Santos (2005, p. 16) é importante refletir que “entre as ruínas que se escondem atrás das fachadas, podem pressentir-se os sinais por enquanto vagos, da emergência de um novo paradigma. Vive-se, portanto, um tempo de transição paradigmática”. Na perspectiva de uma sociedade democrática, essa concepção visa desenvolver valores de cidadania pela dimensão social das relações, respeitando os pressupostos de justiça e dos valores sociais para a construção do processo social inclusivo.

## **2.2 Formas de Linguagem na comunicação entre o terapeuta, a família, o participante e o cão**

O homem, pelo uso da linguagem, exterioriza seu pensamento e sua consciência que vai possibilitar a comunicação. A comunicação torna possível a interação entre os sujeitos, auxiliando a construção de uma sociedade inclusiva. Ao buscarmos a valorização da diversidade, temos na linguagem a forma de expressão que vai tornar possível dar significado as mensagens que se quer comunicar, seja pela linguagem verbal, seja por outros sinais

expressos pelo corpo do sujeito ao interagir com o outro. Mas é imprescindível que todos tenham “voz” no processo de comunicação nas relações humanas.

A linguagem inicia na infância e, segundo Vygotsky (1995), não dispensa a presença do “outro”. Alguns pontos deste processo merecem destaque como a relação entre linguagem, corpo e educação, pois se é na interação, na relação social que se demonstra o uso da linguagem, então podem ser observadas várias formas de linguagem, além daquela que se expressa por signos verbais.

No diálogo com a família, a linguagem otimiza a parceria tendo como enfoque a importância da comunicação entre alunos, pais, professores como parceiros potenciais. Sabe-se que um recurso só adquire funcionalidade quando conseguimos avaliar as potencialidades dos alunos e adequar o meio para expressar e comunicar mensagens. Convém ressaltar que se trata de uma discussão teórica que aborda o contexto escolar da educação especial

A linguagem perpassa qualquer relação social. Segundo Bakhtin, “[...] aquele que pratica um ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo” (*apud* FIORIN, 2006, p. 5). Na relação com o aluno e com a família, é fundamental buscar a participação do “outro”, evidenciando a dimensão dialógica.

O dialogismo é um processo de comunicação. São as relações de sentido que se estabelece entre enunciados numa relação intersubjetiva que evidencia também questões de poder. Para Fiorin (2006, p. 19), “não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos” e é dentro desse conceito que se estabelece a importância e a instauração da linguagem como meio para que o diálogo se efetive na constituição do sujeito enquanto ser humano e ser social.

O vocábulo “diálogo” significa, entre outras coisas, “solução de conflitos”, “entendimento”, “promoção de consenso”, “busca de acordo”, o que poderia levar que Bakhtin é o filósofo da grande conciliação entre os homens. Não é nada disso. As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de ceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto (FIORIN, 2006, p. 26).

A importância da “conversação” com a família e do uso da linguagem para estabelecer o diálogo é que oportuniza a interação necessária para o atendimento do aluno com necessidades especiais. Fiorin (2006, p. 55), ao abordar sobre o terceiro conceito de dialogismo, realça que:

A subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. [...]. O princípio geral do agir é que o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação.

Ainda quanto ao terceiro conceito de dialogismo, Fiorin ressalta a importância das vozes do discurso nas inter-relações dialógicas:

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente aprendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e ao mesmo tempo, suas relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto o sujeito é constitutivamente dialógico, seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além, como está sempre em relação com o outro, o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser (2006, p. 55).

A comunicação se dá pelo uso da palavra, no ato da fala, ou da leitura e da escrita. A fala possibilita a expressão de sentimentos e exprime uma intensa troca de informações, mas quando essa é impossibilitada, outras formas de linguagem cumprem essa função. Segundo Manzini, (2006, p.3):

A primeira ideia [SIC] que geralmente se tem do conceito de comunicação é que nos comunicamos é que nos comunicamos por palavras e pela fala. Por meio da fala manifestamos sensações, sentimentos, trocamos informações, enfim, conhecemos o outro e nos deixamos conhecer. Porém, a comunicação entre as pessoas é bem mais abrangente do que podemos expressar por meio da fala, ou seja, o ser humano possui recursos verbais e não-verbais que, na interação interpessoal, se misturam e se completam.

A linguagem, como prática social na comunicação, vai além da fala, visto que algumas formas de comunicação possuem expressões lingüísticas na forma física, fora do corpo do sujeito, como objetos reais, pranchas de comunicação, sistemas computadorizados, símbolos gráficos e outros. Assim, é por meio da linguagem que se expressa os pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos, além do que existem inúmeros tipos de linguagens para estabelecer atos de comunicação, tais como: sinais, símbolos, sons, gestos e regras com sinais convencionais (linguagem escrita e linguagem mímica, por exemplo).

Essa comunicação suplementar ou ampliada é uma forma alternativa que visa garantir a comunicação e as linguagens não verbais dão significado aos gestos e as expressões faciais. Como estabelecer uma comunicação com alguém com deficiência mental ou que não se comunica pela fala? Segundo Manzini (2006, p. 5), “a comunicação suplementar ou



ampliada enfatiza formas alternativas de comunicação visando dois objetivos: promover e suplementar a fala, e garantir uma forma alternativa de comunicação para um indivíduo que não começou a falar”. (Outros sentidos são acionados e a comunicação se dá pelo emocional, pela linguagem gestual, pelo tato, deslocamentos, representações), pelas expressões faciais e através de olhares. Manzini (2006, p. 28) explica que:

As expressões faciais devem ser encorajadas no processo de comunicação. Geralmente, as expressões faciais são combinadas com gestos ou com outros comportamentos motores como, por exemplo, apontar para figuras ou fotos. As expressões faciais devem ser interpretadas dentro do contexto comunicativo. A direção do olhar também é um poderoso recurso que pode substituir o comportamento de apontar, principalmente quando o aluno não tem a possibilidade motora de apontar para estímulos.

A comunicação acontece pelo simbólico, pois o ser humano usa o corpo até como complemento daquilo que quer dizer com a linguagem oral. O corpo também se expressa naquilo que “ele” quer dizer, constituindo recursos não verbais importantíssimos na interação interpessoal. Portanto, a expressão do corpo em seus diversos sinais cumprem o papel de demonstrar sensações de alegria, tristeza, raiva, medo entre outros, uma vez que muitos transtornos tem a verbalização dificultada, ou não podem acontecer de forma natural e o gesto complementa ou faz a vez da fala na comunicação.

Manzini (2006, p.27) afirma que “o gesto é um recurso de comunicação do homem e, na maioria das vezes, acompanha a fala. A utilização de gestos, concomitantemente ou não com os sons, figuras ou fotos, pode ser estimulada para que o aluno se faça entender”. A linguagem corporal menos estereotipada e mais ampla utilizando gestos sociais como o simples gesto de “apontar” pode-se indicar objetos, e pessoas, acenos de cumprimento, atitudes de agrado e desagrado, interesse e desinteresse, concordar e discordar de movimentar a cabeça, são gestos que se apresentam como atos significativos que permitem compreender e ser compreendido.

Em educação especial, a expressão *comunicação alternativa e/* ou suplementar vem sendo utilizada para designar um conjunto de procedimentos técnicos e metodológicos direcionado a pessoas acometidas por alguma doença, deficiência, ou alguma outra situação momentânea que impede a comunicação com as demais pessoas por meio dos recursos usualmente utilizados, mais especificamente a fala (MANZINI, 2006, p. 4).

O uso de comunicação alternativa poderá ser explorado na impossibilidade de utilizar os recursos da fala, como outra forma de linguagem na educação inclusiva. Assim, ao falarmos, podemos, por exemplo, sorrir, demonstrando agrado, concordar ou discordar por

um simples gesto, como balançar a cabeça, utilizar gestos para complementar o que falamos ou, simplesmente, demonstrar interesse ou desinteresse por aquilo que está sendo falado (MANZINI, 2006, p. 3).

Utilizar esse recurso terapêutico na interação entre o ser humano e cão requer uma atenção redobrada por se tratar de um animal, do participante e do terapeuta para que haja uma harmonia entre os três. Os cães possuem uma grande habilidade em compreender a nossa linguagem corporal, pelo posicionamento do nosso corpo, entendem o comando indicado pelo treinamento do adestrador, podendo inclusive antecipar a ação que queremos transmitir pelos nossos gestos e olhar, detectando nossa satisfação ou desaprovação, nossas emoções não tem mistério para eles.

Manzini (2006, p.5) afirma que “a comunicação apoiada englobaria todas as formas de comunicação que possuem expressão lingüística na forma física e fora do corpo do usuário, como objetos reais, miniaturas de objetos, pranchas de comunicação com computadorizados [...]”. A participação da família no processo de inclusão é extremamente importante. É por meio do diálogo que se estabelece a comunicação com a família, evidenciando a importância da parceria entre escola e familiares para promover a inclusão.

Para estabelecer uma comunicação positiva e uma parceria entre o homem e o cão, favorecendo a socialização, junto aos participantes com necessidades específicas, a presença do cão pode auxiliar nessa socialização, que muitas vezes já é difícil para quaisquer pessoas ditas normais. De acordo com Enderle (1990, p. 93):

O início do processo de socialização impõe certas dificuldades para a criança, já que se inserir num grupo, seja de vizinhança ou escolar, implica uma ameaça à perda da identidade como indivíduo. A criança ainda não solidificou a capacidade de achar satisfação numa nova identidade, ou seja, a identidade grupal.

Há uma potencialidade muito grande na comunicação entre humanos e animais, independente de ser ou não uma pessoa com necessidades especiais, em parte por ser uma relação de não-julgamento dos animais quando estabelecem uma parceria com humanos. A linguagem perpassa qualquer relação social sendo o objeto de comunicação e interação entre os seres humanos.

Dá-se ênfase nas manifestações não-verbais (gestos, expressões faciais, e outras), como uma via de contato com o aluno com necessidades especiais, ao fazê-lo não se quer reduzir a importância da linguagem universalmente aceita (línguas naturais humanas) e só se pode falar em linguagem não-verbal porque existe a verbal. A linguagem corporal é o vetor

que dá voz às pessoas com deficiência na execução da expressão verbal e possibilita a comunicação e a interação com o cão promovendo a socialização.

Na comunicação com animais outras formas de linguagem se estabelecem na comunicação. Na Cinoterapia, tendo o cão como coterapeuta em Educação Especial, o corpo utiliza-se de outras formas de comunicação quando a comunicação verbal está impossibilitada. Ela se dá por gestos, sons não-articulados, olhar, e outros sinais expressados pelo corpo fazem a vez da linguagem verbal.

Atender a pessoa com necessidades especiais requer o estabelecimento do diálogo com a família para constituir uma parceria escola/ família em prol do trabalho a ser realizado. O uso da linguagem verbal, na forma de conversação, estabelece a comunicação com a família. As informações recebidas na entrevista é o início do atendimento, pois são dados que irão dar a direção do plano de trabalho. A leitura que se faz desse diálogo vai auxiliar no diagnóstico das potencialidades a serem desenvolvidas com a pessoa com necessidades especiais.

Os cães pela convivência com o ser humano abrem um canal de comunicação afetiva com as pessoas. Essa relação entre eles faz com que principalmente as crianças se disponibilizem mais a tratamentos pela redução da resistência possibilitando melhores resultados em um menor tempo. Lacan (1983, p.105) afirma que pode

acontecer que um sujeito que dispõe de todos os elementos da linguagem, e que tem a possibilidade de fazer certo número de deslocamentos imaginários, que lhe permitam estruturar seu mundo, não esteja no real. Porque não está? - unicamente porque as coisas não vieram numa certa ordem. A figura no seu conjunto está perturbada. Não há meio de dar a esse conjunto o menor desenvolvimento.

A proximidade e a amizade estabelecida entre eles é um componente emocional lúdico pela sua linguagem corporal, que auxilia muitas intervenções tanto na área pedagógica quanto na terapêutica. Os cães que acompanham as pessoas surdas lhes dão uma maior percepção do ambiente, indicando de onde vem os sons posicionando suas orelhas como um código para o tutor (forma de linguagem corporal).

O ser humano exausto, sob tensão estressante, desanimado, agitado, pela energia hiperativa é percebido pelo cão que, por sua vez, pode ser influenciado ficando exaltado, agitado, pulando muito como forma de dominar a “fraqueza humana”, ele identifica pelos sentidos aguçados e pelos “sinais” expressados pela linguagem corporal do homem. Os cães também são poderosos em nos fazer relaxar nos dando equilíbrio emocional.

A Cinoterapia por meio de atividades físicas compatíveis com o nível de energia verificadas nos dois, possibilita a prática do exercício físico necessário e adequado para otimizar o objetivo proposto, seja numa corrida ou uma simples caminhada.

Millan (2013) enfatiza que o idioma universal é a energia, o que faz o cão e o ser humano entrar em sintonia.

Como seres humanos, costumamos olhar o mundo com lentes muito egocêntricas. Por pensarmos como pensamos e por nos comunicarmos como nos comunicamos, acreditamos, de certo modo, que os demais seres da Terra fazem como nós, ou que são inferiores. A verdade é que, apesar de todas as vantagens que a linguagem oferece a nossa espécie, trata-se de um meio de comunicação secundário no grande esquema da vida. O idioma universal na natureza é a *energia* - o modo com que todos os animais transmitem seus sentimentos e intenções uns aos outros (MILLAN, 2013, p 19).

Os cães percebem e não esquecem quando sentem medo podendo ficar traumatizados, geralmente barulhos extremos como fogos de artifícios podem lhes causar grandes danos, por terem sua audição aguçada. São curiosos, arteiros, não diferenciam brincadeiras de bagunça, certo de errado, precisando de um bom treino para que não façam coisas reprováveis como destruir calçados, sofás e outros objetos.

O sentimento de raiva age como defesa no cão, quando se sentem ameaçados podem desenvolver medo tornando o cão em “medroso”. Isso pode levar a ações como atacar, por assustar-se, ou como defesa antecipada por sentir sua vida em perigo. É muito importante a socialização do cão desde pequeno, e nisto assemelha-se aos seres humanos quando crianças, para evitar comportamentos inadequados ou de agressividade, eles aprendem regras de convívio e obedecem às ordens do tutor pela observação, recompensa ou consequência.

Grandin e Johnson (2006) indicam como características do cão a linguagem corporal quanto a sua sensibilidade, de sentirem uma emoção de cada vez, exceto medo e curiosidade, os quais podem sentir ao mesmo tempo.

A interação do cão com o ser humano é benéfica para os dois, o cão é dependente de cuidados de higiene e alimentação do ser humano, ele não é mais capaz de prover sua alimentação pela caça, pois a domesticação deixou-o incapaz de sobreviver sozinho. O ser humano se beneficia com a companhia, a fidelidade e o carinho resultando numa relação dinâmica de parceria.

Considerando outras formas de linguagem na Educação Inclusiva, a análise do discurso contribui para compreender a comunicação verbal que se estabelece no ato da interação e para a interpretação e entendimento do contexto em que o sujeito da discussão

teórica está inserido. A sociedade tem a linguagem como uma necessidade social para que a interação aconteça. Parte-se do pressuposto de favorecer a interação entre a família e escola no processo educativo de alunos com deficiência tendo a linguagem verbal e não verbal como forma de comunicação que é fundamental na interação social no processo inclusivo.

As participações sociais vivenciadas no cotidiano escolar pelas pessoas com deficiência e dificuldades de fala necessitam essas formas alternativas de expressão. Isso, no entanto, não significa que a ideia é substituir a fala, mas ampliar, contribuir ou suplementar a fala para que a comunicação ocorra, utilizando os sentidos, como a visão, num processo em que visualizar objetos aumenta ou possibilita a compreensão do mundo.

### 3 A PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO

O caminho metodológico percorrido enfatiza a pesquisa como processo investigatório que, por meio de objetivos claros, procurou avançar no conhecimento a partir do qual a ciência tem o poder de transformar, de mudar concepções pelo esclarecimento científico. Do pensamento à ação, a ideia do tema foi dando forma ao desejo para, então, recorrer às leituras necessárias e estruturar o estudo seguido de interpretação e retomadas. O itinerário do caminho foi se delineando a partir das observações cheias de significados e significantes percebidas durante o percurso possibilitando elaborar o estudo em Cinoterapia.

Sabe-se que o problema empírico nas ciências é subjetivo. Contudo, evidências em observações, aliadas à análise interpretativa da prática embasada teoricamente, é fundamental para a realização da pesquisa que vai em busca de respostas para a questão norteadora desse trabalho. Busca de argumentação científica para a seguinte questão: Como a Cinoterapia, por meio da mediação com o auxílio do cão e da relação afetiva estabelecida, poderá contribuir no contexto inclusivo junto à criança com necessidades especiais?

A pesquisa qualitativa teve seu início nos estudos socioculturais e antropológicos e na necessidade de investigar, identificar e analisar o fato ao observar como vive o ser humano no contexto cultural. Baseado nesse conceito observou-se, investigou-se e analisou-se a história de vida da criança, da sua concepção e do seu convívio com sua família, para que se pudesse ter um conhecimento ontológico e subjetivo desse contexto como ponto de partida para a intervenção dessa proposta de pesquisa.

Na perspectiva das ciências humanas, por meio da **pesquisa-ação**<sup>7</sup>, da pesquisa qualitativa e da história de vida dos sujeitos de intervenção, teve-se o propósito de compor os estudos de caso para que fosse possível a contextualização do processo investigatório. Tal processo contou com o cão como elemento de interatividade e mediação, o qual foi um diferencial na terapia com pessoas com deficiência, (ou/e com dificuldades de aprendizagem) auxiliando no processo de reabilitação.

Segundo Chizzotti (2013), quem se propõe a uma pesquisa, investiga uma compreensão para o problema, com reflexão pela ação, fundamentado na metodologia e tomando decisões para o caminho a seguir que não tem neutralidade. O envolvimento humano ocorre como parte natural da percepção sensorial e da interação entre as pessoas.

---

<sup>7</sup> **Pesquisa-ação:** Weber (1986) conceitua Pesquisa-ação como um sistema de comunicação dialógica entre pesquisadores e atores com vistas a produzir um novo tipo de saber favorecendo a reorientação da ação.

A pesquisa acontece à medida que se começa a investigar a prática em busca de mais informações. A Ciência está sempre avançando e, por isso, as certezas podem, a qualquer momento, ser repensadas, reformuladas e, até mesmo negadas, dando um indicativo de que o conhecimento está em constante processo de construção e nunca concluído.

Segundo Sánches (2008), verifica-se a relação entre técnica, métodos e epistemologias. A escolha por técnicas mostram o caminho a ser percorrido pelo pesquisador e os procedimentos que vai adotar na investigação ou metodologia. Nesse sentido, optou-se por uma metodologia que considera o contexto, as diversas concepções de mundo, de homem e de sociedade. Pois a busca pelo conhecimento vai por outro caminho que não o do tecnicismo.

As pesquisas qualitativas que buscam reconhecer uma pluralidade cultural, distanciando-se da autoridade do agente pesquisador para valorizar as muitas vozes dos participantes, representam um modelo para buscar responder as muitas indagações das pesquisas humanas e sociais. Portanto, pesquisa é uma prática necessária na construção da vida social e por meio da pesquisa qualitativa- investigativa não deixar à margem o rigor científico.

Historicamente a pesquisa vem se desenvolvendo de várias formas, gerando crises que vão mudando **paradigmas**<sup>8</sup>. Nesse processo de construção de conhecimento há muitas quebras de paradigmas pela relação entre conhecimento e sociedade, pelas crises da modernidade justificada pela própria evolução da sociedade. O saber científico requer domínio de regras para fundamentá-lo e construir algo novo, enquanto o conhecimento do senso comum acontece sem compromisso com a comprovação.

Enquanto pesquisadores sociais é preciso contribuir, intervir e melhorar a qualidade de vida da comunidade, numa outra possibilidade de globalização mais humanizada. A modernidade traz muitas informações que pela reflexão e pela pesquisa científica pode ser transformada em conhecimento. A pesquisa é uma busca de saber mais para contribuir com a qualidade de vida do planeta e da humanidade. A busca pela pesquisa qualitativa vem ao encontro das indagações que desacomodam os profissionais da educação. Segundo Minayo (1996, p. 21),

---

<sup>8</sup> **Paradigma** no entendimento de Lakatos & Marconi (1996) é o conjunto de crenças, valores que vai sustentar a sociedade, buscar o conhecimento da realidade para, então, gera uma crise de paradigma e assim gera um novo paradigma. Lakatos & Marconi chama de tradição e não de paradigma.



A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Entende-se que a pesquisa qualitativa trabalha o sentimento, o agir do homem e suas relações, investiga o que não é palpável. Para Trivinhos (1987), a pesquisa qualitativa segue praticamente os passos de qualquer investigação, embora não com tanta rigidez quanto na pesquisa quantitativa. Um exemplo são as informações das coletas de dados que geralmente são interpretadas imediatamente, o que pode gerar novas busca de dados.

Na presente investigação foi desenvolvida uma pesquisa do tipo descritiva interpretativa, com a finalidade de compreender o problema da pesquisa a partir das referências fornecidas pelos entrevistados. Segundo Trivinhos (1987, p. 128), a

pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente *descritiva*. [...] a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas, etc.

A pesquisa descritiva tem por finalidade observar, registrar e analisar os fenômenos sem interferir no seu conteúdo. Apenas procura perceber, com o necessário cuidado, com que frequência o fenômeno acontece para captar a sua essência.

O estudo de caso requer um olhar para a história de vida do sujeito da intervenção. Tudo sobre sua história de vida é importante, desde a sua concepção até o dia atual. Fez-se necessário um resgate de suas vivências e da leitura do seu lugar na família que nos revelou suas necessidades e potencialidades, bem como possibilitou a realização de um diagnóstico da dinâmica familiar que evidenciou a aceitação da terapia com o cão.

Segundo Stake (2005, p. 16), “o estudo de caso não é um método específico, mas um tipo de conhecimento: estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado”.

Estudos de caso, nessa perspectiva, conforme Ludke e Andre (1986), objetivam a descoberta, a interpretação dos fatos e visam retratar a realidade da forma mais profunda e natural usando todos os tipos de informações disponíveis. Para isso, exige-se um grande equilíbrio emocional para um devido distanciamento do pesquisador do seu objeto de estudo, observando e analisando os resultados.

Para estabelecer uma parceria efetiva da família e escola e buscar o apoio extremamente importante para a otimização dos resultados, utilizando-se o questionário, como instrumento de coleta de dados, constituído de perguntas abertas para que respondessem livremente, usando linguagem própria e expressando sua opinião. Este foi entregue ao informante que nos deu a devolutiva por escrito. O questionário possibilita a captação imediata de informações e um contato direto estabelecendo uma relação com os sujeitos da pesquisa.

Lakatos e Marconi (1996, p. 201) enfatizam que o questionário apresenta muitas vantagens, tais como a economia de tempo, as viagens e obtém grande número de dados, atingindo um maior número de pessoas simultaneamente, abrangendo uma área geográfica mais ampla, economia de pessoal, [...] obtendo respostas mais rápidas e mais precisas, com maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato, com mais segurança pelo fato de as respostas não serem identificadas e menos riscos de distorção, pela não influência do pesquisador.

Com mais tempo para responder o questionário e em momento mais favorável, haverá mais uniformidade na avaliação, pela natureza impessoal do instrumento e, por fim, obtêm-se respostas que materialmente seriam inacessíveis. O referido questionário foi construído com questões norteadoras com o indicativo de diagnosticar, de analisar e de interpretar dados relevantes para o estudo de caso.

Participaram como sujeitos da pesquisa os professores da escola, os familiares e os sujeitos do estudo de caso e, a partir do perfil de cada um, iniciaram-se os planejamentos de intervenção, tendo o cão como participante dessa proposta. Os dados foram analisados através da leitura e da fala dos sujeitos de intervenção. May (2004, p.172) afirma que os

dados derivados das entrevistas não são simplesmente peças de informação precisas ou distorcidas, mas fornecem ao pesquisador meios de analisar os modos pelos quais as pessoas percebem os eventos e as relações e as razões que oferecem para assim fazê-lo. Todavia, elas são medidas não apenas pelo entrevistado, mas também pelo entrevistador. São os seus pressupostos na interpretação dos dados que também devem ser objeto de análise.

Para realizar a análise foi lançado mão de conhecimentos específicos da área da formação psicopedagógica, por meio da contribuição da psicanálise, possibilitando, assim efetivar com clareza a interpretação que se fez necessária para o entendimento do processo de construção e aplicabilidade da Cinoterapia. Da mesma forma, fez-se uso da análise de

conteúdo, considerando que esta se aproxima muito da proposta interpretativa da psicopedagogia em questão. Para Bardin (1977, p.42), a análise de conteúdo é entendida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não), que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

De acordo com as colocações de Bardin (1977, p. 95), “há três etapas que compreendem a análise de conteúdo: pré- análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação”. Considerando essa premissa o que pode ser interpretado? Bardin (1977) afirma que,

mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma intuição carismática. Por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar.

Considerando outras formas de linguagem na Educação Inclusiva, a análise do discurso contribui para analisar a comunicação verbal que se estabelece no ato da comunicação e para a interpretação e entendimento do contexto em que o sujeito da discussão teórica está inserido.

A utilização da análise de conteúdo para trabalhar os dados coletados buscou no texto o que não estava visível na primeira leitura, e que precisou de uma metodologia para ser desvendada a sua verdade, senão absoluta, na maior proximidade possível dos fatos reais.

A análise de conteúdo percorreu um caminho por diversas fontes de dados: nas observações, na fala da família e na fala dos professores, do próprio sujeito de intervenção, em laudos e diagnósticos médicos, no relatório de atendimento, no processo de intervenção e outros determinantes para se poder compreender o processo da Cinoterapia. “O discurso está situado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação com o receptor. O emissor e o receptor do discurso correspondem a lugares determinados na estrutura de uma formação social” (BARDIN, 1977).

A interpretação do conteúdo possibilitou uma ‘leitura profunda’, ir além da ‘leitura aparente’. O papel do analista é semelhante a investigação de um detetive ou do psicoterapeuta, confirmando o auxílio da formação psicopedagógica nesse processo. Freud afirma que ‘linguagem oculta’. Segundo Vygotsky (2000), para compreender a fala de outrem

não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação.

O questionário utilizado com o responsável familiar do sujeito da intervenção foi da anamnese que indaga toda a história de vida. O formulário da anamnese inclui o registro da história pessoal, familiar, além dos problemas clínicos pertinentes ou incapacidades físicas que devem ser anotadas com o objetivo de estabelecer o contato inicial com a família do sujeito, buscando estabelecer um vínculo de confiança. Com esse instrumento se pode chegar a um diagnóstico, coletando-se as informações necessárias para elaborar as hipóteses diagnósticas, extremamente importantes para que se possa fazer um diagnóstico confiável.

Alguns autores foram indispensáveis para estruturar esse estudo e contribuíram para o processo de construção dessa pesquisa: Boaventura de Sousa Santos com sua proposta de Ecologia dos Saberes, Maria Tereza Eglér Mantoan com suas reflexões sobre o processo inclusivo e seus desafios e Michel Maffesoli, para o entendimento da epistemologia da pesquisa e em como “pensar e fazer” ciência, entre outros teóricos.

Dos estudos em Cinoterapia houve certa dificuldade para encontrar bibliografias sobre a temática. Entendemos que isso se deve ao fato de que, embora há um bom tempo esse tema vem despertando interesses e estudos, ainda há pouca produção científica dessa temática.

As leituras foram possibilitando esboços e contornos ao caminho que a pesquisa percorreu. As ideias e observações foram configurando o que sistematizamos. A pesquisa da história de vida pela entrevista anamnese, a escuta sensível, a intuição, as falas, tudo foi compondo o que está transcrito no trabalho, com os devidos cuidados para ser o mais fiel possível.

A pesquisa foi construída no próprio movimento teórico-prático e pela análise de conteúdo, buscando e investigando nos atos falhos, no dito e não dito, nos olhares, no silêncio, que em determinados momentos nos disseram mais que mil palavras, nos movimentos corporais, na postura demonstrada compreendemos as pistas voluntárias e involuntárias do ser humano na inter-relação com o animal revelando o que buscamos conhecer.

Várias coisas importantes ficaram submersas no inconsciente do sujeito entrevistado, talvez como forma de autopreservação, de sobrevivência, de forma a suportar a dor sentida. Os questionamentos causam um movimento na própria história de vida do sujeito. Nesse momento, a intuição ética e o respeito pela história do “outro” considera o momento

certo de espera, de aguardar o tempo necessário para que se retome ou não fatos “escondidos”.

O contato com a história de vida do sujeito de intervenção requer um cuidado com a entrevista e a conversa com a família e os professores. No primeiro contato visamos estabelecer um clima de confiança e de disponibilidade em realizar a parceria imprescindível para a pesquisa. Todos os envolvidos no projeto foram fundamentais para o sucesso do mesmo, seja o sujeito de intervenção seja os demais profissionais que auxiliaram no trabalho e no próprio ambiente onde foi realizada a prática cinoterápica.

A EASA - Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, autorizada como local para a prática de Cinoterapia pelo Comandante do Exército Brasileiro foi um apoio essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Um local amplo e que remete à liberdade junto à natureza. O auxílio do Exército com recursos humanos foi imprescindível para o sucesso do projeto.

Foram escolhidos dois casos para intervenção: um sujeito autista e um sujeito com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Estes foram observados, analisados e tiveram materiais transcritos e posteriormente relatados nesse trabalho de pesquisa. Cada caso foi analisado com o cuidado ético para ter suas singularidades e peculiaridades consideradas.

As publicações foram devidamente autorizadas e documentadas, assim como o uso de imagens, filmagens e palavras relatadas pelos pesquisados, e todos os procedimentos devidamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta (CEP).

A anamnese foi elaborada a partir do modelo de Simaia Sampaio (2009), essa entrevista foi fundamental para compor a história vital e, conseqüentemente o estudo de caso. A análise desses documentos considerou todos os sinais e códigos já explicitados anteriormente para analisar a importância dos laços afetivos estabelecidos entre o cão e o homem, foco do estudo.

A anamnese é o instrumento usado para dialogar com a família. Por meio desses questionamentos podemos conhecer e avaliar a história de vida na perspectiva do familiar, geralmente da mãe, que relata sua história com esse filho desde o primeiro encontro com o pai, sua gestação e como ocorreu o desenvolvimento emocional, físico e cognitivo da criança. É a voz dela que relata a experiência de vida desse núcleo familiar até o momento presente.

Nessa forma de questionário padrão e tradicional usada por profissionais como psicólogos e psicopedagogos, com perguntas abertas em que a pessoa tem a liberdade de expor os fatos e com algumas perguntas fechadas que estabelecem limites estreitos como sim

ou não para então serem solicitados detalhes. O entrevistador controla a entrevista e há um controle dos tópicos a serem abordados.

Todas as respostas são importantes para análise e avaliação. O silêncio, as respostas não explícitas e as pausas são indicativos de que há um controle intencional ou um ato inconsciente por parte do sujeito que responde, refletindo-se no que ganha significado para o participante. Para a psicanálise e para a psicopedagogia são questões significativas num ciclo de perguntas, de respostas e de avaliação. Caso sejam necessários novos questionamentos, irão buscar a completude da fala, do que ainda não foi dito, subentendido ou ficou vago.

Sem intenção de controlar a interação por meio das perguntas, as que foram feitas à família por meio de um instrumento chamado anamnese, em que o entrevistador oferece a possibilidade da fala ao familiar, a atenção ao aguardar a resposta, podendo intervir para incentivá-lo a prosseguir com a fala, portanto não foi estabelecido limite para a resposta. A análise do discurso da anamnese contribui como investigação por meio da interação entre entrevistador e entrevistado.

A conversação está constituída de outro gênero, o aconselhamento<sup>9</sup> e (ou) encaminhamento. O familiar numa conversa terapêutica irá relatar ao profissional que posteriormente irá avaliar as respostas para dar um *feedback* à família com orientações que auxiliem no desenvolvimento do aluno. Fairclough (2001) ressalta a intertextualidade, o embate entre diferentes vozes, as vozes da escola e da vida e do mundo em que vive esse aluno.

A análise alternativa sugerida por Mishler enfoca a dialética, o conflito, luta na interação entre essas duas vozes. Isso sugere uma forma de estender o que eu disse até agora sobre intertextualidade, para permitir a possibilidade, no diálogo explícito, de uma relação intertextual entre diferentes vozes, trazidas à interação por diferentes participantes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 182).

Houve o cuidado em expor as histórias e em entrar no contexto familiar, o respeito à cultura da família, ao identificarmos alguns tabus, alguns segredos a serem silenciados, onde a ética deu o limite do que pudemos evidenciar ou tivemos que calar. Nem tudo o que ouvimos pode ser narrado. Há uma linha tênue em questionar e calar para não invadir a vida privada das pessoas em questão. "Aquele que escuta o narrador, em contrapartida, participa da vida

---

<sup>9</sup> O dicionário Aurélio descreve o “aconselhamento” como o espaço para falar, empatia em relação aos relatos [...] auxílio ou orientação que um profissional (pedagogo, psicólogo etc.) presta ao paciente nas decisões que este deve tomar [...] ou quanto à solução de pequenos desajustamentos de conduta.

dele, a experimenta, numa escuta participativa. Além disso, aquele que ouve histórias narradas experimenta um ritmo, uma feitura artesanal" (MACHADO, 2004, p.10).

Houve o cuidado em não interferir na fala, mas com possibilidade de intervir, mostrando no momento oportuno atitudes que podem ser tomadas em relação ao participante e sua história de vida em dado relato, para que essa orientação demonstre que essas experiências fortalecem e fazem parte da vida e do crescimento de todo ser humano. Todo esse processo foi necessário para o entendimento e busca da ruptura de atitudes e encimesmamento no caso do TDAH e do Transtorno Autista.

O imaginário da família é encontrar um profissional que alivie a dor e o sofrimento. Por sua vez o profissional precisa se distanciar, procurar não se envolver emocionalmente, para não absorver a dor do outro pela narrativa e assim não afetar sua intervenção. A fala da família já é uma ação transformadora, podendo ser ressignificada pelo relator, ou seja, o sujeito da intervenção, sendo então um movimento terapêutico, ao falar a pessoa faz uma auto escuta que poderá lhe trazer ao consciente respostas para suas angústias, pela superação ou sentimento de fracasso ao não conseguir transpor alguma situação do passado.

A memória seleciona o que vai ser dito para que o sujeito se mantenha saudável mentalmente. O momento de retomar as lembranças é um momento riquíssimo de significados, de pulsação de vida e de morte de coisas que causam dor ou satisfação, aflorando sentimentos, desde o encontro em que os pais se conheceram até o motivo que trouxeram esse sujeito ao mundo, passando pela concepção, nascimento, etapas de extremo significado, caracterizando o processo da anamnese.

As questões abertas possibilitaram retomar, pausar, interromper, pois “mexeu” com a história da família ao relatarem a angústia da problemática do filho. Relatar sua história é doloroso ou alivante. As falas livres foram deixando fluir os fatos, sob o risco de que a pessoa não suportasse o momento da entrevista que também é terapêutico, podendo abandonar a terapia como fuga, o que felizmente não aconteceu, mas que nos exigiu preparo, sensibilidade e cuidado durante o processo.

O entrelaçamento das vivências sempre envolve o emocional, o que exige respeito, a cultura, o tempo e o espaço em que a sua história foi vivenciada e que constituiu-os como sujeitos.

Questões subjetivas envolvem opinião, autoridade, minimizam o potencial ameaçador e aumentam a polidez, evidenciando a importância da polidez na entrevista. O que poderá constranger não é o que se fala, mas a maneira como se fala e o tom de voz em que as palavras são ditas quando um familiar é entrevistado a respeito da história de vida da criança. É



uma situação difícil porque entra no campo restrito familiar podendo ser constrangedor para essa pessoa relatar fatos íntimos, particulares.

Análise do discurso ocorre nos diferentes campos do conhecimento, a abordagem nas relações discursivas interagem através do dialogismo<sup>10</sup>. A forma como irá acontecer a conversação, a interação entre profissional e família pelo discurso que se estabelecerá considerando uma agenda preestabelecida e com a realização de uma anamnese a qual deverá ser feita com muita polidez<sup>11</sup>.

Há uma análise em termos do controle de interação pelo profissional e uma análise feita em termos de dialética. O discurso contribui como um meio para investigar as mudanças e a parceria com a escola por parte da família no atendimento como o aluno por meio da interação entre as pessoas envolvidas. O desenvolvimento da entrevista ocorre como uma conversação a partir de uma pergunta, o profissional dará atenção ao entrevistado que implicará na aceitação do entrevistado. O desenvolvimento de uma entrevista como diálogo é relevante para que se crie um ambiente amistoso, de confiança no profissional que é fundamental entre escola/ família. O profissional exerce o controle paradoxalmente a concessão do controle ao paciente, caracterizado por Modalidade – Polidez - Ethos<sup>12</sup>.

Durante o processo da Cinoterapia, acompanhou-se como a pessoa com necessidades especiais se comunica com o cão, como ocorrem as interações entre esse sujeito que tem a linguagem verbal comprometida e o seu interlocutor e os procedimentos usados para se estabelecer a comunicação entre a escola e a família

A Modalidade – Polidez - Ethos é a relação que se estabelece como afinidade ou distanciamento durante o diálogo. Uma polidez fraca ameaça a autoestima, ou a falta de polidez associa-se ao conceito de ETHOS, o tom de voz sinaliza sua identidade e o tipo de pessoa que é. Fairclough (2001, p. 203) apresenta os seguintes conceitos:

A polidez na linguagem tem sido uma das grandes preocupações da pragmática (...) A teoria mais influente é a de Brown e Levinson. Eles pressupõem um conjunto universal de “desejos de face” humanos: as pessoas têm “face positiva” - querem

---

<sup>10</sup> Dialogismo é o que Mikhail Bakhtin (2006) define como o processo de interação entre textos que ocorre na polifonia; tanto na escrita como na leitura, o texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos similares e/ou próximos. Pode se dizer que os interlocutores ao colocarem a linguagem em relação frente um a outro produzem um movimento dialógico. O diálogo pode ser definido como "toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja".

<sup>11</sup> Polidez é o termo usado quando o assunto é embaraçoso, difícil, constrangedor, polidez fraca ameaça a autoestima, a falta de polidez associa-se ao conceito de ETHOS (caráter, modo de ser). O tom de voz sinaliza sua identidade, o tipo de pessoa que é...

<sup>12</sup> ETHOS é o conceito que se refere a caráter, modo de ser.

ser amadas compreendidas, admiradas, etc.- e “face negativa” - não querem ser controladas ou impedidas pelos outros. Geralmente é do interesse de todos que a face seja protegida. Eles vêm a polidez em termos de conjuntos de estratégias da parte dos participantes do discurso para mitigar os atos da fala que são potencialmente ameaçadores para sua própria “face” ou para a dos interlocutores. Essa explicação é típica da pragmática ao considerar o uso da linguagem moldado pelas intenções de indivíduos.

Da interação do aluno tanto com os colegas quanto com as professoras, observou-se que interpretação se deteve em pensar sobre as diferentes formas de comunicação, sobre compreender em como o corpo comunica por gestos e olhares e sobre a importância dessas significações não-verbais e sobre a relevância dos sentidos no processo de comunicação. Verificou-se como acontece a expressão de sentimentos pela manifestação do corpo sem o uso da palavra como linguagem principal.

## 4 ESTUDOS DE CASO

### 4.1 TDAH - Transtorno déficit de atenção e hiperatividade X Problema comportamental indisciplinar

O TDAH abre espaço à discussão da relação entre afetividade e cognição, mesmo que a demanda das queixas comportamentais se confundam em alguns casos com o transtorno comportamental. Algumas das queixas frequentemente expressas são: “não aprende porque não pára quieto”, “não consegue se concentrar na aula e fica provocando os colegas” e “os pais estão se separando e ele anda muito triste”.

Considerando que “[...] o nível de percepção sensorial desenvolvido entre humanos e animais é um instrumento valioso tanto para promover a aquisição de aprendizagem quanto para fortalecer o vínculo entre ambos” (FARACO, 2008, p. 34). Emoção é um sentimento que contempla afetividade e cognição, que favorece a interação do ser humano e que manifesta benefícios para sua saúde física (pelo movimento) e mental (pelo vínculo emocional).

Há que se conceituar o que é TDAH e o que é um problema comportamental decorrente de uma situação afetiva, momentânea ou não, para poder planejar a intervenção. “Para lidar com uma criança com TDAH, antes de mais nada, o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de ‘má educação’, ‘indolência’ ou ‘preguiça’ [...]” (MATTOS, 2005, p. 95).

O CFM (Conselho Federal de Medicina) Processo - Consulta nº14/11 - Parecer nº 42/12, que tem como parte interessada o Ministério de Santa Catarina, trata do déficit de atenção e hiperatividade. O relator Emmanuel Fortes S. Cavalcanti, na Ementa, define:

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é patologia cujo diagnóstico deve obedecer a rigoroso critério médico com estratégia terapêutica medicamentosa e/ou psicoterápica, requerendo ainda uma rede de **apoio psicopedagógico** e sociofamiliar, sendo previsto no Código Internacional de doenças (CID 10) da Organização Mundial da Saúde com categoria diagnóstica do Grupo F 90. Seu diagnóstico e tratamento precoce previne severos prejuízos para o aprendiz à integração social, familiar e ocupacional bem como a drogadição, principalmente quando associado, nesse último caso, a transtorno de conduta (Grupo CID 10, F 910. (Grifo nosso)

Essa ementa deixa claro a importância de um olhar atento para esse transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e suas possíveis consequências quando não tratado

adequadamente. Também, a necessidade de desenvolver projetos de inclusão e combate a rotulação e discriminação nos diferentes espaços de convívio da criança e/ou adolescente.

Estabelecer a diferenciação entre a patologia TDAH e o problema comportamental é extremamente importante para que estratégias adequadas sejam pensadas para cada caso. Analisando a ementa acima, temos claro a patologia e a necessidade de uma equipe interdisciplinar para o AEE. Problema comportamental é um assunto muito discutido no ambiente escolar, mas pouco entendido e na maioria das vezes confundido com TDAH.

O problema comportamental não é uma doença, mas uma situação atitudinal. A indisciplina surge como um sintoma de que algo não está bem com a criança ou adolescente e, com frequência, são rotuladas como inquietas, rebeldes, mal-educadas, preguiçosas. Atitudes estas que podem gerar a não organização, a impaciência, a impulsividade e a atenção dispersa pelo desinteresse nos estudos. Todas essas situações influenciam diretamente no desempenho escolar e nos relacionamentos escolares e cotidianos. Os sintomas apresentados pela intensidade e pela frequência apresentadas vão se somando e, com isso, originam uma situação extrema que pode ser confundida com o TDAH.

Os problemas comportamentais apresentam sintomas sutis e comuns característicos do TDAH, o que torna a avaliação extremamente importante para o diagnóstico correto. Grifamos na ementa acima o profissional psicopedagogo pela sua importante participação nesse processo. Esse profissional, por meio do processo investigatório (conhecer o ambiente familiar e social por meio de anamnese), poderá detectar situações que levam ao problema comportamental diminuindo as margens de possíveis erros de diagnóstico.

Para definir se o indivíduo sofre ou não da patologia TDAH é imprescindível o diagnóstico que se faz a partir das suspeitas de professores e outros profissionais, confirmado ou não por exames médicos. Este diagnóstico só pode ser feito por especialistas, psiquiatras, neurologistas e psicólogos quando surge a hipótese diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. A partir do diagnóstico se faz os devidos encaminhamentos de tratamento para minimizar os prejuízos causados, até mesmo os causados por um diagnóstico equivocado que podem trazer um comprometimento severo no desenvolvimento cognitivo, afetivo, social do sujeito, diagnosticando se há ou não uma patologia e fazendo uma reflexão criteriosa entre comportamento social inaceitável a Indisciplina<sup>13</sup>, e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (Patologia).

---

<sup>13</sup> A indisciplina: do conceito aos prejuízos escolares e sociais. Segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 595), a indisciplina é um procedimento, ato opositor à disciplina; desobediência; desordem rebelião,

Essa desordem ou rebelião que é interiorizada encontra um campo propício para desenvolver-se como comportamento desviante, não aceito socialmente por ser contrário ao bom convívio em grupo, pois não há cedência, só imposições por parte do aluno.

Em muitas ocasiões o aluno indisciplinado tem associado o “desafio opositor” que significa contrariar tudo e a todos para se fazer notar, como parte do sintoma de socorro, de que não está bem, sendo rotulado e rejeitado por colegas, professores e até mesmo pela família que não sabe lidar com a situação, e cabe a família como berço cultural, orientar em como ele deve se comportar em sociedade, a viver em grupo, em comunidade.

Tiba, analisando o comportamento social inadequado da infância à fase adulta, relata que uma das piores questões da indisciplina é “[...] a falta de organização interna do indivíduo e tem como consequência a queda da sua qualidade de vida e de todas as pessoas que dele dependerem”. O mau desempenho ocorre porque toda atividade exige responsabilidade. Eles agem segundo sua indisciplina e não seus compromissos, tornando a pessoa adulta inapta a qualquer atividade pessoal ou profissional.

Vários fatores podem desencadear atitudes indisciplinadas, seja por falta de limite, por uma perda, uma mudança brusca e tantos outros motivos que podem desencadear algo como o fracasso escolar. Vasconcelos ressalta a esse respeito que “[...] é muito comum ouvirmos dos professores a queixa de que os pais não estabelecem limites, não educam seus filhos com princípios básicos como saber se comportar respeitar os outros, saber esperar sua vez, etc.” (VASCONCELOS, 2009, p. 240).

O aluno indisciplinado pode prejudicar o ambiente com sua conduta, visto que ele, geralmente lidera pela sua capacidade desafiante que estimula e potencializa suas atitudes incômodas arraigadas de valores morais desvirtuados. Sobre a indisciplina na atualidade “[...] as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos” (AQUINO, 1998, p. 7).

É comum os professores se sentirem impotentes diante da indisciplina dos alunos. Frequentemente ficam esgotados, desestimulados e desanimados. “O conceito de indisciplina, como toda criação cultural não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade” (AQUINO, 1996, p. 84).

Existem alguns fatores genéticos que são as causas do surgimento do TDAH em determinados indivíduos, como a ingestão de álcool e nicotina durante a gravidez, problemas no parto e sofrimento do feto, exposição a drogas pesadas ou produtos agrotóxicos. Sobre o assunto é preciso pesquisar, estudar, buscar cursos de capacitação e orientação de uma equipe interdisciplinar (médicos, psicopedagogos e/ ou outros) para que o comportamento do TDAH não seja confundido com indisciplina, falta de educação ou birra. E a parti disso avaliar as atitudes do aluno no âmbito familiar e escolar para que não seja rotulado e muito menos punido.

A Cinoterapia é uma aposta, como técnica psicoterapêutica para auxiliar no tratamento do TDAH juntamente com equipe interdisciplinar, por diferentes áreas como profissionais da área da saúde e educação, três desses profissionais seria o bastante para um bom diagnóstico, (Neurologista, Psiquiatra, Psicólogo, Fonoaudiólogo, Professor de AEE, Terapeuta Ocupacional, Psicopedagogo e outros). Alguns medicamentos como Ritalina ou Concerta são comuns no tratamento por serem psicoestimulantes à base de metilfenidato.

O atendimento em Cinoterapia proporciona um novo direcionamento da postura do participante tanto em casa quanto em outros ambientes sociais na reorganização, com melhora da autoestima e autoconhecimento de suas atitudes. Reconhecer na compreensão da situação, a perseverança, a paciência acompanhada da equipe e do psicopedagogo propostas de intervenção com a mediação do cão, que estimulem o desenvolvimento da criança, atividades com regras, noção de limites, participativas, cooperativas, criativas, brincadeiras.

O cão também pode ajudá-lo a expor seus medos, frustrações e angústias de modo a vivenciarem experiências enriquecedoras, desafiadoras e necessárias para construir-se fortes e emocionalmente estáveis. São crianças que são hiperativas porque não conseguem ser de outro modo. Cabe ao profissional dispor de um espaço de aprendizagem que atenda a necessidade desses aprendentes, proporcionando atividades lúdicas e interativas para desenvolver suas capacidades e potencialidades em que o “movimento” desses alunos não seja taxado de “problema”, mas algo transponível.

“Aos professores cabe organizar de tal forma o espaço, que este favoreça a produção de um querer aprender, de aprender a aprender, uma necessidade que se traduza em desejo de aprender” (FREITAS, 2011, p. 60). A ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção disponibiliza em sites e cartilhas dicas e orientações para professores criar situações de inserção social do aluno diagnosticado com o TDAH e como trabalhar em sala de aula de forma produtiva com este aluno.

O TDAH é uma patologia que deve ter uma avaliação médica e psicopedagógica para orientar a família e a escola, contribuindo para amenizar o sofrimento que implica no fracasso escolar e auxiliar na transformação de sujeitos bem sucedidos apesar do transtorno. A indisciplina tem como princípio particular a falta de limites e a dificuldade em se frustrar diante de algumas situações, causando ansiedade, desinteresse e dificuldade de convívio social, sobretudo por agir de forma inadequada moralmente nos diferentes espaços.

Diferencia-se o conceito de indisciplina e de TDAH, analisando com atenção, refletindo as informações e avaliando as principais diferenças, visto que há uma tênue diferença entre eles. A Cinoterapia tem elementos para a intervenção adequada em cada um dos casos, promovendo avanços no desenvolvimento escolar do aluno, onde médicos e psicopedagogos podem orientar a família e escola em como proceder em cada caso.

A maioria dos estudos abordam separadamente os dois conceitos, mas no âmbito escolar ainda há equívocos por parte da família e da escola que podem acarretar problemas no desenvolvimento escolar e social da criança. A família representa segurança e, segundo Grandin e Johnson (2006), os animais agregam mais elementos para essa dimensão afetiva porque não são ambivalentes, eles não sentem duas emoções diferentes ao mesmo tempo. O animal de estimação também representa uma forma desinteressada de amor, eles gostam do dono da maneira que ele é, por isso eles se tornam seguros.

Inicialmente, buscou-se conhecer e definir os termos TDAH e Indisciplina Comportamental, por reconhecer que esses alunos necessitam de ajuda para superar ou aprender a lidar e controlar suas dificuldades atitudinais, avaliar seu potencial, estimulando-os a persistir nas atividades.

Para resguardar o anonimato quanto à identidade do participante pesquisado, nomearemos de nomeado Tom. Soube-se, antecipadamente, que os pais do participante são separados e que este fato não está bem resolvido entre os pais, tornando o relacionamento entre eles difícil. Tom se encontra no “meio” desse fato, o que dá indicativo de seu transtorno.

Ao solicitar ao pai, que acompanhava o filho às sessões de Cinoterapia, a presença da mãe para que comparecesse ao local de atendimento para conversarmos, o mesmo manteve-se calado por um tempo, e após a argumentação da pesquisadora sobre a importância desse contato com a mãe (para compor sua história vital), ele respondeu que falaria com ela.

Aguardou-se no dia agendado e, infelizmente, a mãe não compareceu. O pai não justificou, ficando arreado nas próximas sessões. Como o local das sessões é amplo, oportunizou ao pai uma forma de “fugir” do contato: ou ele observava de longe ou deixava o menino e retornava apenas para buscá-lo, evitando a aproximação desta pesquisadora. Era

impossível deixar de realizar a sessão para ir ao encontro do pai. Outras tentativas de contato foram feitas e, então, o pai passou contato do telefone da mãe, mas não se obteve sucesso nas tentativas de contato.

Essa dificuldade encontrada durante o processo de pesquisa contribuiu com os estudos, embora isso possa parecer contraditório, ou seja, contribuiu por levar a buscar estratégias de atendimento sem a participação da família.

O primeiro questionamento que se fez enquanto profissionais foi: A anamnese é um instrumento extremamente importante, mas o que fazer quando não se dispõe desse instrumento? Quando não se pode contar com a família como parte do processo participativo (pode ocorrer com a escola), o que fazer?

Na busca de respostas para essas perguntas, outros caminhos foram sendo encontrados para continuidade da intervenção. Para este estudo poderia ter-se escolhido outro caso, porém optou-se por manter esse caso em que a família não deu abertura, para verificar quais procedimentos seriam possíveis, com os elementos disponíveis para compor esse caso em que a família se omite. Pensou-se em fazer mais tentativas de aproximação com a família, porém, neste caso específico, não se dispunha de tempo.

Importante acrescentar que a Cinoterapia considera a participação do sujeito de intervenção, da família, da escola, dos profissionais de outras áreas e com o cão. Mas não foi possível contar com a família. Diante disso, concluiu-se que poderia contar apenas com o próprio projeto em execução e com a escola, sem qualquer intenção de abandonar o caso apesar das limitações que se manifestaram.

Quando um caso como esse se apresenta, a intervenção se faz ainda mais relevante, pois se está diante de alguma forma de descaso. Essa situação reforçou a constatação e a comprovação da importância de ter uma equipe que atua na Cinoterapia, outros instrumentos de pesquisa, distintos da anamnese para compor a história desse sujeito, e com uma metodologia adequada para auxiliar na realização de um trabalho comprometido com os objetivos propostos. Esse fato é muito significativo, pois dá pistas do “lugar” que Tom ocupa como membro da família.

Tom recebeu com agitação, alegria e satisfação a proposta da Cinoterapia ao Tom, ao saber do fato de ter o cão como participante das atividades. O acolhimento pela equipe e o contato visual do sujeito com o cão são procedimentos fundamentais para criar o vínculo necessário antes de dar início aos trabalhos.

No espaço da EASA houve uma ótima acolhida e aceitação pelo grupo de crianças participantes da Equoterapia e da Cinoterapia que acontece em espaços paralelos, propiciando



momentos de integração e alegria. Segundo Lambert (1999), a alegria é o estado afetivo e emocional resultante da soma dos pensamentos, dos sentimentos e emoções, dos ideais e objetivos, das ações e atitudes, dos bons momentos e boas realizações. Ainda para o mesmo autor, tudo o que se sente e o que pensa pode causar tristeza, enfraquecendo o sistema imunológico. Mas a alegria traz satisfação e bem estar mantém saudável.

Figura 16: Momento de distração, companheirismo, alegria e brincadeiras.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Conforme Becker e Morton (2003), os animais podem detectar a necessidade de diversão e proporcionar distração. A diversão e a alegria que o cão proporciona nas brincadeiras e nas atividades lúdicas retornam, com efeito, benéfico para todo o organismo físico e mental dos seres humanos.

O participante Tom apresenta muitas características positivas como bom nível intelectual, criatividade aguçada, sensibilidade e empatia apresentada nas brincadeiras com o cão, o que é muito importante para manter a atenção e a concentração. De posse desse conhecimento teve-se o cuidado de construir um planejamento com ações que considerem essas características e sua história de vida e que, para ele, fosse interessante e estimulante.

Tom não é o transtorno, não é a patologia, mas é o sujeito aprendente que tem o direito de ter seus direitos assegurados por lei, de desenvolver todas as suas potencialidades e inserir-se socialmente. O terapeuta, ao incentivá-lo com atividades lúdicas e ordens positivas, foi encaminhando-o para organizar-se e reorganizar-se, ao estabelecer regras e limites formalmente dadas noções das fronteiras a não serem ultrapassadas.

## **4.2 Transtorno do Espectro Autista- Síndrome de Asperger**

O Transtorno do Espectro Autista é um desafio para educadores, pais e médicos. Em caso de suspeita deve-se encaminhar para um psicólogo ou levar a um pediatra para realizar testes que ajudam no diagnóstico. O diagnóstico pode ser feito por psiquiatras em qualquer fase da vida do indivíduo, mas geralmente na infância. O mais adequado seria uma avaliação interdisciplinar, por diferentes áreas como profissionais da saúde e da educação, como Neurologista, Terapeuta Ocupacional, Fonoaudiólogo, Psicólogo, Psicopedagogo e professor de AEE, três desses profissionais seria o suficiente para um bom diagnóstico.

O sujeito da presente pesquisa revelou situações que dizem respeito ao seu modo de se relacionar com o outro, a questões de linguagem, a sua singularidade de como contrói sua realidade de ensimesmamento, que são características do sujeito autista, esse estado de alheamento e de desinvestimento no mundo, na redoma construída de seu mundo interior, no qual o autista encontra tudo o que precisa, chamado de distúrbio autístico do contato afetivo.

O isolamento profundo e o desejo de solidão e a imutabilidade são características de autismo, e que com o tempo pode haver certo rompimento com a solidão e aceitação do autista por algumas pessoas, embora sempre haverá certo isolamento afetivo. A literatura traz o autismo como um transtorno que vai do grau leve ao severo, o Autismo Asperger é considerado leve, contudo com as barreiras sociais e educacionais, torna-se um desafio severo aos pais e educadores.

No diálogo com a mãe, ela relatou exatamente isso, as dificuldades encontradas no sistema educacional e social. Relatou que seu filho ficou anos sem falar, gostava de ficar sozinho e com o passar dos anos foi aceitando algumas pessoas de seu convívio, e que sempre se aproximava de pessoas em tivesse cachorro na casa, que o cão estimulava a conversação, foi considerado significativo esse relato para a presente pesquisa.

A mãe do sujeito de pesquisa de posse do diagnóstico de autismo leve para moderado, relatou que foi difícil chegar a um diagnóstico por ter sido confundido com questões comportamentais. Daí ela buscou profissionais da saúde para uma melhor compreensão do que é o autismo e suas variáveis, e realiza um acompanhamento e tratamento medicamentoso para seu filho.

Autismo não tem cura por meio de estratégias e estimulação consegue-se melhorar sintomas e desenvolver junto a equipe interdisciplinar uma melhor qualidade de vida pelas relações tão difíceis de se concretizar com o sujeito autista. O cão realiza essa mediação

lindamente, independente da necessidade do participante, essa interação sempre beneficia de alguma forma, tirando o sujeito do ostracismo em que se encontra.

No *youtube*<sup>14</sup> há um vídeo que mostra um cão Labrador interagindo com um menino com Síndrome de Down, até quebrar sua resistência em se afastar do cão e isolar-se, finalmente ele interage, aceitando o contato com o cão. De acordo com Becker e Morton (2003, p. 28),

Num momento em que a psicologia, a sociologia e a política tiraram a espontaneidade das relações humanas, a simplicidade de nossa afeição pelos bichos de estimação é um modelo para os momentos simples e íntimos que realmente nos sustentam. Sem esses laços que nos unem – os vínculos de amor, amizade, responsabilidade e dependência – pouco a pouco começamos a definhar. São nossos vínculos que nos mantêm saudáveis.

Cada profissional e membro da família têm um papel fundamental no desenvolvimento da criança, visto que a estimulação é fundamental o mais cedo possível. O maior desafio dos pais é aprender novas formas de educar e reconhecer a sua importância no desenvolvimento dos filhos e entender que é uma condição que provavelmente vai perdurar ao longo da vida da pessoa. Por isso, necessita de acompanhamento profissional para um planejamento específico para cada caso, de acordo com a necessidade própria de cada um.

Alguns sinais que revelam o grau de comprometimento observado no participante deste estudo, tais como apresentar dificuldades sociais em interagir, parecendo menos interessado nas outras pessoas ao seu redor e quando a interação acontecia parecia estranha ou inadequada, como se a criança não fazia parte do grupo de pessoas.

O transtorno autista é uma desordem de desenvolvimento e que se manifesta em diferentes idades e quando o diagnóstico for tardio diminuem significativamente as chances de sucesso no tratamento, esse é um dos desafios para buscar práticas desenvolvimentistas que possam reduzir a gravidade gradativamente e mais naturalmente, sempre com foco em atividades simples e próximas de situações que fazem parte do cotidiano da criança, podendo ser mais assimiladas por ser algo frequente e já conhecido.

Constatar a possibilidade de risco é essencial para encaminhar à avaliação do desenvolvimento e, quanto mais cedo o diagnóstico, mais cedo poderá ser realizada a intervenção em práticas lúdicas, reduzindo a gravidade gradual e mais natural, visto que se for tardia, as chances diminuem significativamente, acarretando menos sucesso ao atendimento.

---

<sup>14</sup> O vídeo está na seguinte página. <<https://youtu.be/h4zFYemsKz8>>. Acesso em 2015.

O sujeito participante da pesquisa será chamado pelo codinome Miguel. Durante as sessões práticas, Miguel não apresentou padrões de comportamento estereotipado, repetitivo, restrito e rígido característico de muitos autistas. Sua dificuldade social vem com problemas de aprendizagem em ambientes sociais tradicionais como a Igreja, escola e não consegue permanecer sentado ou numa mesma atividade por um período mais longo que vinte minutos, ficando inquieto e agitado, o que não acontece com a Cinoterapia que o acalma e age no momento da terapia e, preventivamente, oportunizando aprendizagens comportamentais adequadas que perduram em outros ambientes.

Autismo é uma condição complexa para buscar-se a cura, mas pode ser tratada com terapias alternativas. Sabe-se que os genes têm um papel fundamental no desenvolvimento, reconhecido o distúrbio genético como um dos fatores da causa do autismo, além de outros poluição, a idade avançada dos pais como grande incidência e que age como potencial gatilho do transtorno. O gatilho não significa causa, mas age como acionador da disfunção, agentes tóxicos na alimentação, sólo, ar, água e vacinação agregam-se como possíveis fatores desencadeantes que podem provocar uma desordem no sistema imunológico, mas que necessita de mais estudos comprobatórios.

Figura 17: Atividade lúdica de interação entre participante, mestranda, estagiária e cão terapeuta.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Ao identificar sinais e sintomas do autismo é importante buscar intervenção médica, que tem evoluído em seus critérios de diagnósticos e no apoio social e educacional para iniciar-se práticas terapêuticas. Também é necessário favorecer a aplicação de intervenções como a Cinoterapia, que podem ser eficientes na neutralização de efeitos, de riscos e evitando

que se perpetuem situações comportamentais as quais possam ser reversíveis. Assim, quanto mais cedo forem identificadas as variáveis que afetam o desenvolvimento pleno, mais cedo pode ser usada a terapia com o cão.

Desde cedo a criança apresenta sintomas característicos de autismo, mas são tão sutis que, na maioria das vezes, os pais não percebem. Diante disso, apatia ou choro demais, não se acomodar no colo, balbucios estranhos nem sempre são identificados e na medida em que a criança cresce, ficam mais perceptíveis os comportamentos ritualizados, as estereotípias, o desinteresse pelo que ocorre ao seu redor e com as pessoas e o brincar não apresenta significado: apenas o simples manuseio do objeto.

A estimulação adequada acontece com profissionais capacitados, que orientam as famílias, ensinando-as a estimular a criança de acordo com as suas necessidades, de seu ritmo de aprendizagem e a fase do desenvolvimento em que encontra (importante conhecer essas etapas) para poder estimular efetivamente todo o seu potencial. Desse modo, pode-se dar suporte para melhorar a sua qualidade de vida, diminuindo a dependência para sobreviver num mundo com tantas opções de atividades e proporcionando-lhes a autonomia desenvolvida na interação social.

Conviver com pessoas diferentes e com animais só faz bem, independente do rótulo de diagnóstico ou comportamento, ao faltar uma atividade impulsionada pela alegria, disposição, desejo e ludicidade, falta a energia motivadora na criança que permanece no casulo autista, atrasando ainda mais seu desenvolvimento. O cão tem “o poder” de envolver, tirar a criança do ensimesmamento em que se encontra e transportá-lo para uma atividade rica em sensações. Acreditar nas potencialidades infinitas do ser humano, seres em constantes construções.

Algumas Síndromes e alguns Transtornos podem estar associados ao autismo como Depressão, X-Frágil (principal forma de Autismo), Síndrome de Rett, Dislexia, Hiperatividade, Hiperatividade Ritmada, Hiperlexia, Comportamento Social Atípico, Ansiedade e Comportamento Impulsivo. Estes sintomas afetam a comunicação e a concentração, ocasionando falta de iniciativa, isolamento, apatia, cansaço, agressividade, comprometimento da linguagem, dificuldade de interagir socialmente e outros.

O sujeito participante desta intervenção será chamado pelo nome fictício de Miguel, para preservar a sua identidade e possível reconhecimento do caso. Esse estudo de caso traz o relato da história vital de Miguel, a partir da anamnese realizada com a mãe, incluindo situações problemáticas de sua história e a forma como a Cinoterapia contribuiu para ressignificá-las.

Miguel foi diagnosticado com Autismo associado à Síndrome de Asperger. As características do autismo leve podem abranger três áreas sintomáticas como: problemas de comunicação, apresentando a fala desenvolvida com algumas trocas de letras, algumas vezes faz uso indevido às palavras; ele não inicia diálogo, mas mantém conversas e responde o que lhe é perguntado, consegue se expressar utilizando solicitações básicas, como pedir água ao ver alguém bebendo, faz uso do banheiro, embora precise ser lembrado. Não demonstra interesse e fixação por um tema específico, nem se incomoda e se estressa por barulho e som alto. É uma pessoa tranquila sem ser apático, não prevê situações perigosas, precisando ser monitorado, não perturba a ordem e não é agressivo, repete ações como caminhar em volta de um canteiro por várias vezes como se cumprisse um ritual.

O sujeito autista apresenta dificuldades de socialização como dificuldade em ter amigos, características de relacionamentos interpessoal afetado e evita olhar nos olhos. Ele não apresentou alterações no comportamento durante as sessões de Cinoterapia, nem padrão repetitivo de movimento ou fixação em objetos, pouco riso, frieza emocional, tendo dificuldade em expressar o que sentem, prefere ficar só com o cão do que no grupo, responde quando é chamado, algumas vezes foi preciso chamá-lo mais de uma vez, colocando-se em sua frente para que percebesse que estava sendo solicitado, já que agia como se não estivesse ouvindo. Alguns autistas são extremamente inteligentes e sensíveis a mudanças no ambiente em que permanecem mais tempo, são detalhistas e percebem quaisquer mudança, podendo ter acessos de fúria sem que se perceba o que causou essa crise.

O cão, um labrador, é silencioso, não late, o que favorece o processo de interação por ser tranquilo. Miguel, na companhia do cão Lucky, seguiu rotas de caminhada e circuitos diferenciados do ritual que ora cumpria, alternando ritmos, ora caminhando, ora correndo acompanhando os movimentos do cão. Assim, a Cinoterapia contribuiu de forma que o aluno protagonizou etapas diferenciadas do ritual autista em caminhar, sobretudo o desenvolvimento de uma nova maneira de se relacionar com o meio ambiente e com as pessoas que estavam participando de outras atividades no mesmo espaço natural.

O ambiente da EASA é utilizado pela Equoterapia e outras estações de Cinoterapia. O ambiente natural com amplo gramado, sombra de frondosas árvores como um espaço alternativo de aprendizagens e desenvolvimento, colabora para constituir uma nova forma de buscar solucionar numa outra dimensão espacial provocativa do ambiente físico ausente nas escolas. Esse espaço natural representa mais um recurso para que o profissional de Educação Especial desenvolva seu trabalho.

Essas reflexões são importantes para nortear a elaboração do planejamento e da ação, para que o educador não aja no emergencial, quando a situação problema já está instaurada, querendo suprir lacunas e papéis que não são específicos para suas funções. Intervenções diferentes, de acordo com o saber de cada profissional, são enriquecedoras e construtivas para que os profissionais não acabem fazendo a mesma coisa, tirando a identidade de cada um.

Quanto mais conhecimento, maiores são as possibilidades de atuação mais clara e melhor definida, inclusive, para agir preventivamente ao perceber ou receber queixa de que algo não está bem. Mas é fundamental rever a responsabilidade como parceria de trabalho, não assumindo outros papéis pela demanda do ambiente.

Na sequência, serão destacadas algumas relações características do Autismo que são comuns às apresentadas pelo Miguel. São inevitáveis essas considerações antes de apresentar o caso, visto que há um “encontro” diagnóstico, e é no tecer dessa rede entre a teoria e o que ocorre na prática, que confirma Miguel como um sujeito autista.

Foram alterados locais e questões que não prejudiquem ou modifiquem o foco deste estudo, que foi identificar os benefícios da relação afetiva estabelecida entre o ser humano e o cão no contexto inclusivo. Miguel tem como responsável sua mãe e padrasto, e os cuidados e atendimentos de sua avó materna sempre que necessário.

Sua mãe tem formação na área da educação com um bom conhecimento nas questões que envolvem o comprometimento integral de seu filho como sujeito autista. Miguel tem 8 anos e sua mãe 35, indicando que no seu nascimento tinha 27 anos, embora relate que o filho foi desejado foi abandonada pelo pai biológico de Miguel aos dois meses de gravidez.

Embora a mãe tenha passado o tempo da gravidez tranquila, este fato é significativo pelo efeito negativo no emocional da mãe, mesmo que ela afirma a pouca significância do fato. Sabe-se que esses acontecimentos afetam psicologicamente o inconsciente da criança, desde a concepção da criança como atitude de rejeição por parte do pai.

O parto foi cesariana com Apgar 8. Estas questões somadas a outras situações relatadas no decorrer da descrição do estudo de caso, ao diagnóstico de Síndrome de autismo com transtorno de Asperger se apresentam como fatores agravantes às dificuldades da criança em incluir-se no contexto social e educacional até o momento da busca de ajuda pela família, e à oportunidade de ser incluído no atendimento cinoterápico.

O pai biológico tem boas condições financeiras, mas nunca assumiu o filho financeiramente e nem afetivamente gerando uma carência emocional pelo abandono. Ele adora o pai biológico, mas não se relaciona com ele. O pai tem outra família e dois filhos

nessa união e não procura Miguel para que os outros filhos saibam que tem um irmão. Além disso afirma que ele é doente mental e a madrasta interfere e não deixa o pai visitá-lo.

Miguel tem um irmão com cinco anos, filho do seu padrasto, o qual chama de pai. Seu diagnóstico foi atestado por um médico e uma médica psiquiatra. Sua mãe começa a perceber que algo está errado quando Miguel estava com dois anos de idade e parou de falar de repente. Até essa idade ele se comunicava dentro dos padrões do desenvolvimento de uma criança de 2(dois) anos. Só balbuciava, sua fala era incompreensível, dava nomes diferentes para os objetos, (essa dificuldade ocorreu na mesma época da vinda do companheiro da sua mãe para o convívio deles, hoje, resignificada essa história ele chama o padrasto de pai).

Hoje sua fala é perfeita. Como vimos, até os dois anos a família não percebeu o manifesto de autismo porque são sintomas sutis como não se aconchegar no colo, ser um bebê muito bonzinho ou que chora muito, seus balbucios são diferentes dos demais bebês e não faz coisas engraçadinhas como todos os outros.

Desde essa época, Miguel tem dificuldade para se alimentar, associando a comida a “bichos”, por exemplo, como macarrão com minhoca. Somente aos quatro anos sua mãe procurou ajuda, apresentando pouca independência e autonomia para sua idade, algumas já sanadas como comer sozinho e tomar banho, “a roupa ele veste sozinho, mas não presta atenção ao lado da roupa, vestindo de qualquer jeito” (reprodução da fala da mãe).

Miguel foi amamentado durante 1 ano e 2 meses o que foi positivo pelo valor nutricional do leite materno e pelo vínculo entre mãe e filho. Foi desmamado sem dificuldades. Apesar desse vínculo entre mãe e filho ser tão simbiótico e forte o desmame, geralmente, ocorre com certa dificuldade. Nesse período, Miguel parou de falar e foi nessa época em que sua mãe retomou sua vida afetiva em outro relacionamento.

A introdução da alimentação sólida no cardápio, papinha esmagada, foi a partir dos quatro meses de Miguel. Hoje, come devagar e tem horários definidos para suas refeições, mastiga bem, a televisão é desligada e todos sentam juntos à mesa.

Miguel, antes de comer, tem o hábito ou necessidade de examinar com a mão o alimento e, devido a isso, na escola somente come alimentos que pode pegar com a mão como frutas, biscoitos, sucrilhos e outros. Esse fato remete à associação do alimento com bichos ainda não foi resignificada, sendo uma das questões trabalhada na Cinoterapia. Ao realizar uma atividade em que o cão come o alimento (recompensa) no final do trabalho, oferecido por Miguel na boca do cão, observou-se que ele não examinou o alimento e nem a guloseima que ele próprio levou a boca (bala em forma de minhoquinha).



O controle dos esfíncteres ocorreu a pouco tempo. “Até os seis anos retia as fezes, escandecido, fazia aos pouquinhos na cuequinha e escondido, tinha vergonha” (palavras da mãe). A mãe ensinava a não tocarem nele, a não o olharem, pois ela dizia isso que era feio e ele tinha nojo, “ele é bem reservado” (palavras da mãe).

Miguel só faz “cocô” em casa, não gosta que o limpem, que toquem nele, com orientação médica foi deixando a porta do banheiro aberta. Constata-se aqui como a orientação profissional pode auxiliar na resolução de situações em que a família não sabe como lidar. Os “erros” que acontecem não são intencionais, mas porque não se sabe lidar de forma diferente e mais assertiva.

Miguel começou a caminhar com 11 meses de idade. Foi segurando-se e não engatinhou mais, não caía, pois a mãe o auxiliava amarrando-o com uma fralda. Era corajoso, curioso, subia escada, sentia-se seguro com a mãe e com a avó materna. As primeiras palavras de Miguel foram referentes a animais, sobretudo simulando o som dos mesmos. Falava corretamente sem trocar letras. Hoje, fala bastante e sabe esperar sua vez de falar.

Seu sono é tranquilo. Toma os medicamentos Respiridona e Ritalina. A mãe diz que nas férias não precisa medicação, mas que na época da escola altera seu comportamento, ficando agitado. O que se verifica com essa fala da mãe é que a escola causa ansiedade e desconforto alterando ou desordenando sua conduta, como um sintoma de que a escola não é um ambiente em que ele deva ir naturalmente. Pelos relatos de sua passagem pelas escolas vê-se que ela não foi ambiente acolhedor e nem inclusivo.

As professoras relataram que Miguel tem dificuldades com os movimentos finos, usa lápis especial, mais grosso, seus recortes e pinturas estão perfeitos nos dois últimos anos. Ele monta lego, olha gravuras dos livros, cria e conta histórias com início, meio e fim, recria as história de livros. Tem fixação pelo mundo dos animais, é muito curioso com o mundo pré-histórico e com os dinossauros. Sabe fazer uso de computador. Não gosta de jogar bola, mas chuta, não gosta de correr e suar, não realiza movimentos que simule pedalada (deduziu-se que ele não sabe pedalar bicicleta, o que foi confirmado pela família que disse que ele empurra a bicicleta com os pés porque ele não consegue). Joga xadrez e vareta.

Conforme relata a mãe de Miguel: “Aos cinco anos foi para a pré-escola, antes ficava com a avó, a escola infantil era longe. Ao iniciar na escola foi terrível, entrava embaixo da mesa, fazia suas necessidades fisiológicas na roupa, trocou de escola duas vezes porque era rotulado e discriminado pela professora, ela trancava a porta, ocasionado uma crise e foi taxado como mal educado, a professora disse que ela não era mãe e sim professora”. Observou-se que a mãe conta esse fato entristecida e fala do despreparo do professor em não

procurar a família para conversar. Ele não queria ir à aula porque a professora disse que ele não iria aprender.

A mãe relatou que neste ano melhorou muito com a mudança da direção da escola, que soube dar limites, mostrando-lhe que o ambiente da escola é diferenciado e tem regras a ser seguidas. Percebe-se, aqui, que toda criança precisa de limites e aprender regras comportamentais de cada ambiente, tanto na escola quanto em casa.

Os relacionamentos de Miguel na escola se restringem a um ou dois amigos. Chora nas brincadeiras que não gosta. Em sala de aula, gosta de aprender sobre animais, continentes, mapas, lugares, gosta de se localizar, de saber onde está. Isso foi confirmado pela escola.

“É um menino sincero e não mente, entra em crise quando não está bem (até acertar a dosagem do medicamento), ou quando as pessoas o constrangem” (fala da mãe). Esses fatos nos mostram que suas reações estão dentro da normalidade de qualquer outra criança de sua idade, quando algo que o desagrada ou que se sente injustiçado, mesmo não sendo da forma adequada, ele reage a isso, o que também demonstra estar saudável mentalmente sem submeter-se a algo que fere as regras que aprendeu.

Miguel, no início da terapia, era imediatista e não esperava as etapas de aproximação com o cão. Pegava o cão pela coleira e saía andando sem rumo, sem esperar o contrato de atividades planejadas. Porém, aos poucos foi entendendo a rotina de aproximação, de reconhecimento pelo afago ao cão e a ouvir as atividades que seriam realizadas.

Figura 18: Atividade com o cão, cuidados e afagos proporcionando controle emocional do participante que se manteve calmo, paciente e satisfeito.



Essa rotina colaborou para a diminuição da sua ansiedade e a ter controle emocional, por conhecer e seguir a rotina. Começou a mudar o comportamento a partir do terceiro dia da terapia. Ao chegar, já cumpria os passos dos momentos previstos e que vinham sendo realizados desde o primeiro dia.

A família mostrou como indicativo de que a Cinoterapia contribuiu para o desenvolvimento integral de Miguel, principalmente por afirmar que ele está melhorando o comportamento em termos de controle, de menor ansiedade e “tratando de modo diferente” e melhor o cão que tem em casa. “Miguel agora cuida se o cão tem água e comida, se está quentinho, chama-o para as brincadeiras como se faz com um companheiro” (fala da mãe). Essa descrição da vida diária demonstra o novo olhar de Miguel para o cão de seu convívio.

A atividade que Miguel mais gosta é a de ficar livre na chácara da família. Gosta dos animais que tem lá e de brincar em cima da cama com dinossauros de brinquedo. Tem noção do perigo tomando cuidado com os animais de grande porte, presta atenção nas conversas que ouve ao seu redor, gerando brincadeiras pelas observações que faz.

Miguel, como é característico dos autistas, é seletivo em músicas, preferindo as menos barulhentas. Gosta de filmes associados a animais e gosta de parque de diversões, o que nos revela que sua socialização não está comprometida. Ele é “todo” organizado, como num ritual, inclusive cuidando de horários. Esse relato da mãe revela mais características do autismo.

Só teve dor de garganta como doença infantil. Esse ano precisou se submeter a uma cirurgia de emergência para retirada de apêndice. Com o nascimento do irmão Miguel teve convulsão, foi para UTI e ficou sem reflexos. Miguel protege em demasia o irmão, sendo o pequeno que bate nele. Essa é uma relação que precisa ser melhor administrada pela família, dando limites ao irmão menor.

Na Cinoterapia também pode acontecer um momento em que o irmão participe de atividades colaborativas em que o irmão menor perceba a importância do “outro”, no caso, o irmão. No presente caso, Miguel dorme no quarto com o irmão com uma luzinha acesa. Não tem medo de dormir sozinho e, às vezes, os dois vão para a cama da mãe.

Não conviveu com a avó paterna. Quando ela faleceu no ano passado, Miguel foi ao velório, beijou a avó e na beira do caixão falou: “Eu sei que tu não gostavas de mim, não ias na minha casa, mas eu te amava”.

## **5 DISCUSSÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS**

Os dados coletados por meio dos questionários para compor as análises das respostas dos questionários e o relato dos casos já vêm sendo analisados desde o Capítulo V, nos conceitos de TDAH e Autismo. Decidiu-se fazer dessa forma, para que, ao mesmo tempo descrever os conceitos e os casos e realizar o momento da reflexões, da análise de conteúdo e da matriz de análise.

Assim, segue-se relatando e analisando cientificamente os resultados. Por meio das respostas e relatos foi feita a análise de conteúdo das questões onde constatou-se que para que se obtenha os benefício com a proposta enfocada, em primeiro lugar é importante gostar e sentir-se à vontade na presença do cão. As informações dadas pelos sujeitos na entrevista, ao relatarem expressões do tipo “eu posso cuidar dele sozinho, ele tá feliz [...]”, caracterizam o aumento da autoconfiança, da autonomia e da relevância da subjetividade do aluno em relação ao cão.

A pesquisa instigou a curiosidade e o interesse dos participantes e, por ser um tema pouco conhecido, revelou aspectos sobre a socialização, interação, benefícios e contribuições da Cinoterapia além das transformações ocorridas depois da intervenção, tabulados na matriz de análise e interpretado à luz da análise de conteúdo.

Nesta pesquisa, o projeto iniciado na cidade de Cruz Alta, em parceria entre a EASA e a UNICRUZ, os familiares dos participantes relataram que os motivos pelo qual buscaram a Cinoterapia pelo conhecimento que já possuíam da Equoterapia e por acreditarem que o cão poderia trazer bons resultados para as dificuldades dos filhos. Também que por ser realizada ao ar livre poderia ser mais interessante e divertida.

Os primeiros movimentos de atendimento cinoterapêutico, como agente de inclusão no processo pedagógico e antropológico, foram permeados de simbolismos e percepções acerca da relação entre homens e animais.

Figura 19: Momento da filmagem feita pela equipe de reportagem da TV UNICRUZ.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Figura 20: Divulgação do projeto em reportagens no Jornal local “Diário Serrano”.



Fonte: Jornal Diário Serrano, 2015.

O planejamento teve como orientação a satisfação das necessidades do participante com foco, nas potencialidades a serem desenvolvidas e nunca nas dificuldades. Caso fosse necessário estimular o sujeito nas questões de memória a curto e longo prazo, controle de tempo, atividades em que ele precisasse seguir uma sequência, repetir trajetos, cumprir circuitos, a primeira questão foi direcionada para o potencial do sujeito e para os benefícios como a atenção e a concentração que é ativada para cumprir a tarefa.



Figura 21: Reportagem pela RBS TV - Região Sul - Entrevista da Profª. Dra. Vaneza Peranzoni à RBS TV sobre o projeto de Cinoterapia.



Fonte: <<http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br/2015/04/entrevista-da-prof-dra-vaneza-peranzoni.html>>, 2015.

Figura 22: Reportagem exibida na RBS TV sobre o Projeto de Cinoterapia.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Inicialmente, fez-se uso da entrevista Anamnese, elaborada por Simaia Sampaio (2009) e aplicada pela pesquisadora. O referido questionário obteve dados essenciais sobre a história vital do sujeito participante ao abordar questões desde o encontro dos pais, aspectos

da gravidez como, tempo de gestação e desenvolvimento do participante até a data da entrevista. As análises seguiram critérios das teorias descritas na metodologia e dos objetivos preestabelecidos. As atividades de campo ocorreram às terças-feiras no ano de 2015, com um plano de intervenção da equipe junto aos participantes.

Ciente dos motivos das necessidades do sujeito e das razões da busca pela Cinoterapia, investigou-se as mudanças que ocorreram desde o início da prática das ações cinoterapêuticas. Foram analisados os aspectos referentes à socialização, interação, benefícios e contribuições da Cinoterapia, além das transformações ocorridas com os alunos no convívio com os cães.

Os participantes mostraram-se mais receptivos e mais solícitos e menos resistentes aos comandos, mais afetivos e mais perceptivos, mais alertas e menos agressivos resultando em um melhor relacionamento social. Essa constatação confere com o que afirmam Becker e Morton (2003), de que “ter um animal em casa torna as pessoas mais seguras”.

Quanto aos objetivos deste trabalho, primou-se pelo vínculo que se estabeleceu entre o cão e os participantes, contribuindo para a obtenção de outros dados sobre a Cinoterapia. Fatos interessantes ocorreram durante as entrevistas com os pais e com os professores, os quais estimulados pelo questionário com perguntas abertas, relataram fatos e contaram histórias sobre cães, suas características e suas qualidades.

Realizou-se uma exploração inicial através da entrevista com pais e com professores sobre os sujeitos de pesquisa, principalmente sobre suas dificuldades de aprendizagem e socialização. Os pais informaram que seus filhos convivem com cães, estando habituados com os mesmos e que na rede familiar é hábito possuírem cães como animais domésticos, como companhia e como cães de guarda.

Os professores relataram que a maioria dos alunos têm e vem para a escola na companhia dos cães, muitas vezes entrando no espaço escolar e retornando com a pessoa que acompanhou o aluno. Acreditam que o cão teria boa aceitação no espaço escolar e que não causaria estranheza sua presença no caso de ser realizada intervenção institucional cinoterápica.

Informalmente, as professoras fizeram outras colocações muito interessantes como a preocupação dos alunos com o cão quando não estavam na companhia dos mesmos, enquanto permaneciam na escola e o cão em casa, demonstrando que se sentiam responsáveis em zelar pelo bem estar do animal. Ouviu-se, também, da parte de uma professora que os cães participam naturalmente das brincadeiras infantis, principalmente em jogos de futebol correndo junto aos times e que os cães são considerados e tratados como membros da família.

Além disso, relataram que essas crianças são mais sociáveis do que aquelas que não possuem cães, apresentando linguagem mais fluente e melhor comunicação.

Segundo a professora, essas crianças que têm cães possuem mais empatia e popularidade e uma melhor autoestima, embora algumas prefiram, em alguns momentos, ficar isoladas das brincadeiras brincando só com o cão. Esse depoimento relata a observação da professora no cotidiano escolar, fato que não tem registros, mas é de grande relevância para compor o estudo de caso. Os resultados, de modo geral, apontaram que os benefícios do convívio e interação na Cinoterapia não ocorrem só para o ser humano mas, também, para o cão que busca na companhia e nas brincadeiras satisfazer suas necessidades, tornando-se, muitas vezes, como parte integrante da família.

Com base no que foi observado nesta pesquisa, pode-se afirmar que as atividades tornaram os alunos mais ativos e participativos, despertando interesse, alegria, bem-estar, ações motivadoras que beneficiam a sociabilidade e o convívio social, minimizando a solidão e depressão. O tratamento em Cinoterapia ajudou o autista a se desenvolver e a interagir melhor com os outros, auxiliando-o na realização de tarefas pelo aumento de interesse, melhorou na sua atenção e concentração pelo estímulo recebido na interação com o cão, sendo capaz de realizar atividades da vida diária como cuidados com sua higiene e material escolar, conforme o grau de seu comprometimento.

As pessoas que tem um cão de estimação veem o mundo menos complicado e mais feliz, os praticantes demonstraram sentir um afeto positivo em relação ao cão revelando que quanto maior o afeto pelo animal, maior foi o vínculo estabelecido entre eles. Isso ficou demonstrado pela “saudade”, pela falta que sentiram nos dias de intervalo entre uma sessão e outra, no reencontro caloroso de reconhecimento do parceiro de atividade, evidenciando o laço formado.

Esta convivência pode mudar as atitudes das pessoas diante da vida, aumentando a responsabilidade, bem-estar e satisfação. Essas considerações de reciprocidade só são possíveis para pessoas que amam os cães e entendem, nessa parceria, uma troca de benefícios em função da interação. Segundo Becker e Morton (2003), quanto maior o vínculo com o animal, maiores serão os benefícios que ele proporcionará, tendo em vista que se trata de um vínculo que vale a pena explorar, celebrar, proteger e expandir. O vínculo afetivo construído na interação com os animais mostrou-se como uma força transformadora, de mudança para a felicidade, diversão, aprendizagens e saúde mental.

O cão não tem noção de tempo como os humanos. Eles vivem o presente sem preocuparem-se com o futuro, vivendo cada momento como se fosse o último, brincando



intensamente e aproveitando uma caminhada na companhia do ser humano sem se importar para onde está indo.

A decisão de trabalhar com Cinoterapia requer compromisso e traz muitos aprendizados. O cão nunca o abandonará pela ligação afetiva construída entre ambos. Esse amor incondicional lhe garante que ele estará sempre ao seu lado, aconteça o que acontecer, e não se ressentir com suas atitudes, sendo capaz de perdoar se você se portar mal com ele. Ao seu lado, temos a certeza de ser amados porque eles atendem de imediato nosso chamado e colocam-se ao nosso lado sempre que possível.

Ao analisar os dados coletados identificou-se a importância da Cinoterapia em situações em que a afetividade é prejudicada pelas características dos transtornos de Autismo e TDAH. Obteve-se um resultado animador quanto aos benefícios dessa terapia na questão afetividade com a mediação do cão, principal foco deste trabalho. Assim, o tema proposto foi explorado teoricamente e constatado na prática.

Os princípios básicos apreendidos na Cinoterapia se estenderam para o ambiente familiar, visto que após o término do horário do projeto, as crianças continuavam em casa a realizar atividades com os cães (lembrando que foram apresentadas anteriormente a diferença entre Cinoterapia e Atividades com cães). Tais atividades também trazem inúmeros benefícios ao ambiente social familiar, os quais são descritos no decorrer da análise e interpretação dos resultados.

Ressalta-se que os participantes estreitaram os vínculos com os cães no decorrer do contato com eles nas sessões de Cinoterapia e, pela fala de uma mãe, constatou-se essa relação:

*Ele nem dava bola para os cachorros que temos em casa e que tem na vizinhança, parecia que eram invisíveis (risos). Depois que iniciou aqui, ele só quer saber de cachorro, não pode ver um que chama e acha que pode até brincar com ele, até os que estão dentro dos pátios por onde a gente passa, ele chama, chega ser chato (risos) porque se a pessoa da casa vê ele pára e pergunta o nome e outras coisas relacionadas com o cachorro.*

Nesse sentido percebeu-se que os cães passaram a ser “visíveis” onde quer que estivessem. Agora eles têm uma “importância” para os alunos participantes. A iniciativa de se aproximar de uma pessoa e perguntar sobre o cão comprova que a socialização ocorreu, pois o sujeito passa a interagir com pessoas que não conhecia fora do ambiente da Cinoterapia, levando para sua vida alguns hábitos saudáveis ali adquiridos, por meio das ações desenvolvidas no projeto, acrescentando ao desenvolvimento afetivo e social da criança.

Os pais relataram que depois da participação no projeto de Cinoterapia irão permitir uma maior convivência dos filhos com cães, pois agora conhecem uma alternativa que poderá ajudá-los a se relacionar melhor, a terem mais paciência e saber esperar. Uma mãe nos disse: “Antes ele não sabia esperar, era tudo para ontem, vivia ansioso, e quanto queria alguma coisa tinha que ser atendido na hora. Eu vivia estressada com isso, agora falo prá ele que assim como o cão espera que a gente leve a comida e água prá ele, ele também precisa esperar, e funciona (risos). Ele mesmo fala que não faz mal esperar um pouquinho porque sabe que vai ganhar, assim como o cachorrinho que sabe que logo ele leva a comida prá ele”. A mãe de Miguel relata que:

*[...] até ficou mais responsável com as tarefas da escola. Ele é responsável por alguns cuidados com o cão como a alimentação e, para isso ele aprendeu a se organizar nos horários. Chega da escola, dá comidinha para o cão e faz as tarefas para depois brincarem juntos sem ter temas para fazer. Daí não imponho horário para terminar as brincadeiras, mas logo ele cansa (risos).*

Ao questionário da matriz a mãe respondeu de forma positiva, demonstrando na sua fala os benefícios da terapia com o cão: “É que agora ele está mais alegre, menos ansioso, está quase sempre contente, vivia irritado e implicando com as outras crianças, agora chama todo mundo para brincar com ele e com o cachorro. E ele não se sente mais sozinho, eu não podia sair de perto que ele me chamava”. Percebe-se nesse relato que o cão proporcionou independência e segurança, pois a criança não se sente mais sozinha e vê no cão um companheiro.

O relato sobre o modo como os filhos tratam o animal revela que o vínculo que se estabeleceu é muito forte e que por meio desse laço podem ser beneficiados: “Meu filho trata o cachorro como gente. Um dia, sem querer pisei na patinha dele e nem cheguei a firmar o pé, mas meu filho deu um grito: cuidado mãe, ele sente dor também! Eu fiquei feliz porque meu filho não era de se importar com ninguém”.

Para Faraco (2008), os animais podem proporcionar ao ser humano inúmeros benefícios como: a companhia, a promoção de mudanças positivas no autoconceito e no comportamento das pessoas. Além disso, pode auxiliar no desenvolvimento de várias habilidades e no exercício de responsabilidades, ajudando a diminuir o stress, a combater a depressão e o isolamento e estimular o exercício físico.

O sentimento de empatia inexistente na maioria dos casos de autismo e de TDAH, isso porque eles são ensimesmados como característica e os hiperativos e desatenciosos quase não

percebem o outro, justamente por serem desatentos e acelerados. A empatia e o movimento de se colocar e/ou sentir o que o outro sente é muito importante para um bom convívio social. Pois ressalta a tolerância, as regras de saber esperar sua vez, de ser gentil, de fazer aos outros aquilo que gostaria que fizessem para si e outras situações que fazem muita diferença em todos os ambientes.

A Cinoterapia provocou mudanças significativas na vida do sujeito autista e do sujeito com TDAH, estabelecendo um vínculo estreito entre eles e os cães de assistência treinados para seguir seus comandos e de certo modo, empoderá-los. Esse fato melhorou a autoestima, tanto que, no intervalo semanal das sessões sentiram falta do animal e desse convívio breve, percebendo-se que a qualidade do tempo que permaneciam juntos no projeto era bastante significativa.

Tom e Miguel demonstraram vivenciar momentos prazerosos e alegres com a presença do cão. O convívio e proximidade deles com Lucky beneficiou-os ao minimizar a carência afetiva pela companhia. Trouxe-lhes calma, segurança, confiança ao sentirem-se acolhidos, tornando-os mais seguros e menos arredios, sentimentos que prejudicam a autoestima.

Os participantes foram motivados ao ato de “cuidar” do animal, dando-lhes petiscos após o término das atividades como forma de recompensa, esperando que fizessem suas necessidades, sempre acompanhados do terapeuta, melhorando suas condições físicas gerais, pelo movimento, ficando mais ágeis e mais dispostos.

Nas fábulas infantis e nos ditos populares, segundo Faraco (2008), os cães são mencionados como participantes ativos das histórias, sobretudo manifestando os benefícios dessa interação. Todos esses elementos levam as pessoas a acreditar que os cães são os melhores e mais fiéis amigos do homem.

Conforme os dados obtidos nesta pesquisa, os principais benefícios que a Cinoterapia proporcionou foram: socialização pela interação, melhora da autoestima pela aceitação do cão, melhora na atenção e concentração para cumprir as atividades principalmente os circuitos com obstáculos e objetos pertinentes a aprendizagens, a alegria, a companhia, a segurança e a parceria demonstrada nos momentos de corrida livre, conduzindo o cão pela guia. Além do mais, benefícios motores e psicológicos ao perceberem que os cães obedecem a ordens e gostam de receber carinhos e cuidados.

Como descrito no decorrer deste trabalho, a Cinoterapia é uma atividade carregada de possibilidades que oportuniza descobertas, buscas, aprendizagens, reaprendizagens, significação de conceitos e ressignificação de ações. Nesse contexto de vivências e

experiências, novos atributos são construídos a partir do amor e do respeito pelo animal, provocando inúmeros benefícios na área psicomotora e psicossocial. De acordo com Faraco (2008), os animais podem desempenhar os seguintes papéis: o de facilitador social, o de veículo simbólico para a expressão de emoções, foco de atenção e agente tranquilizador, objeto de apego, fonte de suporte social e instrumento vivo para aprendizagem de novas estratégias e formas de pensar e agir.

O benefício do cão de assistência é tão importante que é urgente discutir com a sociedade a ampliação de sua participação junto a todos ambientes sociais, podendo frequentar inclusive teatros, considerando que, com um bom treinamento, ele permanecerá quieto e próximo ao seu dono. Cabe a toda sociedade buscar compreender essa realidade e resistir à lógica da desigualdade buscando responder e intervir nas questões sociais possíveis de se positivar.

## CONCLUSÃO

Este estudo proporcionou uma experiência significativa sobre a dimensão afetiva estabelecida pela relação do ser humano com o cão. A proposta, cujo foco principal foi oportunizar e estimular a interação estabelecida entre o aluno com o cão com base na afetividade, trouxe benefícios à prática inclusiva, melhorando a socialização, a autoestima e a aprendizagem e contribuindo assim com o desenvolvimento global do sujeito da intervenção.

O desenvolvimento da pesquisa foi acompanhada a relação ser humano-cão enquanto importante auxílio no processo da educação inclusiva. Um dos objetivos de investigação como os benefícios do cão como coterapeuta evidenciou-se na troca afetiva, contribuindo para melhores perspectivas de uma sociedade inclusiva, construída nessa interação amistosa, cúmplice e afetiva.

Há um potencial a ser estudado na relação entre o ser humano e o animal. O cão, que está inserido no seio familiar como companheiro, é generoso e fiel, e como cão de assistência deve ser valorizado e cuidado como merece. Nesse sentido, o cão precisa estar bem e saudável para atuar como coterapeuta, pois tem a capacidade de despertar uma comunicação emocional com o ser humano pelo seu convívio diário com as pessoas. Apresentou-se os inúmeros benefícios ao aluno participante do processo alcançados na relação afetiva desse companheirismo com enfoque principal no auxílio do cão como coterapeuta em atividades diferenciadas, configurando-se como prática social transformadora da realidade no contexto escolar em que a inclusão se faz necessária.

A partir do reconhecimento desses benefícios, será possível cobrar leis mais efetivas que garantam a permanência dos Cães de Serviço em todos os locais públicos como: transporte público, cinemas, escolas, restaurantes, centros comerciais, entre outros. A presença e companhia dos cães ajuda o ser humano, proporcionando mais qualidade de vida, trazendo um bem estar e, como consequência, uma melhora na saúde das pessoas pela conexão entre o sentimento e a realização da atividade com o cão e um desenvolvimento do pensamento que amplia suas aprendizagens.

Os cães bem treinados e adestrados auxiliam a equipe interdisciplinar, estando aptos a auxiliarem na área da saúde e educação. Essa reflexão surgiu de uma inquietude profissional e como forma de contribuir para a melhoria da qualidade e efetividade da educação. Os resultados evidenciaram a contribuição social da Cinoterapia, uma ciência interdisciplinar que foi apresentada como um novo campo de trabalho nas questões inclusivas.

O cão instiga o praticante a participar com ordens de comando, motivando-o a chamá-lo, estimulando o desenvolvimento da fala que, ao expressar seus sentimentos resulta em um maior equilíbrio emocional. A investigação manifestou inúmeras possibilidades e oportunidades de crescimento emocional e pessoal no contato com o animal.

A preocupação em ser fidedigna aos estudos de caso para que o trabalho pudesse contribuir como fonte de pesquisa para trabalhos posteriores, visto que são poucas publicações científicas, foi uma constante. A proposta interdisciplinar efetivada na Cinoterapia buscou promover a ação no coletivo. Com base neste pressuposto e com o propósito de efetivar o movimento inclusivo, refletir e elaborar práticas de intervenção sociocultural nos dias atuais se faz cada vez mais necessário para construir uma nova possibilidade de sociedade mais justa e igualitária.

Ressaltou-se, ainda, a importância da linguagem como prática social e da sua função no diálogo com a família, em que a linguagem verbal possibilita que a comunicação aconteça, considerando-se também que ela não é a única. O propósito desta investigação não foi priorizar o discurso desta ou daquela linguagem, mas enfatizar outras formas de linguagem além da verbal. Evidenciar novas formas de comunicação foi uma orientação constante deste trabalho em Cinoterapia para contribuir para a compreensão de como a pessoa com deficiência pode se comunicar e interagir com outras pessoas e com o cão.

Educar não é buscar as respostas em um único caminho, mas possibilitar outros sentidos e significados ao que está sendo expresso na tão necessária interação social, considerando que estamos inseridos em uma sociedade massificada, coisificada. Na humanização da comunicação buscou-se outras formas de significação, transformando a sociedade em que se vive em um novo espaço social.

A partir dos encontros realizados no decorrer da proposta houve acompanhamento constante de profissionais de diversas áreas, considerando o processo metodológico que os alunos foram sendo significativamente influenciados ludicamente e afetivamente pela presença do cão. Isso ficou constatado nos encontros por meio da alegria demonstrada e pela disponibilidade em executar as atividades propostas. Para Faraco (2008) a companhia é um dos benefícios da presença dos animais na vida das pessoas e os animais de companhia estabelecem fortes vínculos emocionais recíprocos com os seres humanos.

Conclui-se que os encontros se tornavam cada vez mais agradáveis, indo além do planejado e atingindo a dimensão afetiva objetivamente e hipoteticamente esperada. Esse envolvimento realizado em Atividade Assistida por Animais fez-se à luz da concepção walloniana de afeto no que “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado

pelo mundo externo e interno por meio das sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (MAHONEY & ALMEIDA, 2007, p. 34).

Considerando os sujeitos de intervenção dessa pesquisa um autista e TDAH, ressalta-se a possibilidade de a Cinoterapia ser aplicada com outros grupos de pessoas (em casa de repouso de idosos, em hospitais, em brinquedotecas, e outros) pela forte relação afetiva estabelecida entre os seres humanos e os cães.

O tema, ainda pouco explorado pelo baixo número de pesquisas científicas, despertou a curiosidade e a necessidade de um maior aprofundamento para difundir a Cinoterapia e melhor entender a sua diferença em relação às atividades com o cão e os efeitos benéficos comprovados pela interação cão e participante, podendo esse trabalho ter continuidade pelo efeito transformador causado nos participantes.

As ações mediadas pelos cães não se restringem à interação, mas na socialização resultante dela, no envolvimento afetivo que dela decorre e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de habilidades cognitivas estimuladas pelas atividades interativas. Mas é preciso também ressaltar o desenvolvimento integral do ser humano, tais como: habilidades sociais, respeito à diversidade (os animais são considerados bonitos, feios, magros, gordos, têm deformidades físicas, temperamentos distintos), desenvolvimento da solidariedade, da autonomia e dos vínculos.

A convivência com o cão sempre trouxe muitos benefícios ao ser humano, inicialmente desempenhando o papel de vigilante, cuidando da segurança e dos bens de seu dono e alertando a aproximação de estranhos. Hoje, o papel do cão companheiro está aumentando, sobretudo em espaços onde casais tendem a diminuir o número de filhos ou buscando o cão como companhia para eles. O referido animal torna-se um aliado como cão de serviço e como companheiro, proporcionando autonomia e segurança pela confiança construída.

O processo inclusivo já apresenta alguns avanços quanto a profissionais e recursos, mas é evidente que tem muito a avançar. Espera-se que a Cinoterapia venha contribuir com esse avanço de forma permanente na cidade de Cruz Alta. A terapia com animais possibilita manter contato constante entre a família e a escola, orientando-os nas diferentes situações familiares e educacionais, no limite e nas formas de avaliações diferenciadas. Estas avaliações que valorizam o processo da aprendizagem, em que os testes sejam de uma linguagem clara e direta, com instruções simples em que se destacam palavras-chave, auxiliando para o entendimento e interpretação, em como fazer e a estimular o aluno a revisar depois de

concluída a atividade, valorizando e elogiando os progressos, mesmo que pequenos, demonstrando que é um sujeito capaz.

Observou-se uma redução significativa do tempo necessário para alcançar avanços terapêuticos e pedagógicos com o uso do animal como mediador desses processos ao pensar em atividades similares apenas na presença do terapeuta ou educador humano. Ao realizar o trabalho com o aluno houve a preocupação em dar um retorno para a escola para que seja realizado um trabalho conjunto, podendo inclusive durante um atendimento, deslocar-se com o cão até a escola.

Dos inúmeros benefícios aos seres humanos da interação homem-animal, destacam-se entre eles: motivação para a realizar atividade física, reabilitação pelo estímulo ao movimento, melhoria qualidade da vida com melhor grau de satisfação, melhoria do nível de aprendizagem, uma maior socialização e o aumento da autoestima.

A estratégia de intervenção proposta auxiliou o trabalho com as pessoas com necessidades especiais, sobretudo no processo de socialização e de aprendizagens desses alunos. As mudanças alcançadas contribuíram para melhorar a qualidade de vida e efetivar o processo inclusivo e social, desencadeando um sentimento de satisfação em toda equipe interdisciplinar participante.

Para superar as propostas reducionistas no campo educativo e psicológico, Santos (2000) usa a expressão “epistemologia da cegueira”, mostrando que há representações da realidade distorcidas e produzidas pela modernidade que impedem o entendimento do sujeito em sua totalidade. Além disso, as referidas propostas são fragmentadas para alcançar uma proposta realmente libertadora que torne o aluno autônomo e independente. Para isso acontecer, os planejamentos devem considerar o sujeito no contexto de suas vivências, a sua subjetividade, suas relações pessoais e interpessoais, engajados e persistentes no combate ao reducionismo, buscando a totalidade do sujeito e desestimulando modelos opressores baseados no modelo capitalista perverso.

Para que haja desenvolvimento social é necessário avançar na educação, pois o profissional cinoterapeuta engaja-se numa proposta comprometida com ações educativas diferenciadas para o enfrentamento dos desafios da educação inclusiva. Diante disso, os objetivos propostos para este trabalho geraram expectativas otimistas sobre possíveis avanços, principalmente nos pertinentes em relação à afetividade e à cognição. Essa terapia não se limita aos modelos reducionistas ou obsoletos, o que faz avançar na transformação da sociedade que está em constante evolução.



Pode-se afirmar que na Cinoterapia vislumbram-se muitos outros sentidos e significados ao que está sendo expresso pelo aluno durante a prática como mais uma contribuição ao contexto escolar, como sentimento de empatia pelo cão ao se preocuparem se está com sede, ao convidarem colegas para realizar uma atividade conjunta, entre outras demonstrações de afetividade.

Se o mundo está em constante transformação, as estratégias inovadoras também auxiliam para uma melhor compreensão de mundo, em seus contextos e nas culturas próprias de cada lugar. A interação social diferenciada torna-se necessária em uma sociedade massificada, de modo que busca-se na humanização da interação com o cão, outras formas de significação, transformando a sociedade em que se vive, em um novo e promissor espaço.

Figura 23: Cinoterapia, prática educacional de liberdade, ludicidade, aprendizagens e socialização.



Fonte: [centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br](http://centroequoterapiaeasaunicruz.blogspot.com.br), 2015.

Entende-se que o apoio da EASA foi fundamental, pelo acompanhamento e auxílio com recursos humanos, pela disponibilidade de seu amplo ambiente natural adequado e acolhedor que muito acrescentou ao propósito do projeto, tornando a pesquisa mais significativa e satisfatória. Ainda há muito a avançar nos direitos e proteção aos animais, cabendo aos profissionais de diferentes áreas e que tenham interesse, contribuírem com acompanhamento participativo, com a divulgação e com os estudos para que a Cinoterapia seja cada vez mais reconhecida.

Essas afirmações compuseram as ações pensadas como prática social transformadora, buscando no trabalho em equipe o protagonismo, tanto do cão quanto dos

sujeitos da pesquisa. Cabe à educação buscar compreender a realidade e resistir à lógica da desigualdade, buscando responder e intervir nas questões sociais possíveis de transformação.

Considerando as premissas destacadas no decorrer dessa dissertação, conclui-se que a terapia com o cão contribui para a promoção de uma prática social eficaz e constitui-se como uma possibilidade frente aos desafios da educação inclusiva.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Ser professor: um diálogo com Henri Wallon. In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007.

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, nº 2, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo, SP: Summus, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO (ABDA). **Cartilha do TDA-H da ABDA** — Disponível em: < [www.tdah.org.br/br/cartilhas-sobre-tdah](http://www.tdah.org.br/br/cartilhas-sobre-tdah) >. Acesso em: 30/08/2015.

BAKTIN, M.M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de P. Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. Disponível em < <http://www.soportugues.com.br/secoes/seman/seman1.php> > Acesso em 09/05/2014.

\_\_\_\_\_. Disponível em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise\\_do\\_discurso](http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_do_discurso) > capturado em 25/06/2014.

\_\_\_\_\_. Disponível em < <http://www.soportugues.com.br/secoes/seman/seman1.php> > capturado em 25/06/2014.

BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. Ferreira, B. **Análise de Conteúdo**. <http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm> em 19/10/2014.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BECKER, Marty, MORTON, Danelle. **O poder curativo dos bichos: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis**. RJ: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c\\_a/lex41.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm). Acesso em: 13/ 10/ 2014.

BRASIL, Corde. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educacionais Especiais**. Brasília: Corde, 1994.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos da Criança.** Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c\\_a/lex41.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm). Acesso em: 13/08/2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> > Acesso em: 16/09/2015.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CONSELHO MUNICIPAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Notas Técnicas, Resultados Preliminares da Amostra, IBGE,** 2011. Disponível em: < [http://cmpdcruzalta.blogspot.com.br/2012\\_04\\_01\\_archive.html](http://cmpdcruzalta.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html) > Acesso em 02/12/2015.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resoluções.** Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> > Acesso em 02/12/2015.

DOTTI, Jerson. **Terapia & Animais.** São Paulo: Noética, 2005.

ENDERLE, Carmen. **Psicologia do desenvolvimento: o processo evolutivo da criança.** 3 ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1990.

FARACO, Ceres Berger. **Interação Humano-Animal. Ciência veterinária nos trópicos.** Recife, v. 11. p. 31-35, abril, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman; Izabel Magalhães. **Discurso e mudança social.** Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio.** RJ: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística (Org.)** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Claudia Rodrigues de. **Corpos que não param: criança, TDAH e escola.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2011.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu e Outros Trabalhos (1913-1914) - **Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** - Vol. e outros trabalhos - VOLUME XIII Disponível em: < [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-2/2SF/Agumas\\_Reflexoes.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-2/2SF/Agumas_Reflexoes.pdf) >. Acesso em: 13/10/2014.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais em educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARCIA, R. L. "Um livro sobre o corpo". In: **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GARCIA, M.P.; BOTOMÉ S.P **Da domesticação à terapia: O uso de animais para fins terapêuticos**. Interação em Psicologia. UFSC. Disponível em: Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/Artigo/Imprimir/57020>> Acesso internet: 12/09/2015.

GARCIA, Gabriela. No Brasil, zooterapia ainda é incipiente. *Viver Mente e Cérebro*, n. 152, set. 2005. **Reportagens**. Disponível em < [http://www2.uol.com.br/vivermente/conteúdo/materia/materia\\_32html](http://www2.uol.com.br/vivermente/conteúdo/materia/materia_32html) > Acesso em: 16/09/2015.

GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. **Na língua dos bichos: Usando os mistérios do Autismo para decodificar o comportamento animal**. Título Original: *Animals in translations: Using the mysteries of Autism to decode animal behavior*. Tradução: Alyda Christina Sauer. 1. ed. 368 p. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

HOCCHMAN, J. **Histoire de l'autisme**. Paris: Odile Jacob, 2009.

IBGE - Pesquisa nacional. **Dados do censo demográfico**. Disponível em: < <http://cmais.com.br/educacao/a-educacao-inclusiva-no-brasil-em-numeros> > Acesso em: 19/06/2015.

LACAN, J. O Seminário, livro I, **Os escritos técnicos de Freud (1953-54)** Rio de Janeiro, Zahar Editores S.A.,1983.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

\_\_\_\_\_ **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMBERT, Eduardo. **A terapia do riso: a cura pela alegria**. São Paulo: Pensamento, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MACHADO, Alexsandro dos Santos. **O (re) conhecimento da vontade de potência dos educadores pela narração de suas histórias de vida**. Proposta de Dissertação (Mestrado) - PPGE (Orientador Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha) UFSM, Santa Maria, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. *Psicologia da educação*, v. 20, 2005.

MANTOAN, M.T E. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MANZINI, Eduardo José. **Portal de ajudas técnicas:** equipamento e material pedagógico especial para a educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para comunicação alternativa. 2. ed. Eduardo José Manzini, Débora Deliberato. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia:** uma introdução. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua.** Perguntas e respostas sobre Transtorno de Déficit de Atenção em Crianças, Adolescentes e Adultos. São Paulo: Lemos Editorial, 2005.

MAY, Tim. **Pesquisa social:** questões, métodos e processos. 3 ed. Porto Alegre: Artemed, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLAN, Cesar. **Um membro da família:** O guia definitivo para um cachorro feliz e saudável. Cesar Millan, Melissa Jo Peltier; [tradução Carolina Caires coelho]. 1 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

\_\_\_\_\_. **Cães educados, donos felizes.** 8. ed. Campinas São Paulo, Verus; 2012. Reportagens RBS TV com Luciane Dal Soto - Região Sul e pela TV UNICRUZ.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

REPORTAGEM. **Cinoterapia.** Clara e Lucky - Dia da Criança. Disponível em: Youtube- < [https://www.youtube.com/watch?v=bbbFtU\\_C7wc&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=bbbFtU_C7wc&feature=youtu.be) > Acesso em: 18/11/2014.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Epistemologia da pesquisa em educação.** Campinas; Praxis, 1996.

\_\_\_\_\_. A Dialética na Pesquisa em Educação: Elementos de Contexto. In: FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional.** São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, K.C.P.T. **TAA:** Uma experiência além da ciência. São Paulo. Paulina, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro. Record, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma concepção pós-moderna do direito. A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

\_\_\_\_\_. **Para um novo senso comum:** a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. V. 1.

\_\_\_\_\_. **Epistemologias do sul.** Com Maria Paula (Orgs.) Coimbra: Edições Almedina. 2009.

\_\_\_\_\_. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Filho, J.C dos, SÁNCHEZ & GAMBOA, S. (Org). **Pesquisa educacional: Quantidade - Qualidade.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

STAKE, R.E. **A arte de investigação com estudos de caso.** Lisboa: Gulbenkian, 2007.

\_\_\_\_\_. **Investigación con estudio de casos.** Madrid: Morata, 1995.

TERNES, J. Michel Foucault e o nascimento da Modernidade. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP,** São Paulo, vol. 7, n.1, out. 1995. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol07n12/nasce.pdf>> Acesso em: 18/11/ 2014.

TIBA, Içami. **Relações humanas em sala de aula.** Disponível em: TIBA: site.e.educacional <[www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0006](http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0006)>. Acesso em: 28/10/2014.

TIBA, Içami. **Disciplina, limites na medida certa.** 1. ed. São Paulo: Gente, 1996.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia e marxismo.** Volume Único. São Paulo: Atlas, 1987.

\_\_\_\_\_. Bases Teórico-Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: ideias gerais para elaboração de um Projeto de Pesquisa. **Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis,** Porto Alegre, v. 4, n.2. 2001.

WALLON, Henri. (1925). **A criança turbulenta: Estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental.** Trad. Gentil Avelino Titton. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada.** Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1986.

\_\_\_\_\_. Apresentação de Izabel Galvão. **Henri Wallon por Aurea Nitta** - youtube. Disponível em: <<http://youtu.be/5yBj9H3FFgI>> Belo Horizonte. ATTA Mídia e educação. Cedec Brasil. Acesso em: 13/10/2014.

\_\_\_\_\_. Apresentação da Profª Drª Elizabeth R. Sanada. IS- Instituto Singularidades-EaD - **Nível Funcional de Afetividade. Aprendizagem Desenvolvimento Humano.** Disponível em: < <http://youtu.be/lnAQQfxfm9E>>. Acesso em: 13/10/2014.

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 1986.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. 2009 Disponível em: <[www.sinterroraima.com.br/imagens/artigos/desafiosindisciplina](http://www.sinterroraima.com.br/imagens/artigos/desafiosindisciplina)> Acesso em: 24/ 12/2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich (1896-1934). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância**. São Paulo: Martins Fontes. 1995.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.





## ANEXOS

### ANEXO A - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O CÃO NO CONTEXTO INCLUSIVO

**Pesquisador responsável:** Vaneza Cauduro Peranzoni  
**Pesquisadora mestranda:** Denise Maria Bossoni do Amaral

**Instituição/Departamento:** UNICRUZ / PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

**Telefone para contato:** Pesquisadora: (55) 99619434 / Mestranda: (55) 91766818

**Local da Aplicação do Projeto:** EASA - Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas.

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes e professores cujos dados serão coletados através de entrevistas semi estruturadas, questionários, fotos e filmagens. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na **Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ** por um período de **2 anos, após a realização da pesquisa**, sob a responsabilidade da **pesquisadora responsável** Vaneza Cauduro Peranzoni e da **Mestranda** Denise Maria Bossoni do Amaral. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ em...../...../....., com o número do CAAE .....

Cruz Alta, .....de ..... de 20.....



**ANEXO B - CARTA DE APRESENTAÇÃO À INSTITUIÇÃO - AUTORIZAÇÃO  
PARA REALIZAR A PESQUISA**

**Título do projeto:** A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO  
VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O CÃO NO  
CONTEXTO INCLUSIVO

**Pesquisador responsável:** Vaneza Cauduro Peranzoni

**Pesquisadora mestranda** - Denise Maria Bossoni do Amaral

**Instituição/Departamento:** UNICRUZ / PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS  
SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

**Telefone para contato:** Pesquisadora: (55) 99619434 / Mestranda: (55) 91766818

**Local da Aplicação do Projeto:** EASA - Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das  
Armas.

Cruz Alta, ..... de 201.....

Prezado (a) Diretor (a):

Ao cumprimentá-lo (a) cordialmente, apresentamos a mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta- Unicruz, que estará realizando a Pesquisa intitulada: como Trabalho de Dissertação e, para efetivação de sua pesquisa a acadêmica necessitará coletar alguns dados nesta Instituição de Ensino. Trata-se de uma pesquisa que tem por objetivo possibilitar através da Cinoterapia um meio de socialização com bases pedagógicas e terapêuticas, através da interação entre o cão e a criança otimizando o processo inclusivo.

Salientamos que se trata de uma pesquisa de cunho estritamente científico na qual será garantido o anonimato dos pesquisados e o sigilo dos dados coletados na instituição.

Contando com sua colaboração, agradecemos antecipadamente.

Para tal solicitamos a autorização de Vossa Senhoria para que os (as) mesmos(as) possam coletar os referidos dados.

Na certeza de sua compreensão e colaboração, agradecemos antecipadamente, colocando-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos.

---

Professor Orientador

Dr<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni

---

Acadêmica

Mestranda Denise Maria Bossoni do Amaral



## **ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr (a) pai(s) ou responsável foi selecionado (a) e está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: que tem **A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O CÃO NO CONTEXTO INCLUSIVO** como **objetivo**: Possibilitar através da Cinoterapia um meio de socialização com bases pedagógicas e terapêuticas, através da interação e do vínculo afetivo entre cão e criança otimizando o processo inclusivo.

Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa através de pesquisa-ação, história de vida e estudo de caso.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de questionário, que será guardado por cinco (05) anos e incinerado após esse período.

O Sr (a) não terá nenhum **custo** ou **quaisquer compensações financeiras**. Não **haverá riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Educação no que

se refere à contribuição dos benefícios do vínculo afetivo estabelecido entre homem e o cão no contexto educativo.

O Sr (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/ e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Desde já agradecemos.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni  
Telefone: 99619434

Denise Maria Bossoni do Amaral  
Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social: UNICRUZ  
Fone: celular 55 -91766818 res: 33222082  
E-mail: dbossoni.amaral@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ - Fone (55) 3321 1500 Ramal 2618

Cruz Alta- RS, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

---

Responsável pelo sujeito da Pesquisa (assinatura)



## ANEXO D -ANAMNESE - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Questionário realizado com a Família (prioritariamente a mãe) sobre a história de vida do participante.

Este instrumento possibilitará conhecer a história pregressa do aluno até a chegada na escola desde a gravidez, como acontece o seu desenvolvimento físico e psíquico, assim como sua constelação familiar.

### ANAMNESE

#### Dados Pessoais

Nome:.....

Tem apelido? ( ) Sim ( ) Não Qual?..... Ele(a) gosta?.....

Data de Nascimento:..... Idade:.....anos

Sexo: Feminino ( ) Masculino ( )

Endereço: Rua:..... Bairro:.....

Cidade:..... CEP:.....

Telefones para Contato:.....

**Escola:**..... **Série que cursou:**.....

Endereço:.....

Telefone da Escola:.....

Contato/Professora/ Horário:.....

#### Dados da Família

Nome do pai:.....Idade:.....anos

Profissão:.....

Nome da mãe:.....Idade:.....anos  
 Profissão:.....

**Irmãos:** (nome e idade)

.....  
 .....

**Esquema Familiar;**

.....  
 .....

**Diagnóstico médico:**

.....  
 .....

**Necessidades do aluno:**

.....  
 .....

## **HISTÓRIA DE VIDA**

**Concepção:**

Filho(a) desejado(a)? Sim ( ) Não ( )

A gravidez foi acidental? Sim ( ) Não ( )

Perturbou a vida do casal ou de um dos pais? Sim ( ) Não ( )

Como foi a gestação? (cuidados pré-natais, doenças, sintomas, alimentação...)

.....  
 .....

Como foi o parto? (sofrimento fetal, má oxigenação, lesão...)

.....  
 .....

Mastiga bem? Sim ( ) Não ( ) Comem junto? Sim ( ) Não ( )

Come vendo televisão? Sim ( ) Não ( )

**Eliminação:**

Com que idade parou de usar as fraldas?.....

Como foi a passagem para o troninho (segurava? molhava a roupa? brincava e saía correndo?  
 era repreendido? chorava? )

.....  
 .....  
 Como eram as fezes? ( ) líquida ( ) pastosa ( ) normal

**Evolução Psicomotora:**

Ficou no cercadinho? Sim ( ) Não ( ) Engatinhou? Sim ( ) Não ( )

Anda? Sim ( ) Não ( ) Tem dificuldades para andar? Sim ( ) Não ( )

Com que idade andou? .....Caía muito? Sim ( ) Não ( )

Quem ensinou a andar?.....

Como aprendeu a andar?.....

Mostrava-se corajoso?.....

Subia e sobe escada? Sim ( ) Não ( )

Era corajoso(a) para explorar espaços? Sim ( ) Não ( )

Era inseguro(a)? Sim ( ) Não ( )

Com quem se sentia mais seguro?.....

Como evoluiu a coordenação dos movimentos finos (segurar brinquedos, uma colher, fazer rabiscos...)?.....

E dos grandes músculos? (chutar bola, correr...)  
 .....  
 .....

**Hoje:**

É estabonado? Sim ( ) Não ( ) É agitado? Sim ( ) Não ( )

Anda de bicicleta sem rodinha? Sim ( ) Não ( )

Anda a cavalo? Sim ( ) Não ( ) Sobe em árvore? Sim ( ) Não ( )

**Desenvolvimento da fala:**

Sua fala é compreensível? Sim ( ) Não ( )

Com que idade começou a se comunicar pela fala? .....

Com quem falava mais?.....

Falava(m) para ele repetir? Sim ( ) Não ( )

Quais foram as primeiras palavras?.....

Trocava letras ao falar? Sim ( ) Não ( ) Quais?.....



Falava muito errado ou sua fala era ou é incompreensível?.....

**Hoje:**

Sua fala é compreensível? Sim ( ) Não ( )

Troca letras? Sim ( ) Não ( ) Fala muito/ pouco (ansioso) Sim ( ) Não ( )

Dê um exemplo de como ele(a) fala

.....  
.....

Consegue contar um fato, uma história? Sim ( ) Não ( )

**Sono:**

É agitado? Sim ( ) Não ( ) É sonâmbulo? Sim ( ) Não ( )

.....  
.....

Dorme só ou acompanhado?..... Com quem?.....

Quando acorda vai para a cama dos pais? Sim ( ) Não ( )

Tem medo de dormir sozinho? Sim ( ) Não ( )

Enurese noturna; Sim ( ) Não ( )

**HISTÓRIA CLÍNICA:**

Teve doenças Infantis? Quais?.....

Bronquite? Sim ( ) Não ( ) Alergia? Sim ( ) Não ( ) Asma? Sim ( ) Não ( )

Viroses Infantis? Sim ( ) Não ( ) .. Internações? Sim ( ) Não ( )

Cirurgias? Sim ( ) Não ( )

.....  
.....

Outras doenças:.....

Tratamentos realizados: (fonoaudiológico, psicológico, neurológico...)

Qual?.....  
.....

Problema de visão? Sim ( ) Não ( ) Audição? Sim ( ) Não ( )

Problemas psicossomáticos? Sim ( ) Não ( )

**HISTÓRIA DA FAMÍLIA:**

Fatos marcantes dos pais e irmãos (antes, durante e depois da entrada do aluno na família).....  
.....

**ESTIMULAÇÃO:**

A criança tem acesso a brinquedos e jogos pedagógicos? Sim ( ) Não ( )

Revistas, livros? Sim ( ) Não ( ) brinquedos eletrônicos? Sim ( ) Não ( )

Participa de atividades como dança? Sim ( ) Não ( )

Música? Sim ( ) Não ( )

Esporte? Sim ( ) Não ( )

Outra? Qual?.....

**SITUAÇÕES NEGATIVAS VIVENCIADAS PELA CRIANÇA** (através e alterações familiares)

Nascimento de irmãos: Sim ( ) Não ( ) Mudanças: Sim ( ) Não ( )

Mortes, perdas: Sim ( ) Não ( )

De quem?.....

Desempregos? Sim ( ) Não ( ) Separações? Sim ( ) Não ( )

**HISTÓRIAS DA FAMILIA AMPLIADA**

Família: Passado, Presente, Interferências, Ligações, Quadros Patológicos:

.....  
.....  
.....

Forma de disciplina:

.....  
.....

Atitude dos pais diante da falta de limite do filho (a)

.....  
.....

Como a criança reage?

.....  
.....

Tem alguém que protege? Sim ( ) Não ( ) Quem?

.....

É muito censurada? Sim ( ) Não ( )

**RELACIONAMENTOS:**

Relaciona-se bem com:

Pai: Sim ( ) Não ( ) mãe: Sim ( ) Não ( ) irmãos Sim ( ) Não ( )

A família está enfrentando algum problema? Sim ( ) Não ( )

Qual?.....  
.....

Como é o ambiente de brincadeira no dia a dia? Quais brincadeiras?

.....  
.....  
.....

Qual é a atividade que mais gosta de fazer?

.....  
.....  
.....

Com quem?.....

Como se relaciona com os amigos?

.....  
.....  
.....

É líder? Sim ( ) Não ( ) Chora nas brincadeiras? Sim ( ) Não ( )

Realiza alguma atividade com autonomia? Sim ( ) Não ( )

Quais?.....  
.....

Assunto ou lazer que mais interessa ao aluno:

.....  
.....

**HISTÓRICO ESCOLAR;**

(Considerar: entrada precoce ou tardia na escola, trocas constante de escolas, como se processou a alfabetização dos pais para lidar com as questões e exigências da escola)

Frequentou creches? Sim ( ) Não ( )

Quando entrou na escola? ( idade):

Porque?.....  
.....

Como foi feita a escolha da escola?

.....  
.....

Caso tenha havido uma mudança, porque mudou?

.....  
.....  
.....

Esteve ou está incluído no ensino regular? Sim ( ) Não ( ) Em que turma?.....

Já teve algum problema com professor? Sim ( ) Não ( )

Qual?.....  
.....

Falta muito a escola? Sim ( ) Não ( )

Porque?.....

O que você acha da escola? (há uma abertura, diálogo?) você participa das ações da escola?

.....  
.....  
.....

**FINALIZANDO:**

O que você mais gosta nesse (a) filho (a)?

.....  
.....  
.....

O que você não gosta nele (a)?

.....  
.....  
.....

**OBSERVAÇÕES:**

.....  
.....  
.....



**ANEXO E - QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS**

1. Você sabe o que é CINOTERAPIA? Sim ( ) Não ( )

2. Você poderia explicar o que entende por CINOTERAPIA?

.....  
.....  
.....  
.....

3. Escolha um desses profissionais ou terapia que você acha que contribuiria para o atendimento educacional especializado de seu filho(a)?

( ) equoterapeuta

( ) cinoterapeuta



**ANEXO F - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES**

1. Qual a sua formação profissional?

.....  
.....  
.....

2. Qual a sua idade e há quanto tempo trabalha com educação inclusiva?

.....  
.....  
.....

3. Quais as maiores dificuldades que encontra no fazer pedagógico de seu dia a dia na escola, em relação ao emocional dos seus alunos?

.....  
.....  
.....  
.....

4. Já conhecia a proposta de Cinoterapia?

Acredita que essa proposta poderá contribuir para o desenvolvimento integral do aluno?

.....  
.....  
.....



## ANEXO G - CARTA PARA VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISAS

Cruz Alta, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Prezado (a) Professor(a)

Sou Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento social da Universidade de Cruz Alta, com a temática: **A CINOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL: BENEFÍCIOS DO VÍNCULO AFETIVO ESTABELECIDO ENTRE O SER HUMANO E O CÃO NO CONTEXTO INCLUSIVO**, com o objetivo de possibilitar através da Cinoterapia um meio de socialização com bases pedagógicas e terapêuticas, através da interação cão e criança otimizando o processo inclusivo, e se este ato contribui no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social do educando.

Assim sendo, solicitamos sua colaboração na pesquisa com a validação de nosso(s) instrumento(s) de pesquisa que segue(m) em anexo.

Na certeza de sua colaboração, agradecemos antecipadamente.

---

Denise Maria Bossoni do Amaral- Aluno Pesquisador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni  
Orientador(a) da Pesquisa



## ANEXO H - MATRIZ DE ANÁLISE DA PESQUISA

OBJETIVOS	CATEGORIAS	QUESTÕES
<p>Objetivo 1</p> <p>Analisar o processo de socialização pela interação estabelecida entre o cão e o ser humano</p>	<p>- Socialização</p> <p>- Interação</p>	<p>Observações e relatos</p>
<p>Objetivo 2</p> <p>Verificar os benefícios da Cinoterapia no processo inclusivo</p>	<p>-Benefícios da Cinoterapia</p>	<p>Observações e relatos</p>
<p>Objetivo 3</p> <p>Sistematizar a contribuição da Cinoterapia para o processo de socialização e aprendizagens do aluno com necessidades especiais pela interação estabelecida com o cão</p>	<p>- Contribuições da Cinoterapia</p>	<p>Questão 3 (pais e professores)</p>
<p>Objetivo 4</p> <p>Descrever as transformações decorrentes dessa intervenção como forma de contribuir para a melhoria da qualidade e efetividade da educação inclusiva evidenciando a contribuição social dessa proposta de pesquisa-ação</p>	<p>- Transformações pela intervenção</p>	<p>Relato/ contextualização</p>





**ANEXO I - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICRUZ - UNIVERSIDADE DE CRUZ**

**ALTA**

APÊNDICE J: CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA  
DA UNICRUZ - UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA.....

Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 – Conselho Nacional de Saúde

O Comitê de Ética em Pesquisa - UNICRUZ, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - (CONEP/MS), analisou o protocolo de pesquisa: CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): nº.....

Pesquisador responsável: Vaneza Cauduro Peranzoni

Aluno Pesquisador : Denise Maria Bossoni do Amaral

Este projeto foi Aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos de acordo com as Diretrizes estabelecidas na Resolução 466/2012 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente a este Comitê.

O pesquisador deve apresentar ao CEP em .....o relatório final.

DATA DA REUNIÃO DE APROVAÇÃO: .....

Cruz Alta, .... de ..... de ....

---

Universidade de Cruz Alta  
Campus Universitário Dr. Ulisses Guimarães  
Rodovia Municipal Jacob Della Méa, Km 5.6  
Caixa Postal 858. Distrito Parada Benito  
CEP: 98.020-290 Cruz Alta - RS